UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

MAYARA GONÇALVES MADEIRA

**Conteúdos e métodos de ensino preconizados por treinadores de handebol nas categorias
sub-14 e sub-16**

Ribeirão Preto

2019

MAYARA GONÇALVES MADEIRA

**Conteúdos e métodos de ensino preconizados por treinadores de handebol nas categorias
sub-14 e sub-16**

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestra em Ciências, Programa de Pós-Graduação Educação Física e Esporte.

Área de concentração: Atividade Física e Esporte

Orientador: Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes

Ribeirão Preto

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Madeira, Mayara Gonçalves

Conteúdos e métodos de ensino preconizados por treinadores de handebol nas categorias sub-14 e sub-16. Ribeirão Preto, 2010. 103f.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Menezes, Rafael Pombo.

1. Handebol. 2. Pedagogia do Esporte.. 3. Processo de ensino-aprendizagem.

MADEIRA, M. G. **Conteúdos e métodos de ensino preconizados por treinadores de handebol nas categorias sub-14 e sub-16.** 2019. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por guiar e iluminar meu caminho, pela saúde, paciência, sabedoria e discernimento ao longo da vida.

Aos meus pais e minha irmã pelo amor, paciência, incentivo e apoios.

Agradeço a minha melhor amiga, Mariana, pelo compartilhamento de ideias, discussões produtivas sobre diversos assuntos, pela paciência, ajudas e incentivos no dia-a-dia, pelos momentos difíceis e pelos fáceis também e por toda cerveja partilhada e degustada pelos bares da vida. Gratidão.

Aos meus amigos que de alguma forma torceram e incentivaram esse novo ciclo de vida, formando uma rede de apoio e salvando minha sanidade mental. Agradeço também aos times da Educação Física USP RP, LAURP/Ribeirão Preto, que muitas vezes foi a salvação e o ponto de paz durante os treinos e fora deles também. A amizade construída dentro das quatro linhas de fato se estendeu para vida e contribuíram muito para que, de alguma forma, vários aspectos da minha vida dessem certo. Estendendo, também, os agradecimentos a Felipe Modolo, Rafael Menezes e Bruno Bedo, que além de treinadores foram amigos e muito me ensinaram.

Agradeço aos Prof. Dr. Renato Marques, Prof. Dr. Alcides Scaglia, Profa. Dra. Fernanda Impolcetto, Profa. Dra. Myrian Nunomura por aceitarem fazer parte da banca da minha qualificação/defesa como membros suplentes. Ao Prof. Dr. Márcio Morato, Prof. Dr. Pablo Juan Greco pelas contribuições feitas, que ajudaram muito no desenvolvimento, além de aceitarem o convite para qualificação e defesa e, por último não menos importante, ao Prof. Dr. Guy Ginciene por aceitar o convite para ser banca da minha defesa. Com certeza as contribuições e opiniões de todos acrescentarão no projeto e no meu crescimento.

Meus agradecimentos ao meu orientador, amigo, treinador Prof. Dr. Rafael Menezes, por todos os anos de aprendizagem que me proporcionou, por tanta paciência e confiança no decorrer dos projetos, pela oportunidade de me capacitar e me desenvolver pessoalmente e profissionalmente. Obrigada por ser um exemplo pra mim.

Por fim, agradeço aos times que confiaram no meu trabalho e que pude contribuir e aprender durante meus anos de graduação e pós-graduação: Nutrição USP RP, Medicina UNAERP, Fisioterapia USP RP, Direito USP RP, Farmácia USP RP, ODONTO USP RP, LAURP/Ribeirão Preto. São nos momentos de oportunidade que posso realmente confiar mais no meu trabalho e me inspirar a fazer cada vez melhor.

“A felicidade é um estado de espírito. Se a sua mente ainda estiver num estado de confusão e agitação, os bens materiais não vão lhe proporcionar felicidade. Felicidade significa paz de espírito.”

Dalai Lama

MADEIRA, Mayara Gonçalves. **Conteúdos e métodos de ensino preconizados por treinadores de handebol nas categorias sub-14 e sub-16**. 2019. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

RESUMO

O handebol é caracterizado como um jogo coletivo esportivizado (JCE) de invasão, no qual há relações de cooperação e de oposição. O cenário complexo e imprevisível do handebol é influenciado pelos elementos técnicos e pelos elementos técnico-táticos inerentes à cada fase do jogo (ofensiva, defensiva e transições), nas quais os jogadores devem tomar decisões para solucionar as situações-problema que aparecem. Nesse contexto, o treinador tem o papel pedagógico importante no processo de ensino-aprendizagem, que é inerente a cada faixa etária e considera capacidades cognitivas e motoras dos jogadores e conteúdos específicos, ensinados a partir de diferentes métodos de ensino. A observação dos elementos técnico-táticos do jogo pode revelar informações sobre o desenvolvimento dos jogadores, da equipe e fornecer importantes parâmetros para o treinamento das equipes. Esta pesquisa objetiva a identificação do processo de ensino-aprendizagem durante a formação de jogadores das categorias sub-14 e sub-16 a partir da opinião de treinadores da categoria, de modo a elencar os conteúdos e os métodos de ensino relevantes e priorizados nas categorias em questão. Para a análise das entrevistas com os treinadores selecionados foi utilizado o método de Análise Temática (AT). Desta maneira foi possível observar que, de modo geral, na categoria sub-14 ofensivamente os treinadores se dividem quanto à preferência dos fundamentos técnico-táticos individuais, meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão, já na fase defensiva priorizam os aspectos cognitivos e tomada de decisão. Utilizando o TGfU para o ensino destes, sendo que os métodos tradicionais pouco aparecem. Na categoria sub-16, os meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão são os que mais ocorrem na fase ofensiva e defensiva. Igualmente à categoria sub-14, o TGfU é preferido em relação aos métodos tradicionais.

Palavras-chave: Handebol; Pedagogia do esporte; Processo de ensino-aprendizagem; Formação esportiva.

MADEIRA, Mayara Gonçalves. **Content and teaching methods recommended by handball coaches in the under-14 and under-16 categories.** 2019. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

ABSTRACT

Handball is an invasion team sport, with relations of cooperation and opposition between players. The complex and unpredictable scenario of handball is influenced by the technical and tactical elements of each phase of the game (offensive, transitions and defensive), in which players must make decisions to solve specific problems. In this way, the coach has an important pedagogical role of the teaching-learning-training process, specific to each age group, considering the cognitive and motor abilities of players, starting from general and specific contents taught from of different teaching approaches. The observation of the technical and tactical elements of the game can reveal informations about the development of the players, and provide important parameters for coaches. The aim of this research project was to identify the pedagogical procedures adopted by coaches of handball U-14 and U-16 teams to identify the contents and the teaching approaches prioritized. Thus, for the analysis of coaches speeches was used the Thematic Analysis (TA) method. Thus, it was possible to observe that, in general, offensively, in the under-14 category the coaches are divided as to the preference of the individual technical-tactical fundamentals, group tactical means and cognitive development and decision-making, while in the defensive phase they prioritize the cognitive development and decision making. Using TGfU for their teaching, and the traditional methods appear little. In the under-16 category, the group tactical means and cognitive development and decision making are the ones that occur most in the offensive and defensive phase. Like the under-14 category, TGfU is preferred over traditional methods.

Key-words: Handball; Teaching-learning process; Sport pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Trabalhos encontrados no período de busca	pág. 19
Figura 2. Quantidade de trabalhos de acordo com a Região da Instituição	pág. 20
Figura 3. Trabalhos por áreas de conhecimento	pág. 21
Figura 4. Número de trabalhos de acordo com as regiões do país, nível e área de conhecimento	pág. 21
Figura 5. Número de trabalhos de acordo com o ano, região do país e área de conhecimento	pág. 22
Figura 6. Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP)	pág. 46
Figura 7. Síntese de apresentação dos resultados	pág. 47

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1. Trabalhos Esporte Escolar	pág. 23
Quadro 2. Trabalhos Esporte de Lazer	pág. 24
Quadro 3. Trabalhos Esporte de Alto Rendimento	pág. 25
Quadro 4. Informação do número total das equipes participantes e treinadores entrevistados	pág. 36
Quadro 5. Caracterização dos treinadores entrevistados	pág. 36
Quadro 6. Temas dos conteúdos individuais e coletivos ofensivos	pág. 41
Quadro 7. Temas dos conteúdos individuais e coletivos defensivos	pág. 42
Quadro 8. Temas dos métodos de ensino	pág. 43

LISTA DE ANEXOS

	Página
Anexo A. Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	pág. 96
Anexo B. Termo de Consentimento Livre Esclarecido	pág. 99
Anexo C. Instrumento de Entrevista	pág. 100

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	13
OBJETIVOS	15
REVISÃO SISTEMÁTICA	16
INTRODUÇÃO	16
MÉTODO	18
RESULTADOS	19
DISCUSSÃO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
MÉTODO	37
RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
CATEGORIA SUB-14	49
CATEGORIA SUB-16	66
CONCLUSÃO	87
LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS	90
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Os jogos coletivos esportivizados (JCE) exigem habilidades específicas dos jogadores, assim como elementos oriundos da interação entre esses, na qual se misturam companheirismo e rivalidade, técnica e coordenação, emoções e incertezas (GRECO, 2001). Nos JCE, os jogadores desenvolvem sequências de ações e tomadas de decisão encadeadas, de acordo com as fases de ataque e defesa, determinadas pela posse da bola (BAYER, 1994). Devido à imprevisibilidade e à complexidade do jogo, além do comportamento dos companheiros e adversários, os jogadores devem saber situar-se no plano espaço-temporal (no ataque: utilizar a bola individualmente e coletivamente para ultrapassar os adversários; na defesa: produzir obstáculos e dificuldades ou parar os movimentos dos adversários para conseguir a recuperação da posse de bola), no plano da informação (produzir incertezas para os adversários e certezas para os companheiros) e no plano da organização (individual-coletiva), para que possam resolver as situações de jogo (GARGANTA, 1995).

Para Scaglia (2003, apud LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009) os jogos possuem uma estrutura interna, composta pelas regras do jogo, pelos jogadores, ações intencionais e de fácil compreensão para a resolução de problemas do jogo, além de condições externas, que se interagem simultaneamente durante todo o jogo.

Dentre os conteúdos específicos do handebol destacam-se: os sistemas de jogo (ofensivos e defensivos), os elementos técnico-táticos individuais e coletivos (ofensivos e defensivos) e os elementos técnicos (ou fundamentos) (MENEZES, 2011). O domínio e o emprego das técnicas específicas e a compreensão do cenário técnico-tático do jogo estão relacionados a diferentes capacidades dos jogadores, tais como a percepção, a atenção, a memória, a antecipação e a tomada de decisão (MATIAS; GRECO, 2010). Desta forma, exige-se que o comportamento tático do atleta seja flexível para que se adapte rapidamente às alterações nas situações de jogo, que são imprevisíveis (GRECO, 2001) e moduladas pelas relações entre os jogadores.

O processo de ensino-aprendizagem do handebol, tendo o treinador como um dos principais protagonistas para o desenvolvimento esportivo, deve consistir em aspectos para a aprendizagem dos jogadores, contemplando a formação completa desses a partir atividades dinâmicas que provoquem a compreensão do jogo (MENEZES; SOUSA; BRAGA, 2011). Os treinadores devem realizar atividades e buscar fontes para que o atleta consiga adquirir conhecimento e consiga realizar as tarefas oferecidas. Dentro disso, é importante que as atividades devem ser realizadas e entendidas na teoria de modo que

aconteça a transferência para a prática, fazendo adaptações aos contextos e situações de jogo quando necessário (BOWES; JONES, 2008; CUNHA et al., 2014).

O crescimento do nível de aptidão dos jogadores está diretamente relacionado ao processo de ensino-aprendizagem, o qual deverá ter o jogo como um meio de incentivar, instigar, desafiar e possibilitar as relações entre os jogadores e por ser um indicador da evolução e das limitações destes (GRECO, 1995, 2001). Além disso, é importante que o treinador considere dentro do processo de ensino-aprendizagem a fase do jogo (ofensiva; defensiva e transições) para que opte por sistemas específicos que nortearão o posicionamento e o comportamento dos jogadores taticamente (MENEZES; REIS, 2010).

A opinião dos treinadores se tornou uma fonte de estudos no campo esportivo, seja para a identificação de aspectos ligados ao seu ensino (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015; BRASIL et al., 2016; MENEZES; REIS, 2017), à análise de jogo (PRUDENTE; GARGANTA; ANGUERA, 2004; SARMENTO et al., 2014; MENEZES; MORATO; REIS, 2015) ou à formação profissional (MESQUITA et al., 2011; FEU MOLINA et al., 2012; CUNHA et al., 2014; BETTI et al., 2015; ELLIOT; CAMPBELL, 2015; MODOLO et al., 2017).

O processo de formação esportiva pode ser influenciado por relações sociais e pelo nível de envolvimento destas (por exemplo, contexto da prática, tipo da prática, modelos esportivos, entre outros), e também pela participação do atleta e contribuições dos treinadores. Considerando como objeto central desta pesquisa os aspectos inerentes ao ensino de diferentes conteúdos nas categorias sub-14 e sub-16, torna-se imprescindível conhecer de maneira detalhada as fases da iniciação esportiva para, por exemplo, utilizar métodos de ensino mais adequados de acordo com a faixa etária e com os objetivos propostos em cada categoria.

Para Menezes (2013) os métodos de ensino-aprendizagem se diferenciam quanto à concepção do jogo e sua forma de intervenção. Portanto, durante o processo de ensino-aprendizagem, na fase de iniciação os estímulos devem ser diversificados e é importante que o treinador possibilite vivências que permitam o desenvolvimento dos jogadores frente aos mais complexos cenários do jogo (RAMOS; NEVES, 2008; MENEZES, 2011).

Para o processo de ensino-aprendizagem do handebol (e outros esportes) são encontrados diferentes tipos de metodologia que podem ser usuais no cotidiano dos treinadores. Tais métodos de ensino podem ser ponderados como modelos tradicionais e modelos contemporâneos (GRAÇA; MESQUITA, 2015), em específico nesta pesquisa

traremos os princípios do Teaching Games for Understanding (TGfU) (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996).

Partindo disso, as perguntas norteadoras desta pesquisa são: “quais são os conteúdos priorizados pelos treinadores nas categorias sub-14 e sub-16?” e “quais são os métodos de ensino utilizados nas categorias sub-14 e sub-16?”. Este trabalho justifica-se pela escassez de estudos que buscam identificar e analisar o processo formativo nas categorias de formação (em específico, sub-14 e sub-16) do handebol pela ótica dos treinadores.

Com as perguntas norteadoras informadas e o indicado o objetivo, esta pesquisa será composta também por uma revisão sistemática, a qual tem como objetivo reunir os trabalhos encontrados de acordo com os critérios de inclusão, além de ser utilizada para justificar em partes a escolha dos objetivos e do tema do trabalho em questão.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Identificar o processo de ensino-aprendizagem durante a formação de jogadores das categorias sub-14 e sub-16 a partir da opinião de treinadores da categoria.

Objetivos específicos

- Identificar o panorama de estudos de teses e dissertações sobre o handebol no Portal de Dissertações e Teses da CAPES através de uma revisão sistemática.
- Identificar, comparar e analisar os conteúdos ofensivos e defensivos do handebol priorizados nas categorias sub-14 e sub-16 por treinadores de equipes do Estado de São Paulo.
- Identificar, comparar e analisar os métodos de ensino utilizados pelos treinadores em cada categoria estudada.

REVISÃO SISTEMÁTICA

INTRODUÇÃO

A manifestação do esporte, de acordo com Marques, Gutierrez e Almeida (2008), é composta por três esferas: ambiente de prática, caracterizado pelo campo de realização do fenômeno, que se concretiza nos sentidos da contextualização (pode ser profissional, não-profissional e escolar); modalidade da prática, diz respeito às diferentes modalidades caracterizadas por regras, formas de disputa, ações, entidades regularizadoras, etc; e sentido da prática, que são as razões e valores transmitidos que influenciam e dão sentido à atividade. No Brasil, o esporte pode ser reconhecido segundo o artigo 3º do capítulo III da Lei Federal nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé) (BRASIL, 1998): desporto educacional, desporto de participação, desporto de rendimento e desporto de formação.

O handebol no Brasil é um esporte praticado independentemente da faixa etária, com o início da prática preponderantemente na escola e, posteriormente, em clubes e locais esportivos. O Diagnóstico Nacional do Esporte DIESPORTE apontou que 25,6% são praticantes de esporte no Brasil, iniciando sua prática principalmente nos anos escolares sob a supervisão de um professor. Dentre os esportes considerados pelo Ministério do Esporte, o handebol aparece como o 10º esporte mais praticado, majoritariamente por mulheres (BRASIL, 2013).

A partir disso, dentro da literatura, um dos meios utilizados para compreender um panorama sobre determinado assunto é a revisão sistemática. Caracterizada por um tipo de pesquisa que possui uma pergunta pré-definida e utiliza métodos sistemáticos para buscar, identificar, selecionar, avaliar, coletar e analisar os dados das pesquisas relevantes para a revisão, sempre estabelecendo critérios e prezando pela qualidade da literatura selecionada. Já a meta-análise é um método estatístico utilizado para sintetizar os estudos encontrados, podendo ou não ser usado em uma revisão sistemática (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015; SAMPAIO; MANCIN, 2007).

Autores nacionais têm se debruçado sobre o handebol para identificar aspectos inerentes a sua prática (DALLEGRAVE; MENDES; NASCIMENTO, 2018; FERRARI et al., 2018; GOMES; VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2018; MENEZES, 2018). Face ao crescente interesse pela modalidade tem sido observadas revisões temáticas que refletem o panorama da área e as fronteiras do seu conhecimento, o que permite identificar lacunas que podem ser exploradas a partir de novas perguntas de pesquisa. A exemplo dessas revisões, Aguilar (2014) realizou uma busca pelos artigos publicados de handebol e

observou um crescimento sobre as publicações de handebol, tendo procedência de pesquisa da Espanha e publicados na língua inglesa.

Prieto, Gómez e Sampaio (2015) realizaram uma revisão sistemática sobre análise das partidas de handebol e puderam concluir que os estudos envolvendo as partidas de handebol, assim como suas pesquisas, evoluíram ao longo dos anos. Porém, os estudos possuem temas mais relacionados ao handebol masculino, com foco no sistema ofensivo e em competições mais expressivas (internacionais e de rendimento em Ligas). Da mesma forma, buscando compreender o conhecimento sobre o goleiro de handebol no Brasil e no mundo, Modolo, Beltramini e Menezes (2018), buscaram identificar em artigos científicos, através de revisão sistemática, o ensino e análise de jogo do goleiro de handebol. Apesar do baixo número de artigos encontrados, o panorama revelou um interesse recente nesse tema no contexto brasileiro e mundial, com uma preferência maior à análise de jogo (aspectos ligados à eficácia) em comparação com o ensino (aspectos ligados a capacidades e desenvolvimento motor)

No âmbito escolar brasileiro, Krahenbühl et al. (2018) reuniram os artigos relacionados ao handebol em aulas de educação física escolar e observaram que, dos poucos artigos encontrados, a maioria das publicações são da região Sul e Sudeste. Os temas mais abordados são relacionados às habilidades motoras, propostas metodológicas, prática e desempenho dos alunos. Os autores mostraram uma lacuna no ensino do handebol.

Navarro (2011) quantificou a produção científica de pedagogia do esporte sobre o handebol, levando em consideração Teses, Dissertações e artigos científicos disponibilizados na internet e inferiu que o número de Dissertações foi superior ao número de Teses e artigos científicos (considerando as bases de dados consultadas). Ainda assim, o número das produções científicas foi escasso e o foco dos estudos varia desde o ensino-aprendizagem até questões culturais.

Apesar do handebol no meio acadêmico ser crescente, ainda há lacunas a serem preenchidas. Desta forma, o objetivo primário desta revisão é mapear o panorama de teses e dissertações no Brasil que tenha o handebol como único objeto de estudo. Sendo o objetivo secundário identificar dentro da área pedagógica quais são os assuntos mais estudados até a atualidade e suas contribuições.

MÉTODO

Desenho

Esta revisão sistemática foi realizada através do procedimento metodológico PRISMA, que utiliza de revisões sistemáticas e, também, meta-análises. Dessa forma, esta revisão sistemática foi caracterizada pela realização de uma busca pré-definida por critérios que fossem aplicáveis e claros e, após isso, a apresentação dos resultados de acordo com as características dos achados (HIGGINS; GREEN, 2008).

Critérios de Inclusão/Exclusão

Para analisar o contexto do handebol na pós-graduação foram analisadas as teses e dissertações disponíveis no banco de teses do portal da CAPES até julho de 2019. Na etapa inicial a preocupação foi mapear todos os estudos que, de alguma forma, abordaram o handebol, independentemente de analisar outras modalidades. Desta forma, a busca foi realizada com os descritores “handebol”, “handball”, “balonmano” e “andeboI”.

Após a busca inicial nos idiomas, foram encontrados 172 estudos com o descritor “handebol”, 63 com o descritor “handball” e nenhum com os descritores “balonmano” e “andeboI”. Excluindo-se as duplicatas, totalizaram 145 Dissertações de Mestrado e 31 Teses de Doutorado. Como este estudo procura ter um panorama a respeito do handebol no âmbito da Pós-Graduação no Brasil, o critério de inclusão foi ter exclusivamente o handebol como objeto de estudo. Ao final do processo de organização e tabulação dos dados encontrados, seguindo o critério de inclusão, a amostra foi composta por 68 dissertações (84%) e 13 teses (16%), totalizando 81 estudos.

Tabulação e Organização dos Dados

Para a organização, análise e discussão dos resultados foi elaborada uma planilha contendo: a) autor(a); b) ano; c) título; d) universidade; e) programa de pós-graduação; f) nível (Mestrado - M -, ou Doutorado - D); g) área; h) região do país. Em relação às áreas de conhecimento, foi adotada a classificação proposta por Manoel e Carvalho (2011), em que é possível caracterizar os trabalhos de acordo com três subáreas:

- **Biodinâmica**: com linhas de pesquisa orientadas pelas ciências naturais (bioquímica do exercício, biomecânica, fisiologia do exercício, controle motor, desenvolvimento e aprendizagem motora, nutrição esportiva, treinamento físico e desportivo, etc);

- Sociocultural: com linhas de pesquisa orientadas pelas ciências sociais (esportes, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da filosofia, antropologia, sociologia e história);
- Pedagógica: com linhas de pesquisa orientadas pelas ciências humanas (formação de professores, desenvolvimento curricular, métodos de ensino, pedagogia do esporte, aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação).

Para caracterizar os estudos dentro da área pedagógica utilizaremos critérios de acordo com o tipo de pesquisa (qualitativo/quantitativo), instrumentos utilizados e as estruturas propostas por Marques (2007):

- Esporte escolar: prática da educação formal (escola), em aulas de educação física, tendo um princípio pedagógico estabelecido de acordo com o projeto e o professor, podendo acontecer em aulas curriculares e extracurriculares, mudando somente o sentido da prática;
- Esporte de lazer: se baseia em atividades não-profissionais, em que as atividades sejam de forma voluntárias, podendo conter atividades sem regulamentação ou com um órgão oficial, que tenha como sentido a busca pela vitória, mas que os envolvidos não se sustentem financeiramente através disso;
- Esporte de alto rendimento: manifestações embasadas por entidades e órgãos oficiais do esporte em questão, em que a busca é sempre pela melhora da performance e do resultado em competições profissionais.

Assim sendo, o panorama de teses e dissertações de handebol no Brasil serão classificados de acordo com as subáreas propostas por Manoel e Carvalho (2011), contemplando o objetivo primário. Em seguida, os estudos de handebol pertencentes à área pedagógica serão classificados de acordo com o tipo, instrumento e a proposta de Marques (2007), abordando o objetivo secundário.

RESULTADOS

A partir da busca no banco de teses e dissertações do portal da CAPES, foram encontrados estudos entre 1987 e 2019 (32 anos), dos quais observa-se um número maior de dissertações, com diferença significativa $p < 0,001$.

Na Figura 1 estão apresentadas as Dissertações (84%) e Teses (16%) publicadas por ano.

Figura 1. Trabalhos encontrados no período de busca

A partir dos achados representados na Figura 1 observa-se uma predominância, por ano, de número de dissertações em comparação às teses, com exceção de 2011 (com maior número de teses), 1995, 2012 e 2014 (com a mesma frequência).

A figura 2 corresponde a quantidade de trabalhos de acordo com as regiões do país das Instituições.

Figura 2. Quantidade de trabalhos de acordo com a Região da Instituição

Foi possível identificar estudos provenientes de Universidades de todas as regiões do Brasil, com destaque para a região Sudeste. Na região Centro-Oeste e Norte foi identificado somente um trabalho por região.

Na Figura 3 estão apresentados os números e os percentuais dos estudos de acordo com as subáreas nas quais foram classificados.

Figura 3. Trabalhos por áreas de conhecimento

Figura 4. Número de trabalhos de acordo com as regiões do país, nível e área de conhecimento

Figura 5: Número de trabalhos de acordo com o ano, região do país e área de conhecimento

Dentro da Área Pedagógica, é possível identificar uma diferença significativa ($p=0,006$) entre Dissertações (76,9%) e Teses (23,1%).

Os Quadros 1, 2 e 3 mostram os trabalhos de acordo com o contexto (esporte escolar, esporte de lazer, esporte de alto rendimento) que estão inseridos. Os trabalhos foram divididos de acordo com: autor(a)/ano; tipo (M: mestrado/ D: doutorado); amostra; tema; tipo estudo (qualitativo/quantitativo); instrumento de medida.

Quadro 1 - Trabalhos Esporte Escolar

AUTOR (ANO)	TIPO	AMOSTRA	TEMA (OBJETIVO)	TIPO ESTUDO (quali/quant)	INSTRUMENTO DE MEDIDA
SANTOS (2002)	M	Professores do 1º EM // Observações de aulas	Identificar os pressupostos teóricos que sustentam ou deveriam sustentar a prática pedagógica desses professores, estabelecendo possíveis relações entre essas propostas e as aulas observadas.	qualitativa	Entrevista semiestruturada // Observação participante
PINTO (2005)	M	Alunos	Fundamentar uma proposta metodológica de EA das habilidades específicas do handebol que possa garantir uma maior possibilidade de prazer e participação dos praticantes.	qualitativa	Questionários
RIBEIRO (2006)	M	Alunos do EM (14-17 anos)	Analisar as percepções de participantes de competições intercolégias de handebol na perspectiva de seu desenvolvimento no esporte.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
PINHO (2009)	M	Alunos da 5ª série ao EF (10-12 anos)	Verificar a influência da aplicação de jogos situacionais, sobre os níveis de Conhecimento Tático Processual em escolares na modalidade de handebol.	qualitativa	Teste de Conhecimento Tático Processual (KORA) // Observação das aulas // Protocolo de categorização das atividades oferecidas pelo professor
BRASIL (2016)	M	Alunos do 1º EM (14-15 anos)	Analisar os recursos avaliativos utilizados no ensino dos saberes corporais, na perspectiva do saber para praticar o jogo de handebol, a partir de uma proposta participativa que envolveu alunos do primeiro ano do ensino médio, junto às aulas de Educação Física.	qualitativa	Diários de aula // Questionários
SILVA (2017)	M	Estudantes do 6º ano (10 e 12 anos)	Identificar e analisar o conhecimento declarativo técnico-tático do handebol quando os estudantes observam jogos de handebol (de seus colegas de sala e de vídeos).	qualitativa	Observação da aula // Questionário

MAZZARDO (2018)	M	Alunos (14 e 15 anos)	Verificar o nível da coordenação motora, capacidade tático-técnica e percepção de competência de iniciantes de handebol, após a aplicação de dois programas de intervenção pedagógica.	quantitativa	Planilha de categorização de treinos / bateria de testes / pontuação
CAGLIARI (2018)	M	Alunas do 6º ano do EF	Investigar possibilidades para o ensino do handebol na Educação Física escolar, utilizando-se das abordagens atuais da Pedagogia do Esporte e das Tecnologias da Informação e Comunicação.	qualitativa	Elaboração, implementação e análise de uma unidade didática a partir de modelos atuais da Pedagogia do Esporte e do uso das TIC

Quadro 2 - Trabalhos Esporte de Lazer

AUTOR (ANO)	TIPO	AMOSTRA	TEMA (OBJETIVO)	TIPO ESTUDO (quali/quant)	INSTRUMENTO DE MEDIDA
GRECO (1995)	D	Jogadores a partir de 10 anos	Estabelecer as bases para uma metodologia do ensino-aprendizagem-treinamento do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos.	qualitativa	Análise do comportamento tático // Testes // Provas
TERRA (1996)	M	Alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFU	Identificar o impacto político-pedagógico da aplicação de uma proposta crítica de ensino do Handebol para 36 alunos que cursaram o primeiro e o segundo período da disciplina, no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no ano de 1993.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
MENDES (2006)	M	Jogadores e Treinadores de equipes masculinas da categoria sub-14	Caracterizar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento na categoria infantil masculina do Handebol no estado do Paraná.	qualitativa	Observação sistemática e direta // Entrevista semiestruturada // Aplicação do teste de nível de conhecimento tático
RODENBUSCH (2009)	M	Mulheres acima de 50 anos, praticantes de atividade física propiciadas pela disciplina da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da PUCRS	Analisar as alterações nas habilidades motoras de mulheres, na etapa de vida adulta média e tardia, decorrentes do Programa de Estimulação da Inteligência Corporal Cinestésica através de Handebol.	qualitativa	Observação assistemática participante // Entrevista coletiva focalizada
DALLEGRAVE (2017)	M	Treinadores e atletas de equipes sub-16 femininas	Analisar a estruturação do treinamento técnico-tático em categorias de formação de equipes de handebol feminino catarinense.	quantitativa	Fichas de identificação de atletas e treinadores // Sistema Integral de Análise das Tarefas de Treinamento (SIATE) // Imagens gravadas de

					sessões de treinamento
GIRARDI (2017)	M	Homens com deficiência intelectual // Responsáveis pelos integrantes do referido grupo // Representantes da equipe pedagógica das escolas // Gestores da Prefeitura Municipal de Curitiba.	Analisar as ações nas políticas públicas de inclusão direcionadas ao lazer da pessoa com deficiência intelectual na cidade de Curitiba, PR, e verificar se repercutem nas atividades de lazer dos integrantes do grupo Amigos do Handebol.	qualitativa	Observação do grupo // Entrevista semiestruturada
LEONARDO (2018)	M	Regulamentos de competições de handebol de jovens // Treinadores e árbitros atuantes nas competições cujos regulamentos foram anteriormente analisados	Analisar as adaptações propostas em seus regulamentos cuja finalidade fossem de ajustar as demandas competitivas às necessidades e possibilidades dos jovens atletas.	qualitativa	Pesquisa documental // Entrevista
MODOLO (2018)	M	Treinadores da categoria sub-16	Identificar as diretrizes para o processo de EAT do goleiro de handebol.	qualitativa	Entrevista semiestruturada

Quadro 3 - Trabalhos Esporte de Alto Rendimento

AUTOR (ANO)	TIPO	AMOSTRA	TEMA (OBJETIVO)	TIPO ESTUDO (quali/quant)	INSTRUMENTO DE MEDIDA
SIMÕES (1987)	M	Atletas de equipes de handebol de diversos Estados do Brasil	Identificar o comportamento de liderança de 22 técnicos de handebol, responsáveis pela orientação técnica de 22 equipes do mais alto nível técnico no Brasil.	qualitativa	Questionário Descritivo do Comportamento de Liderança do Líder = "LBDQ"- Formulário XII - The Ohio State University/USA. O "LBDQ - Real, Equipe
CALEGARI (2002)	M	Treinadores que participaram do Seminário Internacional de handebol // Acervo da CBHb	Investigar as ações mais adequadas à formação contínua do treinador de handebol brasileiro,	qualitativa	Questionário

MENEZES (2011)	D	Treinadores de handebol considerados de sucesso	Desenvolver um modelo de análise de jogo de jogadores e equipes de handebol que seja capaz de quantificar as variáveis técnico-táticas em tempo real.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
CASTRO (2013)	M	Treinadores das seleções brasileiras adultas de handebol	Versar sobre o desenvolvimento da inteligência ativa, tanto na perspectiva de buscarmos outras relações de poder entre treinadores e jogadores, como quanto buscar jogar o jogo em sua forma mais desenvolvida e complexa, não se limitando a uma experiência empobrecida com este.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
UEZU (2014)	D	Documentos da Confederação Brasileira de Handebol	Analisar as iniciativas realizadas pela Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional, e compará-las aos modelos internacionais desenvolvidos na Alemanha e Espanha, bem como ao Programa Nacional Canadense e o Conselho Internacional para a Excelência em Coaching.	qualitativa	Análise documental
LEAO (2015)	D	Peritos/juízes “experts” // Atletas do alto nível do handebol Brasileiro // Atletas de handebol (categoria de base ao alto nível) dos dois sexos a partir dos 12 anos.	Validação de um protocolo do nível de conhecimento tático declarativo (CTD) de atletas de handebol.	qualitativa	Análise de vídeo
SAAR (2016)	D	Profissionais da UMESP, UNITAU // Equipes de handebol da Metodista São Bernardo e Handebol Taubaté	Apresentar as ferramentas de comunicação utilizadas por UMESP e UNITAU para divulgar suas ações de patrocínio e avaliar o grau do fluxo de comunicação dos profissionais de comunicação e marketing das IES com gestores esportivos do handebol.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
CAMARGO (2016)	M	Documentos do Ministério do Esporte, do Comitê Olímpico Brasileiro e da CBHb	Identificar de que forma a Confederação Brasileira de Handebol utiliza e aplica as Políticas Públicas para o esporte do Governo Federal no desenvolvimento do alto rendimento na modalidade.	qualitativa	Documentos de fontes oficiais provenientes do Ministério do Esporte, do Comitê Olímpico Brasileiro e da CBHb
AMORIM (2017)	D	Documentos e vídeos de atletas	Analisar as estratégias utilizadas para o desenvolvimento tático-técnico nos Acampamentos Nacionais das categorias infantil (sub14), cadete (sub16) e juvenil (sub18), no naipe masculino, promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol.	qualitativa	Análise documental // Observação sistemática

LIMA (2018)	M	Atletas de excelência da Seleção Brasileira de Handebol	Analisar a carreira esportiva de atletas de excelência do Brasil, entendendo como os fatos presentes em sua trajetória (pessoa, processos, contextos e tempo) influenciaram negativa ou positivamente no processo de desenvolvimento no esporte.	qualitativa	Entrevista semiestruturada
----------------	---	---	---	-------------	-------------------------------

Através da caracterização dos tipos de pesquisa é possível observar que a maioria dos trabalhos encontrados na área pedagógica possui caráter qualitativo (92,3%) em relação ao quantitativo (7,7%). A entrevista semiestruturada é o instrumento mais utilizado dentre das pesquisas qualitativas e baterias de testes dentre as quantitativas.

Partindo das definições do esporte através das suas formas de manifestação e sentido da prática, os estudos mostram uma preferência pelo estudo do handebol como esporte de alto rendimento.

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi mapear os trabalhos que têm o handebol como único objeto de estudos a partir da base de dados de teses e dissertações da CAPES, além disso, o objetivo secundário foi identificar dentro da área pedagógica os principais pontos apresentados nos trabalhos. Foram elencados aspectos relacionados à diferenciação entre dissertações e teses, ano, região do Brasil e área de conhecimento.

O maior interesse pelo tema surge a partir de 2002, juntamente com o crescimento científico do Brasil, que no mesmo ano titulou quase 23 mil mestres e 6.800 doutores em diferentes grandes áreas do conhecimento, se posicionando como uma importante pós-graduação em âmbito mundial, contando com avaliações periódicas para o controle da qualidade acadêmica e desempenho dos programas (BALBACHEVSKY, 2005). Tais avaliações são realizadas pela CAPES, agência do Ministério da Educação, que expande e consolida a pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) em todos os Estados do Brasil.

Os anos de 2005, 2016, 2017 e 2018 podem ser considerados os mais produtivos, mesmo apresentando oscilações entre seus intervalos (como 2007, 2011, 2012 e 2013). As dissertações começaram a ter um aumento a partir de 2005, enquanto as teses oscilam em pequenas quantidades a partir de 2011. O crescente número de trabalhos a partir de 2016 corrobora a estimativa da CAPES em relação ao número de programas de pós-graduação

no Brasil o que, conseqüentemente, aumenta o número de alunos matriculados e titulados. Estima-se que para o ano de 2020 haja uma forte tendência crescente de discentes matriculados na pós-graduação (CAPES, 2016, 2017).

Atualmente existem no Brasil, dentro dos cursos avaliados e reconhecidos, 4595 programas de pós-graduação em diversas áreas de avaliação, sendo que a região Sudeste é a que mais possui programas (2.001), seguida da região Sul (985), Nordeste (948), Centro-oeste (387) e Norte (274). Para avaliar os cursos, a CAPES atribui um conceito entre A, 3, 4, 5, 6 e 7, pautando-se no desempenho em níveis de mestrado e doutorado sendo, assim, “cursos avaliados e reconhecidos” (CAPES, 2019).

A área de avaliação “Educação Física” é denominada “Área 21” e engloba três subcampos do conhecimento: Educação Física; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Fonoaudiologia, que são divididos em programas de graduação e pós-graduação. Dentro desta área existem 74 Programas de Pós-Graduação avaliados e reconhecidos, sendo que a região Sudeste é a que mais possui programas (38), seguida da região Sul (16), Nordeste (13), Centro-Oeste (6) e Norte (1) (CAPES, 2019).

A região Sudeste possui maior número de programas de Pós-Graduação e maior número de trabalhos específicos sobre o handebol. A região Sul além de ser a segunda com Programas na área, também é a segunda que apresenta mais trabalhos de handebol, A região Centro-Oeste possui seis programas na área, porém somente um trabalho de handebol, enquanto a região Norte também apresenta somente um Programa de Pós-Graduação e um trabalho de handebol (com um programa extinto de outra área). A região Nordeste, apresenta um número considerável de programas mas somente três trabalhos específicos do handebol.

Além do oferecimento de um número maior de Programas de Pós-Graduação, o aumento pelo interesse e pesquisas no handebol pode ser justificado a partir de possibilidades: a) em 2013 a equipe feminina brasileira ganhou o título no campeonato mundial de handebol, o que pode ter impulsionado o interesse pelo tema e a partir de 2014 notou-se um aumento do número de trabalhos; b) o handebol começou a ser praticado no Brasil em São Paulo, para então se disseminar para outras escolas do Brasil (FPHb, 2015); c) se levarmos em consideração os campeonatos de grande impacto como a Liga Nacional masculina e feminina, a maioria dos títulos (campeões e vice-campeões) são de seleções paulistas.

As possibilidades de temas relacionados ao handebol são amplas e podem abordar diferentes aspectos relevantes para a modalidade. As Teses e Dissertações podem ser

classificadas de acordo com Manoel e Carvalho (2011), quando referenciamos as áreas de conhecimento. É possível observar que há uma tendência de estudos na área biodinâmica, com mais da metade dos trabalhos, fato este que pode ser decorrente de tal área conter disciplinas e linhas de pesquisas mais tradicionais, derivadas de disciplinas das ciências naturais. A aproximação entre a educação física brasileira e norte-americana também pode ser uma justificativa dessa predominância, visto que a matriz epistemológica é a cinesiologia (MANOEL; CARVALHO, 2011). Este fato corrobora os achados de outros autores (CORRÊA; CORRÊA; RIGO, 2018; LOPEZ; SILVEIRA; STIGGER, 2016; MANOEL; CARVALHO, 2011), que encontraram maioria de estudos relacionados à Área 21 na área biodinâmica e menores proporções nas áreas sociocultural e pedagógica. É possível observar que em revisões sistemáticas sobre o handebol há uma predominância da área biodinâmica (AGUILAR, 2014; PRIETO; GÓMEZ; SAMPAIO, 2015).

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, observa-se um desinteresse nas áreas socioculturais e pedagógicas, além do fato de que os pesquisadores muitas vezes são vistos como “segunda-classe” por produzirem conhecimento em direção diferente ao considerado padrão dominante dentro da área da Educação Física e, também, à pouca existência de periódicos nacionais e com adesão às áreas sociocultural e pedagógica (CORRÊA; CORRÊA; RIGO, 2018; DE ALMEIDA et al., 2018; MANOEL; CARVALHO, 2011).

Quando é observada a relação entre quantidade de cursos (Mestrado e Doutorado) de acordo com as regiões e as áreas de conhecimento (figura 4), ainda é possível comprovar a disparidade da área biodinâmica em relação às áreas sociocultural e pedagógica e, também, o maior número de Dissertações em relação a Teses, além de a maioria dos trabalhos serem produzidos na região Sudeste. Ao comparar as diferentes áreas, nota-se a partir de 2016 um interesse maior pela área pedagógica nas regiões Sul e Sudeste e um maior número de dissertações no Sul e Norte, quando comparada à área biodinâmica. Os trabalhos na área sociocultural são em sua grande maioria Mestrados na região Sudeste.

Especificamente considerando os trabalhos de handebol e a área pedagógica, contemplando o objetivo secundário desta revisão, é possível observar um número maior de Dissertações (20) em comparação às Teses (6), predominância de pesquisa qualitativa (24), quando comparada à quantitativa (2) e uma diferença significativa em relação às regiões do Brasil ($p=0,001$).

Tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa buscam responder perguntas inerentes ao objetivo dos estudos e encontrar soluções para os problemas em questão. Os

estudos observados possuem contribuições na área do esporte, em específico do handebol. Para isso, é necessário entender o contexto do esporte, ambiente e sentido da prática.

O esporte está presente em diversos campos sociais, que universaliza práticas e sofre transformações de acordo com a cultura em que está inserido. Além disso, as diferentes manifestações, sentidos e práticas o tornam um fenômeno sociocultural plural com diversos efeitos de apropriação (MARQUES, 2015), sendo assim é possível identificar que o tema de maior interesse na área pedagógica é o processo de ensino-aprendizagem em contextos variados (escolar, de lazer e rendimento), corroborando os achados de Navarro (2011).

Considerando o contexto escolar, foram encontrados oito estudos, nos quais quatro deles possuem como sujeitos alunos e/ou professores do Ensino Médio (SANTOS, 2002; RIBEIRO, 2006; BRASIL, 2016; MAZZARDO, 2018), três possuem alunos do ensino fundamental como sujeitos (PINHO, 2009; SILVA, 2017; CAGLIARI, 2018) e um foi feito com estudantes no geral (PINTO, 2005). Muitos foram os instrumentos de pesquisa utilizados pelos autores.

Por meio de entrevista semiestruturada com alunos do ensino médio, Ribeiro (2006) analisou as percepções nas competições intercolégiais na perspectiva de desenvolvimento do esporte. Santos (2002) através da observação de aulas e entrevistas com professores identificou os pressupostos teóricos da prática pedagógica dos professores. Brasil (2016) utilizou diários de aulas e questionários com alunos para analisar os recursos avaliativos do ensino dos saberes corporais para a prática do jogo de handebol. Mazzardo (2018) aplicou dois programas de intervenção e verificou o nível de desenvolvimento dos alunos com baterias de testes e categorização dos treinos. De modo geral, Pinto (2005) fundamentou uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem das habilidades específicas do handebol, por meio de questionário com os alunos. Pinho (2009), Silva (2017) e Cagliari (2018) investigaram alunos de faixa etária entre 10 e 12 anos. Para verificar a influência de aplicação de jogos situacionais sobre os níveis de Conhecimento Tático Processual (PINHO, 2009), analisar o conhecimento declarativo técnico-tático de estudantes do ensino fundamental a partir da observação de jogos de colegas e vídeos (SILVA, 2017) e investigar as possibilidades para o ensino do handebol na educação física escolar com diferentes abordagens (CAGLIARI, 2018).

Os resultados encontrados mostraram que por meio do ensino do esporte na escola é possível transmitir valores e correspondentes atitudes e, assim, que ações delineadas oferecem a oportunidade de identificar o papel e significado da prática pedagógica

(SANTOS, 2002). No que tange ao ensino-aprendizagem a utilização de um método permeado por atividades lúdicas para desenvolvimento das habilidades específicas do handebol (PINTO, 2005) e a utilização dos modelos atuais de Pedagogia do Esporte utilizando as TIC como ferramentas (CAGLIARI, 2018) apresentaram-se positivos, assim como um método de ensino centrado nas capacidades táticas (situacional) foi eficaz para o desenvolvimento do conhecimento tático processual de estudantes de 10 a 12 anos (PINHO, 2009). A utilização do Teaching Games for Understanding (TGfU) contribuiu para o desenvolvimento dos alunos, porém, quando agregado a um programa específico de coordenação motora não elevou o nível de habilidade técnica (MAZZARDO, 2018).

A observação de jogos através do conhecimento declarativo técnico-tático proporcionou uma melhor aprendizagem e desenvolvimento dos alunos (SILVA, 2017), as competições também podem auxiliar no processo de desenvolvimento esportivo, proporcionando um ambiente de comparações técnicas, ações coletivas benéficas para o progresso da equipe e melhora valores como tolerância e compreensão (RIBEIRO, 2006). De maneira geral, a auto avaliação e a comparação da aprendizagem prévia com o que foi desenvolvido ao longo do processo são recursos avaliativos que contribuem para o estudo do jogo esportivo, além de possibilitar reflexão sobre a responsabilidade do ensino que recai sobre o professor e também sobre a busca de aprendizado do aluno (BRASIL, 2016).

Foram encontrados oito estudos na área de handebol de lazer. Cinco estudos possuem o foco no handebol nas categorias de base (GRECO, 1995; MENDES, 2006; DALLEGRAVE, 2017; LEONARDO, 2018; MODOLO, 2018), dois estudos estão relacionados ao processo de ensino (TERRA, 1996) e programa de extensão (RODENBUSCH, 2009) proporcionados pela Universidade e um trabalho sobre políticas públicas (GIRARDI, 2017).

A entrevista semiestruturada foi utilizada para identificar o impacto político-pedagógico de uma proposta de ensino a alunos do curso de Educação Física (TERRA, 1996) e analisar as ações de inclusão das práticas de lazer para pessoas com deficiência intelectual (GIRARDI, 2017). Através da entrevista coletiva focalizada e observação, Rodenbusch (2009) analisou as habilidades motoras de mulheres acima de 50 anos que praticavam handebol proporcionado por uma disciplina da graduação em Educação Física.

Nas categorias de base, em contexto competitivo, os trabalhos utilizaram os treinadores e/ou atletas para realização de entrevistas e/ou testes. Jogadores foram analisados para estabelecer as bases para uma metodologia de ensino-aprendizagem-treinamento (GRECO, 1995), treinadores e jogadores foram testados e analisados para

caracterizar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento na categoria masculina (MENDES, 2006) e analisar a estruturação do treinamento técnico-tático de categoria feminina (DALLEGRAVE, 2017). Para identificar as diretrizes para a formação esportiva dos goleiros, Modolo (2018) levou em consideração a opinião de treinadores por meio da entrevista semiestruturada, que também foi utilizada por Leonardo (2018), considerando a opinião dos treinadores e árbitros, para analisar as adaptações propostas nos regulamentos e as demandas necessárias.

Os resultados dos estudos apontaram que as alterações nos regulamentos específicos das categorias de formação foram importantes, porém, priorizam variáveis de desempenho em relação à aprendizagem, mesmo em competições modificadas (LEONARDO, 2018). A formação dos atletas está diretamente relacionada aos métodos de ensino utilizados pelos treinadores. Muita utilização do método tradicional, enfatizando somente a técnica não contribui para o conhecimento tático do jogador na categoria sub-14 (MENDES, 2016), enquanto uma metodologia baseada no comportamento tático durante os treinamentos influencia positivamente no processo de aprendizagem e rendimento dos jogadores a partir de 10 anos, o que pode ser transferido para o ensino em diferentes contextos (GRECO, 1995).

Na categoria sub-16, durante os jogos e competições os treinadores utilizam ações técnico-táticas (DALLEGRAVE, 2017) e, no processo de ensino-aprendizagem do goleiro, os treinadores priorizam o desenvolvimento de repertório motor amplo que facilite o aprendizado das técnicas específicas exigidas pelo jogo (MODOLO, 2018).

O handebol possibilitou, através do projeto de prática, a reflexão e a construção crítica teórico-prática para os alunos de Graduação em Educação Física (TERRA, 1996) e, através da prática dos fundamentos, manifestações da Inteligência Corporal Cinestésica em mulheres adultas médias e tardias, que conseguiram criar novas soluções para as situações-problemas (RODENBUSCH, 2009). Considerando ações para pessoas com deficiência intelectual, as oportunidades de lazer possuem um falso discurso de lazer, tornando as políticas públicas inexpressivas (GIRARDI, 2017).

No alto rendimento foram encontrados dez trabalhos. Três trabalhos foram realizados com treinadores (CALEGARI, 2002; MENEZES, 2011; CASTRO, 2013), dois com atletas (SIMOES, 1987; LIMA, 2018), três com análise documental (UEZU, 2014; CAMARGO, 2016; AMORIM, 2017), um com experts e atletas (LEAO, 2015) e um com profissionais de comunicação e equipes de handebol (SAAR, 2016).

Por meio de entrevista semiestruturada com treinadores Menezes (2011) desenvolveu um modelo de análise de jogo que quantifica as variáveis técnico-táticas e Castro (2013) analisou o desenvolvimento da inteligência ativa dos jogadores nas relações entre jogador-treinador e na busca por jogar o jogo. Através de questionário com treinadores e pesquisa bibliográfica, Calegari (2002) investigou a formação contínua do treinador de handebol. Saar (2016) entrevistou profissionais universitários e equipes de handebol para investigar a utilização do handebol de alto rendimento como ferramenta de marketing das Universidades.

Através da opinião de atletas Simões (1987) identificou o comportamento de liderança de treinadores e Lima (2018) analisou a carreira e as influências em suas trajetórias esportivas. Leão (2015) propôs a validação de um protocolo do nível de conhecimento tático declarativo (CTD) de atletas apoiando-se na opinião de experts de handebol, atletas de alto nível e atletas de categoria de base.

Por meio de pesquisa documental de órgãos regulamentadores do esporte foi possível analisar as iniciativas realizadas pela CBHb para o aprimoramento profissional e compará-las com os modelos internacionais (UEZU, 2014), identificar a utilização e aplicabilidade das políticas públicas realizadas pela CBHb no desenvolvimento do esporte de alto rendimento (CAMARGO, 2016) e analisar, juntamente com vídeos, as estratégias utilizadas para o desenvolvimento técnico-tático nos Acampamentos Nacionais (AMORIM, 2017).

Atualmente é comum que alguns clubes de rendimento busquem recursos e patrocínios por meio de bolsas em universidades, de forma com que o atleta consiga conciliar o seu rendimento acadêmico com seu rendimento no esporte. Porém, concluiu-se que as Universidades pouco exploram a imagem vitoriosa do handebol de alto rendimento como meio estratégico de divulgação (SAAR, 2016).

No contexto do treinamento e alto rendimento podemos destacar os treinadores, os atletas e os órgãos regulamentadores do esporte como os principais agentes. Os resultados dos trabalhos apontaram que, de acordo com os atletas, os treinadores são ineficientes e apresentam comportamento falho na execução de tarefas e/ou nas relações pessoais (SIMÕES, 1987). Para o aprimoramento e capacitação do profissional, o treinador deve superar a dualidade corpo-mente, compreender as relações e interações da prática esportiva e desenvolver o conhecimento necessário (CALEGARI, 2002). A análise documentou levou ao conhecimento algumas ações da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) em parceria com Universidades que contribuíram para interações sociais entre professores

universitários e propostas para o desenvolvimento do handebol, dentre essas, o aprimoramento profissional dos treinadores (UEZU, 2014).

Ainda pensando na CBHb, Camargo (2016) verificou-se que a partir de políticas públicas os recursos da modalidade chegaram a crescer 336%, com uma arrecadação de R\$ 78.917.436,95, aplicados majoritariamente em atividades de treinamento, competições, manutenção das seleções e suas equipes técnicas.

A análise do jogo e os testes aplicados para a melhoria e conhecimento de aspectos do jogo por parte de treinadores e atletas têm sido ferramentas bastante utilizadas para pautar os treinamentos e jogos. Para isso, foi possível verificar que o teste construído é válido para análise do nível de Conhecimento Tático Declarativo (CTD) (percepção e tomada de decisão) em atletas de handebol (LEAO, 2015) possibilita identificar fatores para melhor compreensão da dinâmica do jogo, bem como apontar as variáveis técnico-táticas relevantes para a análise das fases do jogo. O desenvolvimento do sistema de análise de jogo torna-se relevante pela possibilidade de quantificar e armazenar um grande número de informações, bem como as possíveis formas de apresentação dessas para os jogadores (MENEZES, 2011). Além disso, o jogo traz situações a serem superadas, que geram novas situações, podendo estar cada vez mais perto do que se tinha em mente como objetivo final. O processo de inteligência das atletas pode derivar das mais diversas situações; através do conhecimento prévio, e facilitar o processo de percepção, análise e síntese das questões - do jogo e da formação de jogadores (CASTRO, 2013). Dentro desse contexto de formação e desenvolvimento de jogadores, a realização dos Acampamentos Nacionais contribuiu para traçar diretrizes para o desenvolvimento esportivo (AMORIM, 2017) e, ao longo da carreira esportiva, foi possível identificar que elementos como as características pessoais de atletas, influência contextual e relacionamentos interpessoais influenciam (LIMA, 2018).

A pedagogia do esporte pode estar relacionada de várias formas em diferentes ambientes e contextos esportivos. Os objetivos para a prática podem variar, desde a prática por si só, em tempos livres e como uma maneira recreativa, como para a melhora da qualidade de vida, aspectos do dia-a-dia e a performance. Além do que, é importante que essa prática consiga contemplar os objetivos do contexto e dos praticantes. Sendo assim, sugerimos realizar em estudos futuros, pesquisas com times e clubes do Brasil, que participem de competições em diferentes níveis, para que consiga ter um panorama geral do esporte em diferentes realidades, contextos, faixas etárias e levando em consideração diferentes perspectivas (dos treinadores, dos atletas, dos clubes, dos pais, e demais envolvidos no esporte), podendo haver correlação com outras áreas da ciência que estão

envolvidas no esporte. Além de pesquisas sobre a formação de professores/treinadores e ações dos órgãos regulamentadores na capacitação de treinadores e desenvolvimento da modalidade.

Destaca-se como limitação do estudo a falta de trabalhos indexados na íntegra após a aplicação da Plataforma Sucupira (pelo Banco de Teses e Dissertações da CAPES).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que as revisões sistemáticas podem contribuir para os profissionais e pesquisadores da área devido às informações científicas consubstanciadas e relevantes tanto para a disseminação do conhecimento quanto para que possam ser aplicadas de alguma forma.

Após a busca de trabalhos na plataforma CAPES, foi possível notar que a partir de 2005 o tema tem sido mais explorado, tornando um tema recente, mesmo com oscilações durante os anos posteriores. Além disso o número de dissertações foi superior em relação a Teses. O Sudeste possui mais da metade dos trabalhos encontrados que têm o handebol como objeto de estudo, tendo a biodinâmica como a área de conhecimento mais estudada (devido à tradicionalidade das disciplinas que compõem a área) seguida pela pedagógica e depois sociocultural (devido a baixa adesão de periódicos nacionais na área e a minoria dos programas de pós-graduação).

Os estudos na área pedagógica apresentam um número maior de Dissertações em relação a Teses, com uma preferência por pesquisas qualitativas utilizando entrevista semiestruturada. Além disso, é possível encontrar um número maior de estudos do handebol como Esporte de Alto Rendimento (10), tendo como tema principal em todos os contextos o estudo do ensino-aprendizagem.

Podemos concluir, de maneira geral, que apesar do handebol ser um tema pouco explorado pelos Programas de Pós-Graduação, os achados deste estudo contribuem para o panorama sobre a modalidade e identifica lacunas a serem preenchidas em estudos posteriores.

MÉTODO

Caracterização dos participantes e aspectos éticos da pesquisa

Os critérios de inclusão para os treinadores participarem da entrevista foram: a) dirigir atualmente equipes masculinas e/ou femininas de handebol nas categorias sub-14 e sub-16; b) estar participando dos campeonatos da Federação Paulista de Handebol (FPHb) nas categorias citadas no ano de 2018. A escolha pela competição foi dada por possuir grande representatividade no Estado de São Paulo, além de a FPHb ser uma das mais organizadas e estruturadas federações filiadas à Confederação Brasileira de Handebol (CBHb).

A FPHb existe há mais de 70 anos, é a entidade máxima do handebol no Estado de São Paulo e filiada à CBHb, possui regulamentos próprios e organiza campeonatos em diferentes categorias. Atualmente a FPHb organiza o campeonato “Super Paulistão”, o qual é dividido em “Taça Paulistana” (1ª fase), “Taça Estado de São Paulo” (2ª fase) e “Final Four”, com os campeões e vice-campeões das fases anteriores. Tanto a “Taça Paulista” quanto a “Taça Estado de São Paulo” possuem fase classificatória com sistema de pontos até a classificação para as fases finais (FPHb, 2018).

No quadro 4 é possível identificar a quantidade de equipes participantes das fases do campeonato por categoria e o número total de treinadores entrevistados. Dessas equipes, alguns treinadores atuam em mais de uma categoria e/ou em equipes masculinos e femininos, totalizando, desta forma, 22 treinadores entrevistados.

Quadro 4. Informação do número total das equipes participantes e treinadores entrevistados

	Quantidade de equipes participantes da competição	Treinadores Entrevistados
Sub-14 feminino	09	07
Sub-14 masculino	09	06
Sub-16 feminino	13	09
Sub-16 masculino	10	06
TOTAL	41	28

Quadro 5. Caracterização dos treinadores entrevistados

Treinador	Idade	Formação	Pós-	Experiência	Atuação em	Categoria de
-----------	-------	----------	------	-------------	------------	--------------

	(anos)	em EF	graduação	(anos)	ambiente escolar	atuação*
T1	52	sim	sim	25	sim	14-F, 16-F
T2	37	sim	não	16	sim	14-F, 16-F
T3	34	sim	não	7	sim	14-F
T4	48	sim	sim	20	sim	14-F
T5	47	sim	sim	23	sim	14-F
T6	49	sim	sim	24	sim	14-F
T7	52	sim	sim	30	sim	14-F, 16-F
T8	39	sim	sim	10	sim	16-F
T9	36	sim	sim	14	sim	16-F
T10	42	sim	sim	20	sim	16-F
T11**	51	sim	sim	31	sim	16-F
T12	55	sim	sim	20	sim	16-F, 14-M, 16-M
T13	49	sim	sim	20	sim	16-F
T14	26	sim	não	2	não	16-F
T15	36	sim	sim	17	sim	14-M
T16	36	sim	sim	14	sim	14-M
T17	29	sim	sim	7	sim	14-M
T18	24	sim	não	4	não	14-M, 16-M
T19	29	sim	sim	10	sim	14-M
T20	33	sim	sim	9	sim	16-M
T21	41	sim	sim	21	sim	16-M
T22	33	sim	não	10	sim	16-M
T23	41	sim	sim	18	sim	16-M

*14-F: sub-14 feminino; 16-F: sub-16 feminino; 14-M: sub-14 masculino; 16-M: sub-16 masculino

**Treinador excluído por entrevista incompleta

Em relação à formação dos treinadores, todos possuem curso de graduação em Educação Física. Na categoria sub-14 feminina, a idade média dos treinadores é de 45,6 ($\pm 7,2$) anos, com tempo médio de atuação de 20,7 ($\pm 7,4$) anos. Somente dois não possuem curso de Pós-Graduação e todos atuam/atuaram em ambiente escolar. Na categoria sub-14 masculina, a idade média dos treinadores é de 34,8 ($\pm 10,9$) anos, com tempo médio de

atuação de 12 ($\pm 6,1$) anos. Somente um não possui curso de Pós-Graduação e não atua/atuou em ambiente escolar. Em relação à categoria sub-16, no feminino a idade média dos treinadores é de 43,1 ($\pm 9,6$) anos, com tempo médio de atuação de 17,4 ($\pm 8,2$) anos. Dois não possuem curso de Pós-Graduação e somente um não atua/atuou em ambiente escolar. Já no masculino a idade média dos treinadores é de 37,8 ($\pm 10,5$) anos, com tempo médio de atuação de 13,7 ($\pm 6,9$) anos. Dois não possuem curso de Pós-Graduação e somente um não atua/atuou em ambiente escolar. A partir dos dados é possível identificar que o grupo é heterogêneo em relação à experiência no ambiente de treinamento do handebol, o que pode acarretar em diferentes pontos de vistas e tratamento dos treinadores com suas preferências durante a fase de ensino-aprendizagem nas categorias específicas. O fato de a maioria atuar/já ter atuado também em ambiente escolar e buscar a formação continuada através dos cursos de pós-graduação complementa e auxilia no conhecimento para o desenvolvimento em sua atuação no contexto em questão.

Por envolver a opinião de seres humanos, esta pesquisa foi submetida para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP/USP) (ANEXO A). Todos os participantes assinaram, no momento da entrevista, um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (ANEXO B), concordando com a sua participação na pesquisa. Após a transcrição da entrevista na íntegra, as mesmas foram enviadas aos respectivos treinadores para validação do conteúdo.

Tipo e instrumento de pesquisa

Para Thomas, Nelson e Silverman (2012) a pesquisa qualitativa utiliza-se de questões para guiar o processo, não estabelecendo hipóteses iniciais e tendo o foco na análise indutiva no decorrer das evidências. O pesquisador é o principal instrumento na produção e análise dos dados, com foco direcionado ao significado que o entrevistado dá às questões.

O pesquisador, ao utilizar a pesquisa qualitativa, busca analisar e interpretar os aspectos mais profundos sobre o objeto de pesquisa, podendo utilizar diferentes instrumentos para tal. Dessa forma, nesta pesquisa, a produção de dados será por meio de entrevista, sendo que estas devem ser diálogos espontâneos para compreender o ambiente e experiência dos entrevistados (MARCONI; LAKATOS, 2011).

A aplicação da entrevista semiestruturada enquanto instrumento de pesquisa qualitativa visa analisar a interação de diferentes variáveis, além de partir de

questionamentos que geram uma hipótese inicial, evidenciando informações relevantes para o processo. Em específico nesta pesquisa a entrevista semiestruturada busca a identificação e a caracterização de diferentes aspectos do processo de EAT nas categorias sub-14 e sub-16, guiada por um roteiro de questões que permitem uma flexibilidade na organização dos dados no decorrer da entrevista (FLICK, 2009). Os procedimentos para a realização das entrevistas foram pautados nas seguintes etapas (MENEZES, 2011): 1) contato com o treinador via telefone/e-mail/redes sociais, para a apresentação do projeto de pesquisa; 2) em caso de aceite, agendamento de um local e horário específico que não concorra com outras atividades profissionais do participante; 3) realização da entrevista, em local e hora combinados, gravada sem cortes; e 4) transcrição da entrevista.

Para garantir boa qualidade do áudio foram selecionados locais silenciosos e reservados. As entrevistas foram gravadas em um celular para posterior transcrição e, quando necessário, a realização de possíveis anotações pelo pesquisador para fornecer material complementar ao pesquisador para a descrição do fenômeno estudado.

O instrumento de entrevista semiestruturada é composto por questões abertas, divididas em cinco blocos temáticos: 1) dados pessoais e formação profissional; 2) aspectos do jogo ofensivo; 3) aspectos do jogo defensivo; 4) aspectos gerais; 5) indicadores gerais (ANEXO C).

O objetivo do instrumento de entrevista é conhecer o máximo dos treinadores e seus pensamentos. O bloco 1 foi realizado para caracterizar o participante em relação ao seu conhecimento adquirido ao longo dos anos e sua experiência profissional. O bloco 2, 3 e 4 são questões específicas relacionadas ao objetivo da pesquisa, com questões que possam guiar o processo de compreensão e explorar ao máximo o que está sendo buscado pelo entrevistador. O instrumento é dividido por fases do jogo para facilitar o processo de raciocínio do treinador ao responder as questões. O bloco 2 é referente à fase ofensiva (incluindo a transição), o bloco 3, são os aspectos sobre a fase defensiva (também incluindo a transição), e o bloco 4 são questões gerais referente à categoria em questão que os treinadores em suma falaram sobre os blocos 2 e 3, além de uma comparação com a categoria adulta (categoria estimada como o ápice técnico e tático). Por fim, o bloco 5 é composto por questões gerais sobre aspecto cognitivo e processo de especialização do atleta.

Forma de análise dos dados

A análise temática (AT) é um método analítico em pesquisas qualitativas, principalmente nas ciências sociais e da saúde. Dentro dos métodos relacionados à análise na pesquisa qualitativa, existem dois campos: métodos ligados a uma determinada posição teórica e métodos independentes da teoria. A AT se insere no segundo campo, possuindo uma liberdade teórica e uma flexibilidade de ferramenta de pesquisa, fornecendo dados importantes e detalhados. O método consiste em identificar, analisar e relatar padrões nos dados através de codificações de dados qualitativos (BRAUN; CLARKE, 2006, 2014).

Para realizar a AT, de acordo com Braun e Clarke (2006), deve-se inicialmente escolher o conjunto de dados, ou seja, a abordagem pode ser de uma abrangência maior ou um aspecto específico/particular, ainda assim, a análise dos dados deve ser feita de acordo com as ferramentas oferecidas pela AT, além de seus resultados serem acessíveis para todos .

Por não estar ligada a nenhuma estrutura teórica pré-existente pode ser usada de diferentes formas. A escolha pelos temas pode ser de forma indutiva (processo de codificação dos dados por si só) ou dedutiva (codificação dos dados em conceitos preexistentes). Além disso, os temas devem ser identificados em nível: semântico (busca pelos significados explícitos/superficiais dos dados) ou latente (de cunho interpretativo, que gera a busca pelas ideias, pressupostos, conceitos, ideologias do conteúdo dos dados; conteúdo mais profundo). Dessa forma, o modo de análise dos dados pela AT pode ser por meio de um método realista (relata experiências e a realidade dos participantes) ou construtivista (examina modos de intervenção e efeitos exercidos dentro da realidade) (BRAUN; CLARKE, 2006).

Desta maneira, para este trabalho foi optado como “decisão e procedimento metodológico” uma pesquisa detalhada de uma população específica (aspectos e metodologias utilizadas de acordo com treinadores de handebol do campeonato da FPHb nas categorias específicas), com um tema relacionado à abordagem dedutiva (utilizando conceitos já existentes - modelos tradicionais (GRAÇA; MESQUITA, 2015) e princípios do Teaching Games for Understanding (TGfU) (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996)), semântica (buscando os significados explícito dos dados) e realista (relatando experiências e realidade dos treinadores).

Para a realização da AT, Braun e Clarke (2006) destacam seis etapas: familiarização com os dados (leitura repetida dos dados buscando significados e padrões); geração inicial

de dados (identificação, codificação e organização de características importantes e relevantes dos dados; lista inicial de ideias sobre os códigos que serão agrupados); procura por temas (após dados codificados e agrupados, classificam-se os códigos com mesmo potencial para formar possíveis temas); revisão dos temas (conjunto e refinamento dos possíveis temas, agrupando-os ou excluindo-os, considerando sua validade individual); definição dos nomes dos temas (refinamento, análise e definição de um nome para cada tema, analisando detalhadamente os dados); produção do relatório (descrição e argumentação dos dados de forma textual, analítica, interessante, concisa, relacionada à pergunta central e com a literatura existente).

Nesse sentido, a AT relata experiências, significados e a realidade dos participantes, podendo também observar quais são os efeitos desses acontecimentos na sociedade. A flexibilidade do método permite que a escolha pelos “temas” durante o processo de análise dos dados seja organizado em temas mais importantes, mas não necessariamente são os mais predominantes, indo de acordo com a escolha do pesquisador (BRAUN; CLARKE, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O handebol, caracterizado como um jogo coletivo esportivizado (JCE), sofre alterações por diversas ações dos jogadores, que expressam o comportamento desses a partir da elaboração de suas respostas, caracterizando o comportamento tático dentro dos JCE (SISTO; GRECO, 1995). É possível caracterizar os componentes técnicos e técnico-táticos como importantes na ação motora dos jogadores para o rendimento individual e grupal/coletivo.

As atividades propostas no processo de ensino-aprendizagem devem ser estruturadas e distribuídas de acordo com os preceitos dos métodos de ensino para aquilo que se deseja desenvolver nos treinos. Da mesma forma, “o que fazer” e “como fazer” devem estar atreladas às ações técnicas e táticas, também agregadas ao fator cognitivo devido à complexidade do jogo. Para Morales e Greco (2007) o desenvolvimento do conhecimento tático processual por meio de um processo de ensino-aprendizagem adequado é importante na iniciação esportiva.

Ao serem perguntados sobre “o que você acha que seus jogadores devem saber para que o ataque e a defesa sejam eficazes?” os treinadores elencaram elementos

individuais e coletivos. Nesse sentido, os conteúdos serão divididos em três temas dedutivos “Fundamentos técnico-táticos individuais”, “Meios Táticos de Grupo” e “Aspectos Cognitivos”, apresentados em síntese nos Quadros 6 e 7.

Quadro 6. Temas dos conteúdos individuais e coletivos ofensivos

TEMAS	DEFINIÇÃO*	EXEMPLOS
<u>1- Fundamentos Técnico-táticos Individuais</u>	Princípios fundamentais para que o atacante consiga realizar ações individuais, através de um gesto motor e/ou posicionamento específico. Essas ações permitem aos jogadores realizarem as respostas frente às diversas situações-problema ocorrentes no jogo.	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamentos com e sem bola • Gesto técnico de posicionamento • Recepção • Adaptação à bola • Manejo da bola • Drible • Desmarque • Passe • Arremesso • Finta
<u>2- Meios Táticos de Grupo</u>	Ações individuais que se relacionam com ações de grupo e de conjunto. Intencionalidade tática das ações individuais.	<ul style="list-style-type: none"> • Tabela • Engajamento • Cruzamentos • Permutas • Bloqueios • Cortinas • Pantалhas/Pantallas • Ponte aérea • Fixações • Penetrações Sucessivas
<u>3- Aspectos cognitivos</u>	Processos cognitivos que são utilizados para a resolução de problemas nos JCE. As ações serão utilizadas para que o jogador consiga se adaptar e resolver as situações-problemas durante o jogo, e tomar decisões de acordo com as regras e o comportamento tático e técnico específico.	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção • Atenção • Antecipação • Memória • Pensamento • Inteligência • Tomada de decisão

*GRECO; SILVA; GRECO, 2010; MATIAS; GRECO, 2010; MENEZES, 2011.

Quadro 7. Temas dos conteúdos individuais e coletivos defensivos

TEMAS	DEFINIÇÃO*	EXEMPLOS
-------	------------	----------

<u>1- Fundamentos Técnico-táticos Individuais</u>	Princípios fundamentais para que o atacante consiga realizar ações individuais, através de um gesto motor e/ou posicionamento específico. Essas ações permitem aos jogadores realizarem as respostas frente às diversas situações-problema ocorrentes no jogo.	<ul style="list-style-type: none"> • Marcação • Deslocamentos • Bloqueio defensivo • Intercepção da bola • Roubar a bola
<u>2- Meios Táticos de Grupo</u>	Ações individuais que se relacionam com ações de grupo e de conjunto. Intencionalidade tática das ações individuais.	<ul style="list-style-type: none"> • Cobertura • Basculação • Dobra/ Dobragem • Deslizamento • Contra-bloqueio • Troca de marcação • Ajuda • Flutuação • Dissuasão • Ataque ao ímpar
<u>3- Aspectos cognitivos</u>	Processos cognitivos que são utilizados para a resolução de problemas nos JCE. As ações serão utilizadas para que o jogador consiga se adaptar e resolver as situações-problemas durante o jogo, e tomar decisões de acordo com as regras e o comportamento tático e técnico específico.	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção • Atenção • Antecipação • Memória • Pensamento • Inteligência • Tomada de decisão

*GRECO; SILVA; GRECO, 2010; MATIAS; GRECO, 2010; MENEZES, 2011.

As ações podem ser comuns de ataque e defesa: posições de base e os deslocamentos e suas variações; ou específica de cada fase do jogo: a) fundamentos técnico-táticos individuais no ataque (recepção, adaptação à bola, manejo da bola, drible, desmarque, passe, lançamento ao gol/arremesso e finta); b) fundamentos técnico-táticos individuais na defesa (marcação, deslocamentos, bloqueio defensivo, intercepção da bola, roubar a bola); c) meios táticos de grupo no ataque (tabela, engajamento par/ímpar, cruzamentos, permutas, bloqueios, cortinas, pantalhas, ponte aérea, fixações, penetrações sucessivas); d) meios táticos de grupo na defesa (cobertura, basculação, dobra, deslizamento, contra-bloqueio, troca de marcação, ajuda, flutuação, dissuasão, ataque ao ímpar) (MENEZES, 2011; GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

As ações dos meios táticos de grupo no ataque solicitam de ações técnico-táticas individuais, intencionando uma ação tática. Para o êxito na criação de situações ofensivas, os jogadores devem levar em consideração a mudança de direção e de ritmo de corrida ou de velocidade, além da distância com o defensor (GRECO; SILVA; GRECO, 2012), para a defesa, os princípios são contrários aos do ataque.

Além desses conteúdos individuais e coletivos, Matias e Greco (2010) apontam a cognição como um importante tema dentro do esporte atual. A cognição tem relação com o conhecimento e a consciência e está diretamente relacionado ao processo de ensino-aprendizagem dentro dos JCE, principalmente para qualificar as ações e exigências dos atletas. Os processos cognitivos são percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência, tomada de decisão, etc. Tais processos estão diretamente relacionados aos princípios do método de ensino TGfU.

Quando perguntados sobre “como você ensina esses conteúdos (ofensivos e defensivos)” os treinadores deram exemplos de exercícios que realizam nos treinos tendo os elementos anteriormente citados como objetivo. A partir da resposta e explicação dos exercícios, foi possível ponderar o método de ensino utilizado de acordo com dois temas dedutivos “Princípios do TGfU” e “Métodos tradicionais”, apresentados em síntese no Quadro 8.

Quadro 8. Temas dos métodos de ensino

TEMAS	DEFINIÇÃO*	EXEMPLOS
<u>1- Princípios do TGfU</u>	Centrado no jogo e nos alunos. Os praticantes devem tomar decisões com base na consciência tática concebidas a partir de diferentes princípios inseridos durante os treinos.	<ul style="list-style-type: none"> • Modificação por representação • Modificação por exagero • Diversificação • Complexidade tática
<u>2- Métodos Tradicionais</u>	Centrado nas técnicas descontextualizadas, em que o ensino do jogo está na maioria das vezes ausente ou sob uma supervisão genérica de manutenção da ordem.	<ul style="list-style-type: none"> • Método analítico

*BUNKER; THORPE, 1986; HOLT; STREAN; BENGOCHEA, 2002; GRAÇA; MESQUITA, 2015.

Para Menezes (2013) os métodos de ensino-aprendizagem se diferenciam quanto à concepção do jogo e sua forma de intervenção. O método analítico-sintético (ou tradicional) de ensino é caracterizado pela fragmentação dos elementos técnicos, chamados de fundamentos, que ocorrem durante o jogo. Este método, para Greco (2001), é interessante ser aplicado após os 12-14 anos, quando começa a se definir o processo de correção da técnica, pois durante o processo de desenvolvimento esportivo até os 14 anos ainda é a fase de adquirir habilidades sem que seja preciso lapidá-las para jogar. Os

treinadores entrevistados também concordam com isso, podendo acompanhar os discursos mais a seguir.

Os métodos tradicionais de ensino prezam por aspectos de aprendizagem e execução motora das habilidades, colocando-os como fatores principais para o sucesso da participação no jogo, mesmo que tais habilidades sejam realizadas em situações descontextualizadas, antes mesmo do envolvimento no jogo (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995; GRAÇA; MESQUITA, 2002).

Novas abordagens em relação aos métodos de ensino são contrárias aos métodos tradicionais e rompem o pensamento em contextos e cenários de aprendizagem. Tais métodos, também caracterizados como “métodos alternativos” aparecem como um avanço ao processo de ensino-aprendizagem, propondo um papel importante para o professor frente à estrutura de trabalho. O TGfU, por exemplo, tem seu desenvolvimento centrado no aluno e nos jogos além de priorizar a intencionalidade tática através de conhecimentos adquiridos pela prática do jogo, podendo ser anteriormente ou concomitantemente com a aprendizagem do gesto técnico (GRAÇA; MESQUITA, 2015).

O TGfU, segundo Hopper e Kruisselbrink (2002), foi desenvolvido como uma alternativa ao método com características do ensino tradicional e de ênfase ao movimento perfeito, a partir do pressuposto de que a ênfase apenas na técnica de forma isolada não é transferível para o jogo. No TGfU a técnica não é priorizada e sim, a tática, com o objetivo de desenvolver nos atletas a capacidade do jogo (COSTA; NASCIMENTO, 2008). Este modelo tem como principal característica o estilo de ensino de descoberta guiada, no qual, dentro do processo de ensino-aprendizagem é possível discutir e aplicar diferentes soluções-problema a partir da intervenção do treinador, sendo que este ensina ao aprendiz, que também faz parte do processo, uma forma de pensar o jogo como um contexto de tomada de decisão e reflexão (GRAÇA; MESQUITA, 2007). O papel do aprendiz não é de apenas executar as atividades propostas, mas sim o de participar criticamente na elaboração das atividades (COSTA et al., 2010).

A compreensão do jogo é baseada pelo conhecimento, sua organização, configuração e os aspectos envolvidos (conteúdos, variáveis, sistemas, etc). Tudo isso só é possível a partir da quantidade de informações que estão disponíveis para serem processadas pelo jogador em um menor tempo possível (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995). Durante o processo de ensino-aprendizagem, o TGfU preconiza que o aluno/jogador entenda primeiramente o jogo e suas regras para que depois ele venha ter um desenvolvimento tático a respeito do mesmo, conhecendo o ambiente e a partir disso tome

decisões (“o que fazer” e “como fazer”) utilizando habilidades técnicas (BUNKER; THORPE, 1986), levando em consideração que o movimento perfeito da técnica não é um parâmetro determinante para que o jogador jogue.

Para Greco (2001) o ideal é que sejam enfatizados vários métodos para que haja diferentes experiências de jogo. O modo de como ensinar a prática esportiva, durante a etapa de iniciação aos JCE, deve objetivar o melhor desenvolvimento de diferentes capacidades dos jogadores a partir de propostas que evitem a especialização precoce. Menezes, Marques e Nunomura (2014, p.366) partilham a ideia de que

Os processos que privilegiam as repetições de movimentos e/ ou as ações táticas específicas e estereotipadas podem contribuir para a ocorrência de EEP (especialização esportiva precoce), principalmente se estiverem associados a um quadro de treinamento e competição similar ao universo adulto. Essa situação exige cuidados por parte do professor ou treinador, pois restringe as possibilidades de aprendizagem diversificada de elementos técnico-táticos.

Além disso, considerando a formação esportiva em longo prazo, Côté, Baker e Abernethy (2007) desenvolveram um “Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva” (DMSP - sigla em inglês), que apresenta uma série de conceitos e estágios de acordo com a idade e a aprendizagem das crianças e adolescentes, sendo que estes podem transitar por entre as vias (figura 6).

Figura 6. Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007)

Pelo modelo, no início do processo, há grande parte de jogo deliberado em relação à prática deliberada, o que vai sendo inversamente proporcional até chegar na elite. O Jogo Deliberado está relacionado à aprendizagem emocional e envolve atividades físicas de desenvolvimento que são intrinsecamente motivadoras. Essas atividades têm regras adaptadas e são estabelecidas por crianças ou adultos que estão envolvidos na atividade. Já a Prática Deliberada está relacionada à aprendizagem racional, que consiste em atividades que visam a melhora do desempenho e são monitoradas por adultos (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Tais práticas estão diretamente relacionadas aos métodos de ensino priorizados por treinadores de diferentes modalidades, sendo que é possível considerar o TGfU como um meio para a prática do jogo deliberado, assim como a prática deliberada é pautada no método de ensino tradicional.

Além do jogo deliberado e prática deliberada outros tipos de prática fazem parte do desenvolvimento esportivo como a Prática Espontânea, que constitui uma forma de aprendizado informal, não é planejada sistemática e pedagogicamente e é liderada pelas próprias crianças, e a Prática do Jogo que são atividades conduzidas por adultos que têm o objetivo de melhora de desempenho porém enfatiza a diversão, mantendo a motivação pela prática (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Durante a fase de iniciação, devem ser dados estímulos diversificados, contrapondo a especialização precoce, que não é necessária nos anos iniciais esportivos da criança (RAMOS; NEVES, 2008). Diante disto, é considerável que durante o processo de ensino-aprendizagem do handebol o treinador possibilite a vivência de diferentes estímulos aos seus jogadores, permitindo que os mesmos se desenvolvam e consigam atuar frente a diferentes situações técnico-táticas durante o jogo (MENEZES, 2011).

Dessa forma, os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com as categorias, relacionados aos objetivos do trabalho: conteúdos e métodos de ensino priorizados na categoria sub-14 e sub-16 feminina e masculina (figura 7).

Figura 7. Síntese de apresentação dos resultados.

Por meio da análise temática com abordagem dedutiva, os temas foram nomeados de acordo com literatura já existente, caracterizando as falas dos treinadores de acordo com seu tema correspondente, como apresentado a seguir.

CATEGORIA SUB-14

A categoria sub-14 é classificada por Côté, Baker e Abernethy (2007) como “Anos de especialização”, cuja prática deve ser pautada em jogo deliberado e prática deliberada de maneira balanceada, além de haver redução no envolvimento em vários esportes.

Para treinadores de equipes femininas, quando perguntados sobre “o que você acha que suas jogadoras devem saber fazer individualmente para que o ataque seja eficaz?” a maioria dos treinadores elencaram variáveis do tema 1 “fundamentos técnico-táticos individuais”, conforme trechos apresentados a seguir:

“Muito 1x1, tem que saber fintar para os dois lados muito bem... muito bem... e saber fazer um passe, uma recepção para seguir o jogo caso venha a ter cobertura, isso para mim é o essencial.”^{T2}

“Jogar sem bola... Um passe inteligente, chute, essas coisas de arremesso.”^{T3}

“Chutar de fora, saber fintar, jogar no 1x1, no 1x2, no 1 x goleiro, ela tem que ser muito inteligente, puxar muito contra ataque.”^{T4}

“Pegar a bola com equilíbrio, de ter um gesto técnico bem executado pras finalizações, dominar as trajetórias, fazer desmarques.”^{T4}

“Saber fintar, arremessar e jogar sem bola.”^{T6}

Quatro acreditam que “aspectos cognitivos e tomada de decisão” relacionado ao tema 3 são mais importantes:

“Percepção de espaço.”^{T3}

“Leitura de jogo, tomada de decisão.”^{T4}

“Construção do jogo em profundidade ou em largura, buscar os melhores espaços.”^{T5}

“Boa leitura pra poder desvencilhar do oponente.”^{T6}

E somente um treinador ponderou sobre o tema 2 “meios táticos de grupo”:

“Se você tem uma defesa 3:3, você precisa jogar com desmarque, você tem que jogar com circulação... Se você tem uma defesa 5:1, que são duas linhas defensivas, você tem sempre que atacar nos espaços.”^{T1}

É possível observar que individualmente no ataque os aspectos relacionados ao tema 1 “fundamentos técnico-táticos individuais” são os mais importantes pelo ponto de vista dos treinadores, seguidos por “aspectos cognitivos e tomada de decisão” e, por último, “meios táticos de grupo”. Os elementos citados estão relacionados, principalmente, ao gesto motor de passes, recepção e arremessos, com muita utilização de fintas. Nesta categoria é possível que esses elementos se tornem essenciais para que haja uma “construção” da jogadora e ela consiga desenvolver-se para que venha cumprir seu papel durante o jogo e pensar de uma forma mais coletiva e grupal.

Em relação aos elementos ofensivos coletivos, quando perguntados sobre “o que você acha que suas jogadoras devem saber fazer coletivamente para que o ataque seja eficaz?” os treinadores não citaram o tema 1. A maioria priorizou o tema 2:

“Jogo de muita resposta não para o mesmo espaço, uma continuidade de bola, uma visão de jogo, sabendo pra onde passar, como passar.”^{T3}

“Ter domínio dos fundamentos e trabalho de engajamento, cruzamentos pra sobrar uma menina livre, trabalho com pivô, entrada de segundo pivô procurando espaço.”^{T4}

“Dominar o entendimento dos espaços, jogar com um pouco mais de movimento, atacar espaço livre, dar continuidade antes de tomar contato, antes de perder a bola, ou de passar a bola sem ter a visualização e a resposta. Aprender a fixar, depois atacar espaço entre duas, continuidade, resposta das jogadoras sem bola.”^{T5}

“Se entender coletivamente, onde uma olha pra outra e sabe o que tá acontecendo.”^{T7}

E somente um treinador ponderou sobre o tema 3:

“Muita velocidade, boa leitura de jogo, entender como que é o jogo e atacar em velocidade.”^{T2}

Para os treinadores, coletivamente, os fundamentos técnico-táticos individuais não são nada importantes para o desenvolvimento do ataque, em contrapartida, os meios táticos de grupo são os mais relevantes e os aspectos cognitivos e tomada de decisão também contribuem.

Os trechos citados anteriormente estão diretamente relacionados ao desenvolvimento e às fases de aprendizagem que Garganta (1995) traz como “níveis de relação”. Se pensarmos nos elementos do jogo (bola, alvo, adversários, colegas) e suas relações a tendência é partir de relações mais simples às mais complexas, dessa forma, individualmente os treinadores trazem a ideia de “eu-bola” (passe/recepção/drible), “eu-bola-alvo” (arremessos), “eu-bola-adversário” (finta, 1x1, 1x2, 1x goleiro), “eu-bola-colega-adversário” (desmarque), a partir destas relações que podemos chamar de “menos complexas” vão surgindo as ideias dos treinadores ao jogo coletivo ofensivo, que podemos conciliar com as ideias das relações “eu-bola-colegas-adversários” (penetrações sucessivas/criação de linha de passe), “eu-bola-equipe-adversários” (jogo formal), consideradas “mais complexas”.

Para treinadores de equipes masculinas, quando perguntados sobre “o que você acha que seus jogadores devem saber fazer individualmente para que o ataque seja eficaz?” não surgiram opiniões relacionadas ao tema 2 e a maioria dos treinadores elencou variáveis do tema 3:

“Tem que saber o momento do jogo, ter os fundamentos técnicos apurados, tem que ter habilidade pra executar naquele momento.”^{T19}

“Trajetórias, passe, finalizar bem, entender o jogo, entender o espaço, a tomada de decisão tem que ser boa, dar continuidade, visão periférica, noção espacial.”^{T17}

“Tem que entender o que está fazendo e conseguir fazer a leitura do ataque e do defensor. Se ele não conseguir fazer a leitura da defesa, ele não ataca. Ler e entender pra ele poder ir pra frente, senão o jogo dele é lateral, tem que saber o que tá fazendo naquela posição e qual ação ele pode fazer pra abrir um espaço.”^{T12}

“Entendimento do jogo quando é superioridade e quando é igualdade. Entender que quando estou na igualdade eu tenho que chamar o próximo, atacar espaço. Quando eu tenho superioridade eu tenho que atacar o espaço vazio pra chamar a defesa e seguir. Fixar um e seguir a bola.”^{T16}

E surgiram opiniões relacionadas ao tema 1:

“Tem que aprender gostar de jogar, fazer passe, olhar pra frente.”^{T12}

“Arremessar, passar bem, correr, jogar com bola, jogar sem bola, observar.”^{T15}

“Desmarque sem bola, ser participativo no jogo, 1x1 e 2x2 com bola.”^{T18}

Individualmente, ao contrário do que achado no feminino, os aspectos cognitivos e tomada de decisão são os elementos mais importantes e os fundamentos técnico-táticos ficam em segundo plano, não tendo nenhuma contribuição de meios táticos de grupo. O momento de realizar as ações e o entendimento do jogo, leitura, posicionamento são pontos importantes para ter sucesso no jogo, de acordo com os treinadores. Essa percepção deve ser utilizada partindo do pressuposto que os jogadores já tenham uma bagagem de ações individuais e grupais para que então as coloquem em jogo a partir de relações mais complexas e inteligência.

Em relação ao “o que seus jogadores devem saber fazer coletivamente para que o ataque seja eficaz”, os treinadores, em sua maior parte, citaram variáveis relacionadas ao tema 3:

“Entender essa continuidade. Entender que não posso atacar o espaço do meu amigo, porque ele também faz parte do jogo e precisa produzir ali.”^{T16}

“Ele tem que entender o jogo. Tem que entender a superioridade numérica, atacar no espaço, aí entra a tomada de decisão, ele tem que entender pra onde seguir bola. Ele tem que saber o que ele vai fazer, entender não o jogo só pra ele mas o que ele precisa fazer pro colega do lado finalizar e assim por diante. Isso sem falar em movimentações ou algo do tipo que é pra mim criar uma boa situação pra finalizar, engajamento básico ali.”^{T17}

“Além da qualidade individual, ele deve entender quem que tá mais próximo dele, pra ter o senso de espaço bem definido, pensar qual que é a melhor opção pra ele, um passe mais arriscado ou um passe mais fácil.”^{T18}

Dois acreditam que o tema 1 seja mais relevante:

“Passe e recepção perfeitos, velocidade no passe, olhar pra frente sempre. Então eu vejo o emocional e a autoconfiança.”^{T12}

“Saber onde se posicionar, pra onde correr, saber o que o outro tá fazendo, como responder. Passe, a técnica do passe, o arremesso acabam sendo fundamental porque é o elo de ligação e de finalização do objetivo coletivo.”^{T15}

E um priorizou o tema 2:

“Coletivamente você precisa ter trabalhos individuais bons, você precisa de todas as peças de boa qualidade. E aí taticamente você precisa ter ações em conjunto bem trabalhadas e bem treinadas, porque quando é bem treinado você consegue abrir espaço e tudo mais.”^{T19}

No desenvolvimento coletivo ofensivo, corroborando com os dados individuais, os aspectos cognitivos e tomada de decisão continuam sendo os mais importantes, porém, a relevância é seguida pelos fundamentos técnico-táticos individuais e os meios táticos de grupo. Os treinadores, em sua maioria, consideram que o momento correto de executar o

passe, de arremessar e a percepção do jogo, dos adversários e dos colegas, são os principais pontos para que o time obtenha sucesso no ataque. O entendimento do jogo torna-se o ponto principal para que aconteçam as ações do ataque, somando ao gesto técnico eficaz, tanto individualmente quanto coletivamente. Nesta etapa não há necessidade de exigir eficiência nas ações, o objetivo é que elas aconteçam e os jogadores consigam compreender o cenário do jogo. Isto está relacionado aos métodos de ensino utilizados e priorizados pelos treinadores, que vão guiar a forma de ensino e os exercícios para o objetivo central do time e de cada treino.

Em um estudo realizado por Souza et al. (2013) na categoria sub-14 do futebol, foi observado a influência dos comportamentos táticos dos jogadores após sessões de treinamentos com o método TGfU. Foi possível observar que houve melhora na compreensão e entendimento do modelo de jogo, que foram influenciados pela percepção espacial, conhecimento das capacidades e possibilidades de movimentação (própria e dos colegas), características estas que são estimuladas pelo método de ensino em questão. É importante ponderar que elementos relacionados aos aspectos cognitivos ainda estão em formação nesta faixa etária mas são imprescindíveis para o desenvolvimento do atleta.

Em relação aos métodos de ensino utilizados para o desenvolvimento dos conteúdos citados anteriormente, nas equipes femininas, relacionados aos aspectos individuais ofensivos das atletas os treinadores em sua maioria priorizam os métodos relacionados ao tema 1 “Princípios do TGfU”:

“Joguinho de mudança de direção... fazendo um pega-pega com algumas defendendo a área, sem bola, as outras tem que saltar pra dentro da área buscando o espaço, e fazendo essa mudança de direção como se fosse um pega-pega propriamente dito, aí depois a gente vai introduzindo, bola, regra, técnicas individuais, pra que venha chegar a um certo ponto... 2x2, 1x1”^{T2}

“Posiciono uns cones, em espaços e aí a defesa sai de um lugar, o ataque sai de outro, e aí no passe ela precisa escolher o melhor espaço pra ela entrar e a defesa vai fechar esse espaço. Relacionado a passe, é... jogo dos 10 passes”^{T3}

“Coloca uma situação real de jogo, que ela precisa pegar a bola em movimento, saltar e finalizar antes da primeira defensora chegar e controlar, desequilibrar ou diminuir o espaço”^{T5}

“Muito 1x1 com individual. Coloca o joguinho de 1x1, apoio com a bola na mão, defensor o tempo todo marca em cima do atacante, o atacante tem que desmarcar, receber essa bola e ir pro gol. A gente trabalha bastante com os pequenos jogos... 1x1, 2x2, 3x3 e de forma setorizada. Nunca como um todo. O todo é uma parte final, mas neste momento a gente trabalha muito em setores”^{T6}

“Bom, primeiro são treinadas repetindo, repetindo. Porque quanto mais você repete mais você guarda na memória, né. Você não faz, por exemplo, três treinos iguais, aliás dois treinos iguais já é difícil, você tem que mudar a forma, didática

que você tá trabalhando pra que você motive seu atleta a não ficar repetindo uma coisa. A gente procura trabalhar com a realidade do jogo, passe em movimento, correndo, recebendo a bola já em movimento e não parado, não de frente um pro outro, com exceção do pivô, então você trabalha o que, parte dinâmica”^{T7}

Porém, alguns treinadores preferem trabalhar com os métodos relacionados ao tema 2 “Métodos tradicionais”:

“Eu coloco cones em duas filas paralelas, só que em diferentes direções, onde elas vão em velocidade sem bola, fazendo mudança de direção e buscando espaço”^{T2}

“1x1, uma menina marcando e uma menina com bola num lugar parado, e essa menina tem que desmarcar pra receber a bola. Faço mesmo algo mecanizado.. Todo treino a gente faz algo mecanizado, passe lateral - lateral, passe de ombro, passe com a mão esquerda, passe longo, passe curto.. Eu fico muito na parte mecânica assim... eu gosto de fazer bastante”^{T3}

“A gente treina finta contra cone, finta contra defesa, 1x1, meu objetivo é que ela passe... só que ao mesmo tempo eu quero que ela passe pela dela, veio a cobertura, ela dê sequência pra outra... então a gente vai do geral e indo pro específico... Quero que ela saiba chutar de apoio... Normalmente a gente faz todas elas, todo mundo vivenciando, até como aquecimento... vamos aquecer goleira, chute de apoio, chute do centro, chute dos 9... Aí agora eu quero uma coisa mais específica, então eu vou pegar as armadoras, quero que as armadoras fintem... 1x1, passa, recebe, chute. Agora quero arremesso de apoio: passo, recebo e chute de apoio. Então, exercícios de tomada de decisão em diferentes tipos de arremesso.”^{T4}

Os treinadores preferem utilizar o TGfU para o desenvolvimento dos conteúdos individuais ofensivos em equipes femininas, considerando os elementos técnico-táticos individuais mais importantes nessa categoria. Acreditam que por meio de pequenos jogos ou brincadeiras que mantenham a relação de 1x1 (simulando a defesa individual), o passa 10 para trabalhar os passes e desmarques, e setorizar na quadra utilizando relações numéricas de superioridade e igualdade ofensiva é possível que os jogadores consigam se desenvolver e atingir o objetivo proposto. Os exercícios analíticos com filas, arremessos, utilização de cones (sem marcação) são priorizados por alguns treinadores, mas esses exercícios (por mais que sejam utilizados por alguns treinadores) não conseguem objetivar o desenvolvimento das atletas para as valências que os mesmos acham importantes as jogadoras possuírem.

Coletivamente no ataque, ainda é possível observar uma preferência do tema 1:

“Joguinho de mudança de direção... fazendo um pega-pega com algumas defendendo a área, sem bola, as outras tem que saltar pra dentro da área buscando o espaço, e fazendo essa mudança de direção como se fosse um pega-pega propriamente dito, aí depois a gente vai introduzindo, bola, regra, técnicas individuais, pra que venha chegar a um certo ponto... 2x2, 1x1”^{T2}

“Posiciono uns cones, em espaços e aí a defesa sai de um lugar, o ataque sai de

outro, e aí no passe ela precisa escolher o melhor espaço pra ela entrar e a defesa vai fechar esse espaço. Relacionado a passe, é... jogo dos 10 passes”^{T3}

“Coloca uma situação real de jogo, que ela precisa pegar a bola em movimento, saltar e finalizar antes da primeira defensora chegar e controlar, desequilibrar ou diminuir o espaço”^{T5}

“Muito 1x1 com individual. Coloca o joguinho de 1x1, apoio com a bola na mão, defensor o tempo todo marca em cima do atacante, o atacante tem que desmarcar, receber essa bola e ir pro gol. A gente trabalha bastante com os pequenos jogos... 1x1, 2x2, 3x3 e de forma setorizada. Nunca como um todo. O todo é uma parte final, mas neste momento a gente trabalha muito em setores”^{T6}

“Bom, primeiro são treinadas repetindo, repetindo. Porque quanto mais você repete mais você guarda na memória, né. Você não faz, por exemplo, três treinos iguais, aliás dois treinos iguais já é difícil, você tem que mudar a forma, didática que você tá trabalhando pra que você motive seu atleta a não ficar repetindo uma coisa.

“A gente procura trabalhar com a realidade do jogo, passe em movimento, correndo, recebendo a bola já em movimento e não parado, não de frente um pro outro, com exceção do pivô, então você trabalha o que, parte dinâmica”^{T7}

Em relação ao tema 2:

“Eu coloco cones em duas filas paralelas, só que em diferentes direções, onde elas vão em velocidade sem bola, fazendo mudança de direção e buscando espaço”^{T2}

“1x1, uma menina marcando e uma menina com bola num lugar parado, e essa menina tem que desmarcar pra receber a bola. Faço mesmo algo mecanizado.. Todo treino a gente faz algo mecanizado, passe lateral - lateral, passe de ombro, passe com a mão esquerda, passe longo, passe curto.. Eu fico muito na parte mecânica assim... eu gosto de fazer bastante”^T

“A gente treina finta contra cone, finta contra defesa, 1x1, meu objetivo é que ela passe... só que ao mesmo tempo eu quero que ela passe pela dela, veio a cobertura, ela dê sequência pra outra... então a gente vai do geral e indo pro específico... Quero que ela saiba chutar de apoio... Normalmente a gente faz todas elas, todo mundo vivenciando, até como aquecimento... vamos aquecer goleira, chute de apoio, chute do centro, chute dos 9... Aí agora eu quero uma coisa mais específica, então eu vou pegar as armadoras, quero que as armadoras fintem... 1x1, passa, recebe, chute. Agora quero arremesso de apoio: passo, recebo e chute de apoio. Então, exercícios de tomada de decisão em diferentes tipos de arremesso.”^{T4}

Assim para trabalhar os conteúdos individuais, é possível observar que a maioria dos treinadores preferem exercícios com pequenos jogos ou que simulem o jogo formal ou parte dele, criando situações reais do jogo para que as atletas consigam solucionar os problemas que aparecem também coletivamente. A maioria utiliza o TGfU, porém, muitas vezes, utilizam os mesmos exercícios para objetivos individuais e coletivos, sendo que anteriormente pudemos observar que não são prezadas as mesmas variáveis individualmente e coletivamente no ataque. Coletivamente os conteúdos priorizados são os meios táticos de grupo, possível observar que durante os exercícios podem ser trabalhados

através dos pequenos jogos e das mudanças feitas nas “regras” e variações dos exercícios.

Desta forma, temos duas alternativas sobre os métodos e exercícios utilizados no ataque: a) os treinadores têm conhecimento sobre os exercícios e sobre o método utilizado e conseguem fazer alterações durante o treino para que o mesmo contemple os diferentes elementos e que alcancem o resultado esperado dos atletas; ou b) não possuem conhecimento suficiente para distinguir e aplicar o método corretamente e acreditam que esta forma é a melhor sem que haja uma especificidade e contemple o objetivo do treino.

Por isso torna-se importante que os treinadores tenham conhecimento e consigam propor exercícios que estimulem o processo criativo e desenvolva uma gama de variáveis contextualizadas ao jogo que vão contribuir para o processo de tomada de decisão do jogador. Além disso, é importante dar aos jogadores infinitas possibilidades táticas de jogo que os oriente e os deixem preparados para suas ações criativas (EHRET et al., 2002), sendo que o desenvolvimento das habilidades de jogo é um ponto extremamente importante na etapa de treinamento e está diretamente relacionado à contextualização no jogo e ações táticas (MENEZES et al., 2018).

Vale frisar que a utilização do método tradicional novamente não consegue contemplar o desenvolvimento das valências consideradas importantes para as jogadoras e ainda assim foi citado por alguns treinadores. O ensino por meio de métodos tradicionais, que fragmenta as partes do jogo, não torna aplicável durante o contexto do mesmo, sendo que tal método é questionável por não proporcionar relações de cooperação e oposição e não instigar o pensamento tático intencional nos jogadores (MENEZES; REIS; MORATO, 2016), desta forma, por mais que seja importante o desenvolvimento de habilidades, o método TGfU traz a ideia de que você pode trabalhar estes aspectos desde que não seja somente desta forma segmentada e descontextualizada. Sendo que a aprendizagem tática implica em um processo de interação, tanto com o ambiente quanto com os outros participantes, processo de construção e processo cognitivo, relacionando também as regras de ação e regras de organização (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995).

A preferência por métodos de ensino ativos nos treinamentos de equipes femininas pode ser identificada também no basquetebol (ARIOSI; MENEZES, 2016), no qual treinadores da categoria sub-13 priorizam o ensino por meio dos jogos e buscam criar ambientes complexos e imprevisíveis próximo ao jogo formal. Ideia similar às apresentadas pelos treinadores entrevistados nesta pesquisa.

Para treinadores da equipe masculina, em relação aos elementos individuais ofensivos, exercícios relacionados ao tema 1 são mais importantes:

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

“Dinâmica de exercício de joguinhos... pequenos joguinhos. Jogo dos 10 passes. Aí dentro, 3 contra 3 passando bola e aí daqui a pouco só pode passar a bola e não pode repetir o cara que passou a bola, daqui a pouco você pode passar saltando, daqui a pouco você tem que... como você só pode passar pra um cara, você não corre desnecessariamente, você para e observa... quando aquele cara passou a bola pro outro cara é a hora de aparecer pra jogar... exercícios que a gente vai buscando encaixar e vai fazendo variações, vai dando start nos meninos pra que eles pensem, entrem em conflito, tenham dificuldades, raciocinem pra quê...”^{T15}

“Eu tento recortar os exercícios. Então, pego o ponta e o lateral e coloco eles nas suas respectivas posições e coloco um defensor, explico que eles estão em superioridade e tem que atacar reto e verificar se o marcador vai em cima deles ou não. Se for em cima deles tem que seguir a bola e o ponta vai arremessar. Depois o mesmo exercício com dois defensores, em igualdade, e explicar que agora precisa atacar, passar do meu para a cobertura vir e eu poder seguir a bola”^{T16}

“Coloca uma defesa, um marcando nos 6m, com espaço reduzido e outro marcando nos 9m, coloca esse atleta de frente com a defesa, com essas duas linhas de defesa, aí eu coloco a bola em cima da cabeça dele. Quando eu jogar a bola, ou ele vai deixar quicar, ou ele vai segurar direto e aí ele tem que sair da primeira linha que é um avançado e atacar na segunda linha que é a linha que joga nos seis. Depois posso colocar um atleta como apoio, pra ele receber essa bola e depois atacar de novo”^{T17}

“Eu dou um joguinho “jogo da minha casa”: Tem a área e tem os menininhos dos 9m até os 9m. Só pode defender dos 6m aos 9m. Então primeiro eu dou sem bola... quantos quiser, né, pode ser mais que três... sem bola esse menino tem que entrar no espaço. O outro não precisa segurar, abraçar ele, só tocar... se relar, perdeu. O objetivo é entrar na área. Depois eu coloco bola, todos com bola. E aí joga 1x1 ou todo mundo contra todo mundo. É só roubar bola, não pode travar, não pode nada. Quem roubou a bola ajuda.”^{T19}

Somente um treinador possui a visão de trabalho alinhada ao tema 2:

“Exercícios de coordenação, trabalhos de agilidade, mas como pré aquecimento, você não vai dar ênfase, não vai ser um trabalho exaustivo, é pra você trabalhar as questões de mudança de direção do atleta, isso é importante. Eu pego um cone, um limite e ele tem que fazer uma mudança de direção, então vai pro lado esquerdo e corre fortemente pro lado direito. Se for exercício de passe é um pouco diferente, mas sempre colocar finalização no gol, porque senão não faz muito sentido. E aí aos poucos você vai aumentando, coloca um defensor e assim vai”^{T18}

Os treinadores também priorizam os pequenos jogos e atividades com relação de 1x1, em espaços reduzidos e recortados com relações inferiores ao jogo formal. Isto também observado para equipes femininas.

A ideia de jogos mantém-se forte, criando regras para passe, regras de ação entre os jogadores além dos recortes do jogo formal, mantendo a imprevisibilidade e complexidade do jogo, com relações mais complexas e manipulando questões de variabilidade/relação numérica. A preferência por métodos ativos corrobora com os achados de Menezes,

Marques e Nunomura (2015), no qual os treinadores estão preferindo métodos de ensino ativos, que contenham jogos e contemplem as situações do próprio jogo. Os mesmos autores trazem que na categoria sub-14 é importante que os métodos sejam utilizados para que haja uma formação generalista, experimentando todos os postos específicos em ambientes desafiadores. Além de que, na categoria sub-14 devem ser priorizadas situações facilitadoras do ataque em relação a defesa (achado para o ensino de fixações, podendo ser estendida para outras variáveis), como por exemplo superioridade numérica, para a compreensão do conceito e da utilização no jogo (MENEZES, 2011).

Para os elementos coletivos ofensivos, os treinadores ainda preferem utilizar exercícios relacionados ao tema 1:

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

“Dinâmica de exercício de joguinhos... pequenos joguinhos. Jogo dos 10 passes. Aí dentro, 3 contra 3 passando bola e aí daqui a pouco só pode passar a bola e não pode repetir o cara que passou a bola, daqui a pouco você pode passar saltando, daqui a pouco você tem que... como você só pode passar pra um cara, você não corre desnecessariamente, você para e observa... quando aquele cara passou a bola pro outro cara é a hora de aparecer pra jogar... exercícios que a gente vai buscando encaixar e vai fazendo variações, vai dando start nos meninos pra que eles pensem, entrem em conflito, tenham dificuldades, raciocinem pra quê...”^{T15}

“Eu tento recortar os exercícios. Então, pego o ponta e o lateral e coloco eles nas suas respectivas posições e coloco um defensor, explico que eles estão em superioridade e tem que atacar reto e verificar se o marcador vai em cima deles ou não. Se for em cima deles tem que seguir a bola e o ponta vai arremessar. Depois o mesmo exercício com dois defensores, em igualdade, e explicar que agora precisa atacar, passar do meu para a cobertura vir e eu poder seguir a bola”^{T16}

“4 jogadores atacando e 3 marcando, 4x3, superioridade numérica no ataque e tem que sobrar, o cara tem que finalizar sozinho, não quero confronto direto pra finalizar. Depois eu posso até igualar o jogo. Porque aí ele consegue entender que é um conjunto”^{T17}

E somente dois treinadores têm preferência pelo tema 2:

“A gente faz situações individuais, mas quando tá próximo de jogos a gente pensa principalmente em situações 2x2, 3x3... não precisa às vezes perder muito tempo nisso. Situações de 2x2 de diferentes postos. Até chegar em situações mais globais também”^{T18}

“Eu faço partes sem contato, sem defesa, então eu trabalho quando eu vou passar uma tática de jogada”^{T19}

Torna-se evidente e coerente a opinião sobre quais as variáveis desenvolver nos atletas (tanto individual quanto coletivamente) e como realizar isso no treino.

Os métodos ativos de ensino trabalham mais o lado cognitivo do aluno ao contrário

dos métodos tradicionais, que trazem o professor como o centro do processo. Os métodos alternativos (ativos) possuem uma perspectiva cognitivista, que é baseada no construtivismo, colocando os alunos como centro do processo e reconhecendo a conscientização, atingindo os mecanismos internos da atividade para que realmente ocorra o aprendizado. O conhecimento e a habilidade estão relacionados e sofrem influência do conhecimento processual e a variável tempo, sendo que a construção do conhecimento do jogador é realizada a partir de sua interação com o ambiente (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995).

Assim como para equipes femininas o TGfU é priorizado tanto para o desenvolvimento de ações individuais quanto coletivas. A crítica para equipes masculinas também decorre à utilização do método tradicional de ensino, que visam ações mecanizadas, enquanto o que os treinadores esperam dos jogadores são as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, à percepção do jogo, à tomada de decisão e noção espaço-temporal, novamente a utilização dos exercícios, em específico por este método, vem na contra-mão do que é importante ensinar e torna-se impossível desenvolver valências cognitivas utilizando método analítico.

Defensivamente, na categoria sub-14, os treinadores de equipes femininas, ao responderem à pergunta “o que você acha que duas jogadoras devem saber fazer individualmente para que a defesa seja eficaz?”, têm preferência por aspectos relacionados ao tema 3:

“Leitura de jogo.”^{T2}

“Muita percepção de espaço, entender a hora que sair, a hora que voltar.”^{T3}

“Tem que tá muito atenta, entender o jogo, entender quando você precisa fazer uma falta ou simplesmente interceptar o passe.”^{T4}

“Aprender ter controle do adversário, e saber quando bloquear, desequilibrar, interceptar, limpar, encaixar, observar a atuação do que a minha direta tá fazendo pra aí sim eu me comportar de tal maneira.”^{T5}

“Troca defensiva, ter o timing de saber sair no momento certo pra cortar um passe ou roubar uma bola ou interceptar e sair decidida pra a jogada, conseguir fazer um encaixe do adversário.”^{T7}

Três treinadores acreditam que elementos relacionados ao tema 1 sejam mais relevante:

“Muita mobilidade de perna, atacar o atacante.”^{T3}

“Controlar sua jogadora, não tomar finta, não fazer falta desnecessária.”^{T4}

“Entendimento que defender é dar contato. Que eu não posso ficar sempre esperando o atacante vir, eu tenho que me predispor a ir na direção do atacante.”^{T6}

E somente um treinador prefere variáveis do tema 2:

“Cobertura, que momento que eu posso esperar a hora de bloqueio.”^{T3}

Para a defesa, considerando os aspectos individuais, os treinadores priorizam mais os aspectos cognitivos e tomada de decisão em relação aos fundamentos técnico-táticos individuais e meios táticos de grupo. Nesta fase os jogadores devem realizar os princípios operacionais do jogo (proteger o gol, impedir que o adversário progrida e finalize, recuperar a posse de bola e reduzir o espaço entre o adversário), que geraram as regras de ação para cada fase do jogo (BAYER, 1994). Então, no momento do jogo, a partir de uma ação do adversário irá acontecer uma reação por aquela ação.

Os treinadores, desta forma, trazem a importância das ações para realizar os princípios defensivos. O tema 3, mais citado, está relacionado ao momento de leitura do ataque para ter essa reação à ação adversária ou tentar antecipar para criar vantagem.

Coletivamente, quando perguntados sobre “o que você acha que suas jogadoras devem saber fazer coletivamente para que a defesa seja eficaz?” nenhum treinador fez menção aos elementos relacionados ao tema 1, entretanto foi obtido o mesmo número de respostas para o tema 2:

“Tem que andar juntas conforme o jogo, trabalhando essas coberturas e comunicação.”^{T3}

“Cada uma fazer o que falamos individualmente. Todo mundo falar a mesma língua, sendo agressiva, roubando bola quando der pra roubar, parando o ataque sem deixar finalizar, fazendo o ataque errar, fazendo tomar passivo.”^{T4}

“Todos estejam atuando da mesma forma, na mesma pegada. Quanto mais a defesa conversar entre elas, mais elas se tocam, mais elas se incentivam, a defesa funciona, porque o ato defensivo é um ato de motivação. Talvez seja mais coletivo do que o ataque.”^{T7}

E tema 3:

“Raciocínio tem ser rápido, o poder de decisão tem que ser rápido... A comunicação uma com a outra, inteligência defensiva pra que venha desenvolver essa leitura do jogo.”^{T2}

“Entender o jogo, entender quem são as jogadoras que elas tão jogando, perceber a distância que essas jogadoras tem jogado.”^{T3}

“Ter percepção pra tomada de decisão de leitura, se precisa fazer um bloqueio, desequilibrar, encaixar, ter autonomia pra decidir se tem que ficar mais alta ou tem que ser conservador.”^{T5}

Coletivamente há um equilíbrio entre os aspectos cognitivos e tomada de decisão e os meios táticos de grupo, sendo que os fundamentos técnico-táticos individuais não são importantes. Surgem alguns elementos que dependem de interação com os colegas como a cobertura, contra-bloqueio, entre outros.

No masculino, sobre “o que seus jogadores devem saber fazer individualmente para que a defesa seja eficaz”, os treinadores não fizeram menção ao tema 2. E três treinadores priorizam elementos relacionados ao tema 3:

“Entender a relação bola, jogador e gol. Se manter com um campo de visão em relação ao seu jogador e entender que eu não marco só ele, que eu marco todo mundo, que eu ajudo, que eu faço parte de um jogo. Entender quais são os erros de fundamento que podem ser ocasionados.”^{T16}

“Conseguir estabelecer tempo e espaço do jogador dele, olho na bola e no jogador, essa visão... e atenção muito forte, muito forte... e deslocamento. Isso é o básico.”^{T12}

“Não perder um contra um, ser bem pontual, saber pressionar na hora certa, antecipação, contato, percepção e roubar a bola.”^{T15}

Dois treinadores fizeram referência a elementos do tema 1:

“Tempo de reação, agressividade para com quem tá atacando, ele tem que defender ali uma área.”^{T17}

“Pra ser eficaz cada um tem que fazer a sua função.”^{T19}

Os meios táticos de grupo não são citados, evidenciando os aspectos cognitivos e tomada de decisão e depois os fundamentos técnico-táticos individuais. Aqui também é possível observar a relação eu-bola-adversário, além dos princípios operacionais defensivos.

Levando em consideração “o que seus jogadores devem saber fazer coletivamente para que a defesa seja eficaz” a maioria dos treinadores priorizam aspectos relacionados ao tema 3:

“Tem que entender posicionamento, saber que existe uma tática defensiva, ter essa conversa, esse diálogo, esse posicionamento, observar”^{T15}

“Entender o jogo. Entender onde é o ponto forte do ataque, entender onde que eu preciso defender, onde que eu não preciso defender, onde que é o ponto forte da defesa”^{T16}

“Entender o jogo, porque aí ele sabe o que vai fazer. E conversar bastante, conversar muito. Às vezes a defesa anda, tem que sinalizar o espaço do pivô”^{T17}

Um treinador prioriza elementos relacionados ao tema 1:

“Aprimorar bastante a capacidade individual, pois como a gente vai ensinar algo coletivo onde exige 7 jogadores defendendo, eles precisam ter uma dinâmica entre eles. E essa dinâmica só vai se criar a partir do momento que um entende que tem que fazer a função individual dele. Além disso, a gente pode incrementar situações de cobertura, sem tanta ênfase nisso, porque na verdade ele vai aprimorar nas demais categorias”^{T18}

E um treinador ao tema 2:

“Eles tem que usar todas essas características e um ajudando o outro.”^{T12}

Coletivamente, de acordo com os treinadores, os aspectos cognitivos e tomada de decisão são imprescindíveis no desenvolvimento dos atletas, sendo que os fundamentos técnico-táticos e os meios táticos de grupo contribuem, mas pouco.

Pelos trechos dos discursos dos treinadores é possível perceber que para eles a defesa é a fase que deve haver mais conhecimentos cognitivos, como se a defesa dependesse do ataque, da ação do ataque para que aí tome uma decisão frente às situações “impostas” ofensivamente.

Treinadores de times femininos e masculinos priorizam os aspectos cognitivos e tomada de decisão tanto para elementos individuais quanto coletivos defensivos. Tais elementos de tomada de decisão levam em consideração a leitura do atacante e a sua adaptação a ele, objetivando uma flexibilidade e adaptação para que realize a melhor ação. Esse comportamento é chamado por Ehret et al., 2002 de “saber jogar com o adversário” e está diretamente relacionado ao processo da categoria sub-14.

Com certeza é importante a percepção das ações dos atacantes para que não ocorra o gol, porém, deve haver um modelo de jogo da equipe e o treinador deve saber trabalhar elementos para que se chegue ao modelo pensado para a equipe, levando em consideração as características e valências do time. Sendo assim, os exercícios e métodos de ensino priorizados fazem diferença no desenvolvimento dos atletas também na defesa.

Para o ensino destes elementos em equipes femininas da categoria sub-14 levando em consideração elementos individuais defensivos, os treinadores priorizam o tema 1:

“Com exercícios proporcionando esses momentos, principalmente de desvantagem numérica”^{T2}

“Saindo de dentro do gol, coloca os cones espaçados de 2 a 3 metros de cada um, e eles tem que defender esses espaços, então, 1 sai de lá e 1 sai daqui, essa com bola vai buscar um espaço e essa tem que atacar essa menina, então ela sai lá de trás numa velocidade e ela tem que não deixar, e aí ela empurra essa menina pra fora...Ou eu coloco duas jogadoras de 2, uma de bico e um pivô posicionado no meio e aí três em cima e elas tem que fazer esse passe, e elas vão fechando, então, assim, o pivô sempre tá livre, só que a 2 sempre fecha, então vou deixando

uma inferioridade pra que elas cubram, e aí quando tiver completa elas vão tá trabalhando melhor”^{T3}

“Eu brinco de joguinhos defensivos, aprender a ter contato, a desequilibrar, só encostar, tocar mais, a lutar mais.. Depois faço os recortes com os diferentes sistemas, desde 1x1 e 2x2”^{T5}

Mas também realizam exercícios relacionados ao tema 2:

“Posicionamento, correção, mostrando, exercícios específicos, né... A gente usa muito exercício sem usar o abraço, tem que controlar, ela não vai passar se você estiver entre o atacante e o gol”^{T4}

“Põe a bola na mão daquele jogador, fica esse jogador aqui, esse defensor, põe um cone dois metros aqui, um cone dois metros lá, a bola sai de lá e tenho que estar na sua direção, na sua correspondência. A bola voltou pra lá, eu tenho que vir aqui, bola voltou pra cá, eu tenho que tá na sua correspondência. Põe um ponta, a bola tá no ponta e tem que vir nesse pivô que tá aqui. Então, assim, propor pra elas algo bastante dinâmico e de entendimento, “mas porque se a bola tá lá eu tenho que tá aqui? Então, assim, defensivamente a gente trabalha muito por setores, mas de forma dinâmica... vem desse lado, parte pro outro. Fez desse lado, parte pro outro... aí depois faz o meio.”^{T6}

A utilização de pequenos jogos e relações de 1x1, 2x2 e inferioridade defensiva são propensos para trabalhar a noção espacial e a intenção de marcar determinada região, principalmente quando os treinadores propõem exercícios com cones e inferioridade numérica defensiva. Os recortes e a divisão por setores durante os exercícios estão de acordo com os elementos priorizados, pois conseguem desenvolver os aspectos cognitivos e a percepção das jogadoras.

Em relação aos conteúdos defensivos coletivos, três treinadores fazem menção ao tema 1:

“Muita desvantagem numérica.. fazer com que elas entrem na cabeça de quem está atacando. Elas venham a ter a linha de raciocínio de quem está atacando”^{T2}

“Saindo de dentro do gol, coloca os cones espaçados de 2 a 3 metros de cada um, e eles tem que defender esses espaços, então, 1 sai de lá e 1 sai daqui, essa com bola vai buscar um espaço e essa tem que atacar essa menina, então ela sai lá de trás numa velocidade e ela tem que não deixar, e aí ela empurra essa menina pra fora... Ou eu coloco duas jogadoras de 2, uma de bico e um pivô posicionado no meio e aí três em cima e elas tem que fazer esse passe, e elas vão fechando, então, assim, o pivô sempre tá livre, só que a 2 sempre fecha, então vou deixando uma inferioridade pra que elas cubram, e aí quando tiver completa elas vão tá trabalhando melhor”^{T3}

“Uma das coisas que funciona é você trabalhar o ataque em cima de um grupo defensivo que é o grupo que vai defender no jogo, e dar pra elas saída rápida e contra ataque, aí sim... Você tem um movimento que elas se motivem aquele momento ali fazer direitinho, por questão objetiva”^{T7}

E somente dois treinadores fazem menção ao tema 2:

“Posicionamento, correção... quanto menor mais posicionamento, mais correção, mais ensinamento você tem que ir passando. Então às vezes o treino fica até meio truncado pra você ficar passando isso aí, mas é repetição, repetição, correção, posicionamento... muito.”^{T4}

“Põe a bola na mão daquele jogador, fica esse jogador aqui, esse defensor, põe um cone dois metros aqui, um cone dois metros lá, a bola sai de lá e tenho que estar na sua direção, na sua correspondência. A bola voltou pra lá, eu tenho que vir aqui, bola voltou pra cá, eu tenho que tá na sua correspondência. Põe um ponta, a bola tá no ponta e tem que vir nesse pivô que tá aqui. Então, assim, propor pra elas algo bastante dinâmico e de entendimento, “mas porque se a bola tá lá eu tenho que tá aqui? Então, assim, defensivamente a gente trabalha muito por setores, mas de forma dinâmica... vem desse lado, parte pro outro. Fez desse lado, parte pro outro... aí depois faz o meio.”^{T6}

Os treinadores das equipes femininas utilizam, tanto para elementos defensivos individuais quanto coletivos, o TGfU com maior incidência, apesar de aparecer o método tradicional. Durante os treinos, são propostos exercícios recortados, de inferioridade defensiva para que elas consigam ter o pensamento mais rápido e realizar as ações de deslocamento, cobertura, por exemplo. É possível observar que mesmo priorizando os elementos de meios táticos de grupo e de aspectos cognitivos, durante os exercícios tudo está relacionado, de forma com que a atleta consiga realizar os fundamentos técnico-táticos durante os meios táticos de grupo realizando a tomada de decisão.

A maioria dos treinadores trabalham os mesmos exercícios para desenvolver elementos individuais e coletivos

Nas equipes masculinas, em relação aos conteúdos individuais defensivos os treinadores se dividiram quanto às preferências em relação ao tema 1:

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto...E depois trabalhando 1x1, 2x2, e assim vai...”^{T12}

“Fazendo alguns jogos, alguns jogos pré-desportivos, ocupar espaços, onde não pode bater bola, é... Com esses pequenos jogos.”^{T16}

E tema 2:

“Exercício de deslocamento dentro de um espaço, tem dois caras passando bola aí o avançado tem o espaço que ele pode agir e aí esses meias tem que fazer passe quicado, e o defensor tem que tentar roubar essa bola sem dar o contato nos caras, só roubando bola”^{T15}

“Posso colocar uma bola a meio metro, dois jogadores, um de frente pro outro, uma bola no meio, meio metro... e aí quando eu apito, eles tem que pegar essa bola, então a gente já começa trabalhando o tempo de reação deles... porque a parte específica de marcar é fácil... repetição e intensidade, repetição e intensidade”^{T17}

Diferentemente dos treinadores de equipes femininas, os treinadores do masculino

se dividem entre os dois métodos. Porém, priorizam os elementos cognitivos. Novamente os exercícios relacionados ao método tradicional não fazem jus aos elementos que são priorizados pois não desenvolvem os aspectos de noção espacial, percepção e tomada de decisão frente ao atacante. Os exercícios utilizando o TGfU vão ao encontro do que é priorizado sendo que estimulam os jogadores a realizarem ações consideradas importantes pelos jogadores.

Em relação aos conteúdos coletivos defensivos, os treinadores têm preferência por exercícios relacionados ao tema 1:

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto...E depois trabalhando 1x1, 2x2, e assim vai...”^{T12}

“Fazendo alguns jogos, alguns jogos pré-desportivos, ocupar espaços, onde não pode bater bola, é... Com esses pequenos jogos. “Acho que é da mesma forma, recortando o jogo”^{T16}

“Conversa... O avançado não conseguiu descer pra tirar a trajetória do lateral pro meio da quadra, então ele não conseguiu descer, o lateral tá livre, tem que subir. Não pode deixar ele chutar de fora, a gente tem que buscar uma falta. Vai acontecendo as situações e aí muito trabalho de cobertura, entender quando o cara errar, o que fazer... porque na realidade a gente vai dar a pior opção pra ele”^{T17}

“Eu gosto particularmente muito de brincadeiras de pega pega”^{T18}

“E colocando situações que exigem o jogo de 1x1, às vezes uma brincadeira e eu vou marcar... você vai brincando dentro de situações assim”^{T18}

E somente três priorizam exercícios relacionados ao tema 2:

“Através de vídeos, através de simulações, no posicionamento do treino”^{T15}

“Exercícios técnicos como que faz um encaixe defensivo, como tirar a linha de passe, como que eu desloco a minha perna em determinada região... são coisas individuais que você vai ensinando ele.”^{T18}

“Então na hora que grita bola de X, eles tem que saber coletivamente o que eles vão fazer.”^{T19}

Novamente é possível observar que os exercícios para elementos individuais se repetem para elementos coletivos.

Assim como em equipes femininas, no masculino há preferência pelo tema 1, em que são realizados exercícios de jogos, muitas vezes complementares e interligados aos exercícios para ataque. Frente às prioridades em relação aos elementos defensivos desta categoria é justificável a escolha pelo método TGfU. Como já foi discutido, os elementos priorizados na fase defensiva na categoria sub-14 são treináveis a partir de métodos ativos de ensino, sendo que nesta categoria é importante que a formação seja generalista tanto no ataque quanto na defesa, por isso devem ser utilizados como maneiras coordenativas gerais, não especializando os jogadores (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015).

O TGfU e outros métodos ativos de ensino estão relacionados ao jogo deliberado, enquanto os métodos tradicionais estão relacionados à prática deliberada. Na categoria sub-14 já é possível perceber que existe a introdução de jogadas ensaiadas ou o que Feu Molina (2006) traz como “jogo pré-fabricado” em que são exigidos comportamentos excessivamente automatizados e não está de acordo com os princípios construtivistas/cognitivistas, que não oferece a possibilidade de os jogadores pensarem o jogo e está muito mais relacionado ao método tradicional de ensino, visto que são repetidas as mesmas ações sem que leve em consideração a oposição e o ambiente do jogo.

Apesar de o método tradicional ser citado, podemos observar que no estudo de Mendes (2006) acerca da categoria sub-14 no Paraná, os treinadores utilizavam muito mais os métodos tradicionais de ensino e priorizavam os elementos técnicos e a fixação da técnica. Este panorama não é o encontrado com os treinadores entrevistados no Estado de São Paulo. Seria necessário um estudo mais atual do Estado do Paraná para afirmarmos se esta diferença é decorrente do tempo e em 13 anos mudou-se a mentalidade e o entendimento do que é necessário para o jogo e para o desenvolvimento dos atletas ou se realmente há diferenças e preferências no processo de ensino-aprendizagem de acordo com os regiões do país.

Os conteúdos priorizados, assim como o ensino destes, podem estar diretamente relacionados aos regulamentos das competições. Na categoria sub-14, Leonardo e Scaglia (2018), evidencia o modelo competitivo complexo e modificado dos campeonatos da Federação Paulista de Handebol (FPHb), que realiza ajustes em relação ao modelo defensivo e ofensivo, o que implicará diretamente em mudanças nos treinamentos e desenvolvimento dos jovens atletas.

Especificações nos regulamentos das competições exageram comportamentos e/ou sistemas defensivos, principalmente. Isso pode levar com que os treinadores prefiram, muitas vezes, treinar especificamente para as competições e de acordo com o adversário e deixem de lado o modelo de jogo da equipe, descaracterizando o planejamento de treinos e o desenvolvimento crescente dos atletas.

CATEGORIA SUB-16

A categoria sub-16, de acordo com Côté et al. (2007) é referente à fase de anos de investimento, em que há uma maior quantidade de prática deliberada em relação ao jogo deliberado e a concentração em somente um esporte. Além disto, a categoria é vista como o

início do treinamento de handebol, em que deve continuar o processo de desenvolvimento cognitivo e situações mais complexas que no estágio anterior (sub-14) (EHRET et al., 2002; GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

Na opinião dos treinadores de equipes femininas quando perguntados sobre “o que você acha que suas jogadoras devem saber fazer individualmente para que o ataque seja eficaz?” o tema 3 é mais importante “aspectos cognitivos e tomada de decisão”:

“Muita leitura de jogo... O 1x1 tem que tá muito bom pros dois lados e a leitura de jogo tem que ser essencial para isso.”^{T2}

“Tem que ter uma melhor tomada de decisão de finta e de arremesso, onde o objetivo principal é o gol e onde ele pode passar o adversário com habilidade”^{T9}

“Tem que entender o que está fazendo e conseguir fazer a leitura do ataque e do defensor. Se ele não conseguir fazer a leitura da defesa, ele não ataca. Tem que ler e entender pra ele poder ir pra frente, senão o jogo dele é lateral.”^{T12}

E depois a opinião fica dividida entre o tema 1 “fundamentos técnico-táticos individuais”:

“Precisa jogar com desmarque, jogar com circulação. Tem sempre que atacar nos espaços”^{T1}

“Treinar muito específico pra que cada vez mais elas melhorem na sua qualidade individual. Trabalhar muito velocidade de mudança de direção, chute de fora, ter vários meios técnicos (chutar de apoio, chutar de salto, servir bem o pivô), ter variações no passe. Então, eu acredito que quando a atleta ela trabalha muito esse individual dela, a parte coletiva, flui.”^{T13}

E o tema 2 “meios táticos de grupo”:

“Atacar o espaço. Por mais que não tenha o passe perfeito, o fato de ela atacar no espaço, de ela atrair o defensor, essa continuidade, elas vão se adaptando, então conforme elas vão atacando o espaço, vai criando as possibilidades”^{T8}

“Tem que trabalhar bem a bola, não pode ter desespero pra chegar e atacar rápido e entender essa parte tática que a gente fala de seguir jogada... O que faz diferença é a parte tática, então seguir a bola no momento certo, acelerar o jogo na hora certa”^{T14}

Levando em consideração os elementos ofensivos individuais, os treinadores priorizam os aspectos cognitivos e tomada de decisão e se dividem entre os fundamentos técnico-táticos individuais e os meios táticos de grupo. É nesta faixa etária que ocorre a consolidação dos meios táticos de grupo tanto ofensiva quanto defensivamente, múltiplas possibilidades de ações de tática grupal em pequenos grupos, além de um aumento gradativo do volume de prática deliberada em relação ao jogo deliberado e em relação à categoria anterior (EHRET et al., 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

Em relação aos elementos coletivos ofensivos, a pergunta norteadora foi “o que você acha que suas jogadoras devem saber fazer coletivamente para que o ataque seja eficaz?”. Novamente as opiniões ficaram divididas entre os temas. Três treinadores priorizam elementos que compõem o tema 2:

“Se entender coletivamente. E aí esse entrosamento ele vem, a gente procura que todas façam as movimentações de acordo com a característica de cada um, todas têm que se conhecer, demora tempo.”^{T7}

“Respeitar o espaço apesar de eu ter que buscar, mas é muito importante que elas se posicionem de uma forma aberta, colaborando. Então esse colaborar é saber que eu tenho alguém pra jogar comigo, então não preciso pegar a bola debaixo do braço lá e jogar, então eu posso fazer ações combinadas que permitam um sucesso maior. Então se elas acreditam que o grupo é capaz de realizar uma ação, seja essa de atacar o espaço, então se eu ataquei o espaço no primeiro passe, não vai sobrar, mas se eu der continuidade nessa ação, vai criar o espaço. Então a continuidade é importante pra um jogo coletivo, continuar a ação seja ela um cruzamento, um engajamento simples, um engajamento variado, eu consigo atacar pra fora, mas você saber que tem a continuidade, então é importante confiar. E é importante você ter uma equipe e não seis (jogadoras).”^{T8}

“Continuidade de bola... Mostrar que o ataque não precisa durar 5 segundos. Ter tempo de ataque, ter paciência, atacar espaço, continuar a bola, atacar espaço, continuar bola até realmente surgir uma boa possibilidade. Ter continuidade de bola, entender que o tempo de ataque é importante, que tem situações que vou fazer 1x1 e vou precisar soltar a bola, mesmo que tenha um espacinho que eu consiga entrar, talvez meu ângulo não seja tão bom e a continuidade de bola seja a melhor opção.”^{T10}

Dois treinadores ponderaram sobre o tema 1:

“Muita velocidade e é essencial uma chutadora ou duas chutadoras, para que venha criar espaço na equipe adversária.”^{T2}

“Passe e recepção perfeitos... isso é ponto. Velocidade no passe, olhar pra frente sempre. Então eu vejo o emocional e a autoconfiança, isso é uma coisa muito trabalhada no handebolista brasileiro.”^{T12}

E dois sobre o tema 3:

“Jogo de resposta, cada um sabendo o que vai fazer. Então, usando tomada de decisão pra decidir o jogo, mas sabendo do espaço que tem que jogar, o trabalho de resposta, o trabalho de engajamento, que é um trabalho de rumo de bola, então usando esse trabalho continuamente.”^{T9}

“Essa continuidade da jogada. Então quando o atleta entende que se ele forçar certo pra defesa errar, alguém no time vai sobrar e a chance de fazer o gol é muito maior. Então se ela entender que a continuidade e a parte tática é muito mais importante do que ela fazer 10, 15 gols já é um grande avanço pro cadete.”^{T14}

Coletivamente já preferem os meios táticos de grupo (como na categoria sub-14) e se dividem entre os fundamentos técnico-táticos individuais e aspectos cognitivos e tomada de decisão. Os elementos para os treinadores desta categoria estão bem interligados, sendo

que não há uma discrepante preferência sobre o que as jogadoras devem fazer, pelo visto tudo se torna importante. Ações de entrosamento de jogo, continuidade, entendimento do jogo, além de ter passes e arremessos mais lapidados (que na categoria anterior) são ações priorizadas para as jogadoras.

Podemos observar que a preferência pelos meios táticos de grupo corroboram com os achados de Dallegrave (2017), que estruturou as tarefas do treinamento com a categoria sub-16 feminina e identificou que os treinadores, cujos treinos foram analisados, priorizavam em seus treinos a fase ofensiva e exercícios para execução dos gestos técnico-táticos, através do ensino dessas condutas táticas e através de jogos e competição.

No masculino o panorama muda um pouco. Quando perguntados sobre os elementos ofensivos individuais no ataque para cada jogador, os treinadores não ponderaram sobre o tema 2, a maioria prioriza o tema 3:

“Tem que entender o que está fazendo e conseguir fazer a leitura do ataque e do defensor. Se ele não conseguir fazer a leitura da defesa, ele não ataca. Ele tem que ler e entender pra ele poder ir pra frente, senão o jogo dele é lateral.”^{T12}

“Tem que saber ter uma tomada de decisão boa, saber jogar 1x1, saber jogar coletivamente 2x2, 3x3, ter a visão do jogo, saber enxergar o que tá acontecendo ali pra ter a tomada de decisão.”^{T20}

“Tomar a decisão correta dentro do jogo.”^{T23}

“Trabalhar sempre com oposição, mantendo o desequilíbrio defensivo pra que eles possam tomar decisões com mais pressão, com mais velocidade, com mais propósito, ser mais agudos pra resolver. Eles já têm essa base, noção de posicionamento, profundidade e amplitude, pra que eles consigam fazer com uma potência maior, com uma performance maior e criar situações em cima disso a partir da defesa conseguindo marcar essas situações.”^{T22}

E somente dois direcionaram suas respostas ao tema 1:

“O atleta já tem um pouco mais de capacidade física, então você não precisa tanto perder tempo com situações só com cone. Você já pode partir pra um princípio de um defensor.”^{T18}

“A parte técnica é muito importante, passe, a recepção”^{T21}

Não são evidenciados meios táticos de grupo, sendo que os treinadores priorizam os aspectos cognitivos e tomada de decisão em relação aos fundamentos técnico-táticos individuais. A maioria dos treinadores acredita que nesta faixa etária a base sobre os fundamentos já tem que estar consolidadas para que consiga desenvolver os elementos de percepção, tomada de decisão e executar a ação correta frente situações de pressão, enquanto outros ainda acreditam que essa base não está formada e por isso deve ser priorizado o tema 1.

Em relação aos aspectos coletivos dos jogadores na fase ofensiva, os treinadores dividem opiniões sobre os temas. Dois treinadores priorizam elementos relacionados ao tema 1:

“Passe e recepção perfeitos... isso é ponto. Velocidade no passe, olhar pra frente sempre. Então eu vejo o emocional e a autoconfiança, isso é uma coisa muito trabalhada no handebolista brasileiro.”^{T12}

“Posicionamento, respostas, prontidão de respostas, saber e dominar jogar sem a bola, ocupar o espaço próximo, que seja com a intenção de pegar a bola, que seja com a intenção de fazer um desmarque, que seja com a intenção de baixar um marcador, já faz com que o jogo se desencadeie um pouco mais. Ter o domínio total de jogar sem a bola e entender que eles são um processo dentro do jogo, predisposição de entender o que você quer fazer”^{T21}

Dois priorizam elementos do tema 2:

“Não perder tanto tempo com situações simples, mas você fazer algo mais relacionado já ao 6x6. Sempre partir do princípio que tem mais um do meu lado, mas não é só mais um...”^{T18}

“Posicionamento é o mais importante de tudo, saber se posicionar, saber dar uma resposta pra uma ação, então se você tá pedindo um cruzamento simples do central com um meia, o seu meia tem que saber a hora certa que ele tem que dar uma resposta, pra onde ele tem que ir, o central tem que fazer o movimento certo, o passe nesse movimento tem que acontecer... essa ação precisa acontecer sempre de forma ofensiva e nunca pro lado. Ele tem que aprender a jogar em mais de uma posição.”^{T21}

E dois, do tema 3:

“Coletivamente, primeiro ser solidário um com o outro. O ser solidário é achar um companheiro melhor posicionado e fazer a bola chegar nesse companheiro melhor posicionado. E dentro dessa solidariedade que eu peço pra eles, entra a tomada de decisão também.”^{T23}

“Eles precisam saber atacar, saber a trajetória de ataque correta e o momento que eu vou fazer o passe, o momento que eu vou fintar, o momento que vou arremessar, para transformar... o momento que eu vou fazer uma ação sem bola para poder criar uma situação de ataque pro meu colega... Então isso eu acho que eles precisam saber fazer.”^{T20}

Coletivamente consideram igualmente os fundamentos técnico-táticos individuais, meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão como importantes.

Tais resultados podem ser entendidos e levados em consideração que nesta faixa etária o desenvolvimento de todos os aspectos de jogo e variáveis relacionadas às relações dos jogadores, bem como o entendimento e realização das ações táticas são maiores que na categoria anterior. Além de que a heterogeneidade nos times nesta categoria ainda é alta, muitos atletas iniciam no esporte e se juntam a atletas que já possuem uma bagagem, mesmo que não seja o ideal e não siga o plano de desenvolvimento esportivo (no qual a

criança inicia o esporte desde pequena), torna-se um ambiente difícil para que o treinador consiga somente lapidar os conteúdos, sendo que muitos jogadores não possuem o conhecimento básico do handebol.

Em um estudo sobre os elementos do futsal, Marques (2018) observou que os treinadores na categoria sub-16 preferem, nesta categoria, o ensino e a utilização de diferentes padrões de jogo, distribuindo os conteúdos ao longo do tempo, sendo que quanto mais experientes há maior variabilidade dos elementos do jogo.

Nesta categoria (sub-16), relacionando com a categoria anterior (sub-14), podemos observar que há elementos decorrentes de relações mais complexas, com um poder de tomada de decisão maior, envolvendo um maior leque de possibilidades para o ataque, além de uma maior relação com os defensores (intencionalidade de causar uma ação do defensor/fixações) e com os colegas (ações para que os colegas tenham reações como cruzamentos/fixação par-ímpar). Ainda nessa faixa etária são cobrados (que a anterior) maiores acertos dos fundamentos técnicos como passe, recepção e arremessos, conforme aumentamos o nível de conhecimento do jogo e o tempo de experiência dos jogadores também ocorre a lapidação da técnica e uma relação maior de prática deliberada em relação ao jogo deliberado. Porém, é importante ponderar que ainda que hajam diferenças em relação à categoria anterior e que alguns elementos sejam mais “cobrados” devido ao desenvolvimento dos atletas, a categoria sub-16 ainda é considerada de formação.

Em relação a “como” os treinadores aplicam os exercícios durante os treinos focando nos elementos citados acima, nas equipes femininas para o desenvolvimento dos elementos individuais ofensivos a maioria prioriza exercícios relacionados ao tema 1 “princípios do TGfU”:

“2x1, 3x2, com variações ponta, meia, tanto na base, 2x2 na base, 3x2 nas laterais, vários exercícios com vantagem numérica e depois com igualdade numérica também”^{T2}

“Bom, primeiro são treinadas repetindo, repetindo. Porque quanto mais você repete mais você guarda na memória, né. Você não faz, por exemplo, três treinos iguais, aliás dois treinos iguais já é difícil, você tem que mudar a forma, didática que você tá trabalhando pra que você motive seu atleta a não ficar repetindo uma coisa. A gente procura trabalhar com a realidade do jogo, passe em movimento, correndo, recebendo a bola já em movimento e não parado, não de frente um pro outro, com exceção do pivô, então você trabalha o que, parte dinâmica”^{T7}

“Uma brincadeira já no aquecimento, um golzinho com objetivo no 1x1, eu contra você, atacar o espaço, ter uma vantagem e o defensor tem que proteger esse espaço pra eu não atacar. Então primeiro individual, depois com apoio, tendo alguém passando essa bola pra fazer uma situação de atacar o espaço sem a bola. Primeiro com a bola, depois sem a bola, daí a gente vai acrescentando. Mesma situação se vou fazer uma bateria pra goleira, não quero uma bateria um atrás do outro arremessando. Eu já faço uma ação de bateria, onde eu tenho que

atacar esse espaço, recebo a bola e vou pro arremesso. Aí dentro desse espaço posso fazer uma parte de superioridade. E aí com a superioridade, você consegue ver melhor os espaços, aí você consegue atacar... aí o difícil é a hora que tá em igualdade pra que elas vejam mesmo esse espaço, então por isso busco trabalhar de uma forma fragmentada até chegar numa situação real de jogo”^{T8}

“Pra começar uma brincadeira lúdica, uma queimada, de ver quais jogadores tem um bom arremesso, quais jogadores tem maior probabilidade, direção, etc.”^{T9}

“Com as armadoras, eu gosto de trabalhar bastante com a questão da superioridade pra elas poderem decidir e terem a tomada de decisão estimulada. E com a pivô sempre tendo, no que a pivô trabalhar, sempre ter uma resistência, sempre ter uma defensora, sempre alguém fazendo resistência que pode fazer falta ou só ficar ali dificultando, porque a realidade do pivô é sempre com pouco espaço e trabalhar com pouca condição de estar livre, sempre com resistência, então acho que direcionar os treinos assim trazendo mais próximo à realidade do jogo”^{T10}

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

E somente três preferem exercícios relacionados ao tema 2:

“Trabalhar a tomada de decisão do jogador, fazer a finta pro lado direito, pro lado esquerdo, trabalhando com os cones, com os bambolês pra ensinar primeiro o individual do que ele pode fazer dentro do jogo e depois colocar ele em situação real de jogo tendo os adversários. Em primeiro momento, usa uma sombra pra ele fazer só o movimento, depois a gente usa o próprio marcador com uma pessoa e induzindo ele... Então, tudo situação de jogo e fazendo muito exercício, repetindo exercício pra elevar a performance, que é a intenção.”^{T9}

“Parte específica, as armadoras tem que chutar em diagonal, sempre com trajetórias... Ah, pega a diagonal, ir pro meio, reto, salto, com apoio, no curto e no longo, dando variações pra elas.. Por mais que você dê exercícios colocando cone mas direcionando “oh, você vai pra dentro, vai pra fora, você vai reto”, dando variações pra elas e isso vai aprimorando o lado individual. Ponta quando dou específico, recebe a bola do fundo ou recebe a bola dos 9m, reto, com finta, com mudança de direção, saltando com a perna do mesmo lado do braço, com a outra perna, com os dois pés”^{T13}

“Se você ficar ensinando toda hora só passar, passar, passar, você põe ele pra fazer uma trajetória e ele não vai saber, porque ele só fica passando. Se você ficar dando só jogo lúdico também, só jogo lúdico, hora que você pedir pra ele fazer alguma coisa individual ele também não vai conseguir fazer porque ele não tem essa técnica individual dele”^{T14}

A preferência por métodos de ensino ativos como o TGfU, além da realização de pequenos jogos e segmentação da quadra para criar situações com variabilidade numérica, corrobora com a categoria anterior e também com os achados de Marques (2018) no futsal. Além de que podemos perceber que novamente o método tradicional é citado, porém não se torna significativo para trabalhar os elementos priorizados (meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão). Os treinadores que atuam na categoria sub-14 e sub-16 trabalham da mesma forma nas duas categorias, muitas vezes com objetivos diferentes e prioridades diferentes (como vimos através dos achados), ratificando a tônica

referente ao conhecimento dos treinadores dos métodos e exercícios utilizados e, ainda assim, questionando a reflexão sobre os treinos, para saber se realmente o que está sendo aplicado realmente está funcionando para o objetivo que visa atingir.

Para o treinamento de elementos coletivos ofensivos, a maioria dos treinadores ainda priorizam atividades relacionadas ao tema 1:

“Busca dos espaços, 1x1, essa própria leitura de jogo que eu falei de 3x2, 2x1”^{T2}

“Bom, primeiro são treinadas repetindo, repetindo. Porque quanto mais você repete mais você guarda na memória, né. Você não faz, por exemplo, três treinos iguais, aliás dois treinos iguais já é difícil, você tem que mudar a forma, didática que você tá trabalhando pra que você motive seu atleta a não ficar repetindo uma coisa. A gente procura trabalhar com a realidade do jogo, passe em movimento, correndo, recebendo a bola já em movimento e não parado, não de frente um pro outro, com exceção do pivô, então você trabalha o que, parte dinâmica”^{T7}

“Da mesma forma que individual. Como eu acabo trabalhando fragmentado, vai chegar uma hora que fica combinado com dois, combinado com três, até chegar a hora que o time inteiro tá fazendo a mesma ação”^{T8}

“Com exercícios que elas sejam obrigadas a terem mais de uma opção e que tenha desequilíbrio defensivo pra elas continuarem a bola. Então os exercícios de superioridade que falei antigamente mas não com recorte tão curto, por exemplo 2x1, porque daí você estimula uma ação rápida, então uma situação de 4x3, de 5x4, que é uma realidade que elas vão ter mais opções, porque vão ter mais atletas pra elas continuarem a bola e isso acaba facilitando essa questão do tempo de ataque. E até a questão de trabalhar a defesa em superioridade em relação ao ataque, porque daí elas são obrigadas a perceber, vão ter maiores dificuldades pra chegar à finalização e a continuidade de bola vai ser mais importante”^{T10}

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

“Mesmo que individual, mas eu sempre gosto de no final do meu treino dar esse trabalho de ataque x defesa, coletivo, mas direcionando esses objetivos.”^{T13}

Enquanto somente dois treinadores priorizam o tema 2:

“Cada jogador num ponto específico do espaço de quadra, sendo armador central, meia esquerda e meia direita, ponta esquerda e ponta direita e o pivô. Colocando eles nos espaço específico dentro de quadra, cada um no seu espaço, usando a trajetória da bola, mostrando qual a trajetória certa, fechada e aberta, qual bola que pode fazer, qual bola que tem que dar resposta, nesse sentido de ocupar o espaço da quadra.”^{T9}

“Se você ficar ensinando toda hora só passar, passar, passar, você põe ele pra fazer uma trajetória e ele não vai saber, porque ele só fica passando. Se você ficar dando só jogo lúdico também, só jogo lúdico, hora que você pedir pra ele fazer alguma coisa individual ele também não vai conseguir fazer porque ele não tem essa técnica individual dele”^{T14}

Aqui muitas vezes os exercícios são trabalhados da mesma forma que no individual, que são trabalhados também na categoria sub-14. A preferência pelo TGfU bem como a

utilização dos jogos lúdicos, jogos no aquecimento, jogos táticos, entre outros, torna possível o desenvolvimento dos meios táticos de grupo, trazido pelos treinadores como o mais importante aspecto coletivo defensivo.

É válido ressaltar que nesta categoria torna-se fundamental que sejam realizados exercícios com igualdade numérica durante os treinos, partindo da aprendizagem prévia em superioridade numérica (MENEZES, 2011).

As relações numéricas já começam a aumentar quando setorizados no jogo, iniciando as atividades ainda em superioridade ofensiva (como na categoria sub-14) porém, igualando no decorrer do exercício. Em relação aos conteúdos que os treinadores priorizam em suas atletas e a maneira que eles os desenvolve está de acordo, mas fica novamente o questionamento quanto ao entendimento sobre o método.

O treinador deve propor atividades que proporcionem um ambiente complexo para que suas atletas consigam solucionar os problemas pertinentes, porém, o treinador deve realizar feedbacks positivos e também refletir sobre sua prática, principalmente para relacionar se os exercícios propostos estão de acordo com o objetivo do treino.

Em relação à equipe masculina da categoria sub-16, os treinadores para os exercícios individuais também têm uma preferência sobre o tema 1:

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

“Se eu penso no mesmo objetivo de defesa aberta, eu quero ensinar meu atleta a fazer 1x1... eu gosto de colocar situações que exigem diferentes espaços da quadra, não significa que um atleta que joga de central vai fazer a mesma situação sempre no central, numa região do meio da quadra... ele pode fazer numa região diferente da quadra. Dentro disso, não fazer situações também paradas... E aí ele chegou no contra ataque, parou no ataque posicionado e ele pode fazer uma situação de 1x1, já entra em outra fase, então ele fez três fases do jogo em um objetivo só que seria o 1x1”^{T18}

“Divide o treino em partes, primeiro uma parte de jogos reduzidos, de ataque 2x1, 2x2, de igualdade para trabalhar a tomada de decisão. Depois faz a transferência desses exercícios pro exercício mais global que seria mais a situação de 6x6, 5x5, que seria o jogo propriamente dito”^{T20}

“Uma mistura desses dois gêneros, do escandinavo com o um pouco mais espanhol. Então a gente trabalha com exercícios recreativos e também com um pouco de exercícios que é mais voltado pra técnica.”^{T21}

“Eu coloco situações em que possa escolher mais de uma situação de jogo, que possa ter uma opção de arremesso, que possa ter uma opção de pivô, que possa ter uma opção de passe pro companheiro que tá melhor posicionado. Tem que colocar mais de uma opção pra ele pensar o que ele pode fazer durante essa ação”^{T23}

Em relação ao tema 2:

“Simplesmente eu coloco eles na posição, explico e coloco portas pra que eles ocupem essas portas, então coloco portas nas laterais pra que eles passem a bola num apoio, recebam essa bola na porta e aí vou mostrando e explicando pra eles as situações”^{T22}

Na equipe masculina, assim como na feminina e nas categorias sub-14, há preferência para o ensino por meio do TGfU. O que parece ser um pouco contraditório é que nos elementos coletivos citados anteriormente, os treinadores mencionaram os fundamentos técnico-táticos como muito importantes e, aqui, não trazem exercícios específicos para lapidar tais fundamentos. Como vimos também anteriormente, muitos trabalham da mesma forma elementos individuais e coletivos, por meio de jogos e exercícios recortados com superioridade ofensiva e igualdade numérica 4x3, 4x4, até chegar no jogo formal e conseguir realizar as ações de situações de jogo. Nesta fase os atletas, pelo processo de maturação, conseguem desempenhar atividades de capacidades motoras com condicionamento físico ou com treinamento técnico-tático (MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015).

Para o ensino de elementos coletivos ofensivos, não houve menção sobre o tema 2, todos os treinadores citaram exercícios sobre o tema 1:

“Eu faço jogo. Todo final de treino, um joguinho 2x2, 3x3 no máximo”^{T12}

“Situações de 3x3, 4x4... e colocar situações que o adversário vai fazer, que ele tem que desempenhar... se um defensor dissuadiu ele, fez uma pressão num jogador, que ele pode fazer dentro disso pra sobrar até no lado contrário dele, então você tem que pensar em situações mais completas, não situações picadas”^{T18}

“Todos os exercícios que a gente acaba trabalhando essas situações, nesses mesmo exercícios que falei no individual a gente consegue fazer ele coletivo.. quando eu coloco três atacando, quando eu coloco uma situação de superioridade, coloco um pivô e dois atacando, 3x2.. então isso gera uma situação de eu ter que atacar numa trajetória que vai criar uma superioridade para o meu colega do outro lado”^{T20}

“Uma mistura desses dois gêneros, do escandinavo com o um pouco mais espanhol. Então a gente trabalha com exercícios recreativos e também com um pouco de exercícios que é mais voltado pra técnica.”^{T21}

“Domínio do encadeamento é uma coisa que eles tem que dominar completamente. Se você não gerou uma situação de 1 contra o goleiro, ela se transforma numa situação de 2x1 ou 3x2 e assim por diante. Essa pré-disposição de entender por que tão fazendo o que querem vai acontecer e pode acontecer previamente...”^{T22}

“Da mesma forma que individual, com exercícios de tentar inserir isso neles... E orientar dentro de uma formação técnico e tática, em que a gente tem exercício pra isso, em que a gente divide às vezes o jogo, a gente coloca exercício pra isso, eles consigam entender o que tá fazendo em determinada situação do jogo”^{T23}

A preferência pelo TGfU também ocorre para elementos coletivos, porém,

diferentemente do individual, faz mais sentido ao pensar em trabalhar e desenvolver os meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão, que são priorizados pelos treinadores nesta fase do jogo. Não houve nenhuma menção ao método tradicional, o que estávamos questionando nos achados anteriores de outras categorias se realmente seria aplicável frente ao que se buscava atingir.

A opinião dos treinadores em relação ao conhecimento dos atletas corrobora com o estudo de Menezes, Reis e Tourinho Filho (2015) que os jogadores devem entender melhor o jogo e tenham um repertório motor amplo. Esse conhecimento permite que haja flexibilidade na questão da complexidade do jogo, trazida pelo TGfU como um princípio a ser manipulado.

Levando em consideração a fase defensiva do jogo, no feminino da categoria sub-16 quando perguntados sobre “o que suas jogadoras devem saber fazer individualmente para que a defesa seja eficaz?” os treinadores, assim como na fase ofensiva, mencionaram os três temas mas preferiram o tema 3:

“Leitura de jogo... leitura de jogo tanto ofensivo quanto defensivo. Muita força também”^{T2}

“Leitura de jogo, leitura do atleta.”^{T9}

“Conseguir estabelecer tempo e espaço do jogador dele, olho na bola e no jogador, essa visão e atenção muito forte, muito forte, e deslocamento. Isso é o básico.”^{T12}

“Então você tem que dominar as técnicas de cada ação e aí construir isso de forma tática. Qual o melhor momento pra usar, contra qual equipe isso vai funcionar, isso funciona sempre, é só você entender qual é a característica.”^{T8}

Seguido do tema 2, com opinião de três treinadores:

“Troca defensiva com o pivô, pivô saiu, me cobre, essas coisas. Isso aí, sabendo sair no momento certo, porque o timing... não são todos os jogadores que tem esse timing da saída cortar um passe ou roubar uma bola ou interceptar e sair decidida pra sair a jogada, conseguir fazer um encaixe do adversário que também é uma coisa difícil de fazer, você tem que ter o tempo certo de ver o jogador pegar na bola e você encaixar ele. E são jogadores específicos pra fazer isso, não são todos que fazem isso”^{T7}

“Muita comunicação, acho que a comunicação é fundamental pra saber onde o jogador está, o preparo físico, você precisa ter claro o que você tem que fazer como defensor, ter ações técnicas, dissuadir, linha de passe, proteger o ponto forte, então ações técnicas que você vai adquirindo no decorrer, e aí você começar usar isso como estratégia...”^{T8}

“Nessa idade, mesmo a gente dando treinos gigantescos só de troca defensiva, elas ainda erram muito”^{T14}

E tema 1, com a ideia de somente dois treinadores:

“O deslocamento que é a questão do trabalho de pernas. E o contato no momento certo. Trabalhar o contato não pra agarrar, encaixar, mas o contato pra desequilibrar e fazer com que a atacante não vá pro gol e continue a bola. A ideia é forçar ela a continuar a bola sempre pra um pior espaço ou pra uma situação que a gente possa interceptar, roubar a bola.”^{T10}

“Trabalhar muito deslocamento, trabalhar muito noção de espaço, Ela tem que ter essa noção de espaço, de quem ela tá ali mantendo contato e tá visualizando a bola, cobertura certa, posicionamento certo”^{T13}

Para os elementos defensivos, em equipes femininas da categoria sub-16, individualmente são priorizados os aspectos cognitivos e tomada de decisão em relação aos meios táticos de grupo e fundamentos técnico-táticos individuais. O domínio das técnicas e dos elementos coletivos tornam-se pontos fundamentais para que consigam perceber o ambiente e antecipar as ações dos atacantes, fazendo com que consigam identificar a melhor hora para tomar a decisão.

Respondendo à pergunta “o que suas jogadoras devem saber fazer coletivamente para que a defesa seja eficaz?” os treinadores não fizeram alusão a elementos do tema 1 e priorizaram o tema 2:

“Que elas consigam sempre proporcionar o erro do adversário. Quanto mais elas provocarem o erro do adversário, melhor. Tirando a possibilidade do passe curto, jogando um pouquinho mais alto na situação do passe entre a armadora e a ponta, entre a armadora lateral e a armadora central, pra sempre proporcionar pra atacante ela ter a opção do passe longo, não do passe curto, que aí a chance dela errar é muito maior. A chance de uma defensora conseguir roubar a bola, entrar na linha de passe é muito maior. Marcar bem o seu oponente direto dentro de um determinado espaço, depois sempre pensar na recuperação da posse de bola que é o mais importante pra defesa, proporcionando o erro do adversário. Uma coisa vai levar a outra.”^{T10}

“Eles tem que usar todas essas características e um ajudando o outro.”^{T12}

“Muita comunicação, muita comunicação da defesa... Quem fica, quem sai, quem tá pedindo ajuda aqui, fechar... Muita comunicação, principalmente. Se elas têm esse lado individual de deslocar, ter a leitura, se posicionar e essa comunicação da defesa.”^{T13}

“A obediência delas é o básico... Não adianta falar pra ficar em bloco e acertar a troca, por exemplo, se em determinado momento alguém avança sem a gente falar e aí toma finta ou erra, não consegue pegar a bola e o meio...”^{T14}

Em relação ao tema 3:

“O raciocínio tem ser um pouco mais rápido, o poder de decisão tem que ser um pouco mais rápido... Primeiramente comunicação uma com a outra e inteligência... eu falo que é uma inteligência defensiva, pra que venha desenvolver essa leitura do jogo.”^{T2}

“Leitura de jogo”^{T9}

“A comunicação... a pessoa que sabe se comunicar bem, a gente vai ter uma ação coletiva ideal. Dominando as ações técnicas, quando for fazer as ações táticas, como eu falei. Normalmente eu faço elas darem a resposta antes de eu dar a

resposta. Então eu sempre faço “por quê?”^{T8}

No desenvolvimento coletivo da defesa não são elencadas variáveis relacionadas aos fundamentos técnico-táticos individuais e há preferência pelos meios táticos de grupo em relação aos aspectos cognitivos e tomada de decisão. A comunicação aparece como um fator muito importante para a fase defensiva, visto que para a fase ofensiva foi pouco ou quase nada citada. Esse fator pode ser decorrente aos elementos de maior ajuda como cobertura, contra-bloqueios, mudanças no sistema defensivo, ou elementos como ajuda, além disso, a comunicação é considerada aqui importante na orientação espaço-temporal entre companheiras de time. Para Ehret et al. (2002) nesta fase um dos elementos mais importantes é a cobertura, corroborando com a opinião dos treinadores que em diversos momentos citam cobertura, posicionamentos e deslocamentos.

Para equipes masculinas, defensivamente o panorama muda um pouco. Sobre os elementos individuais dos atletas, não houve fala sobre o tema 2, os treinadores priorizaram os elementos correspondentes ao tema 1:

“O atleta tem que entender que é fundamental ele marcar e que o posto que ele tá é um posto que é dele, aquele espaço é dele, então você tem que ensinar ele marcar naquela posição.”^{T18}

“Postura defensiva que eles têm que ter, então ficar o tempo inteiro ativos, ter uma base de perna pra defender, senão não adianta.”^{T20}

“Prontidão pra bloqueio tem que acontecer o tempo inteiro. Tem que saber fazer o encaixe do 1x1 pra não ser fintado toda hora, e troca defensiva. Saber fazer a troca defensiva do pivô, por exemplo, é fundamental.”^{T21}

“Relação de oposição básica. Intencionalidade de roubar a bola e noção de entreajuda. Além de todos esses elementos, o ataque ao ímpar, os deslizes defensivos, acho que entra muito mais pra frisar essa parte.”^{T22}

E citam elementos relacionados ao tema 3:

“Conseguir estabelecer tempo e espaço do jogador dele, olho na bola e no jogador, essa visão... e atenção muito forte, muito forte... e deslocamento. Isso é o básico.”^{T12}

“E que eles tenham a capacidade de fazer a leitura do jogo, contar a defesa, ver a situação que tá sendo criada, analisar o jogo. Porque às vezes o cara é forte, ele tem as valências físicas mas não tem a inteligência pra marcar, então acaba pecando aí.”^{T20}

“Concentre-se na defesa e comunicação. Tem que se comunicar pra defender. E aí entra os aspectos individuais físicos, tem que ter uma boa leitura de jogo, perceber se eu tenho que ajudar ou se não tenho que ajudar, antecipar no momento certo, deslocar bem, ter um bom contato defensivo, ser leal na defesa.”^{T23}

Diferentemente do que tinha aparecido até agora, não são evidenciados meios

táticos de grupo para os aspectos individuais defensivos, sendo que os treinadores priorizam os fundamentos técnico-táticos individuais comparados aos aspectos cognitivos e tomada de decisão. De início, ao que trazem os discursos, os treinadores inferem que individualmente o atleta deve saber se posicionar e realizar os fundamentos técnicos da defesa, além dos princípios defensivos. Então, o ato de se posicionar, de ocupar o espaço, de impedir a progressão do adversário e conseguir roubar a bola marcam um primeiro momento do desenvolvimento.

Coletivamente, assim como na categoria feminina, os treinadores da categoria masculina não fazem alusão aos elementos do tema 1 e dividem opiniões sobre o tema 2:

“Eles tem que usar todas essas características e um ajudando o outro.”^{T12}

“Ter essa ideia de dimensão que é muito importante. Saber onde que vai marcar, o que que ele tem que fazer, que função que exige em determinada posição. Então eu acho muito interessante já dentro da categoria cadete já ensinar padrões de defesa que exige, que que é uma defesa 6:0, que que é uma defesa 5:1, como que marca o 6:0, como que marca o 5:1, como que marca o 3:3... já é interessante você colocar dentro dos treinos situações assim, porque o jogo vai exigir às vezes uma mudança de defesa”^{T18}

“Comportamento tático. Você define que é pra ficar em bloco, fica em bloco. Não vou subir pra cortar um passe, vai acabar sobrecarregando... essa parte de troca, ela é tática também, troca de marcação é tática. É técnica individual de como eu faço o movimento de contra-bloqueio, mas é tática a ação como um todo.”^{T21}

E o tema 3:

“Eles precisam ter uma comunicação muito boa, porque a defesa funciona através da comunicação. E fazer a leitura do ataque, não tem defesa sem entender o que o ataque tá fazendo, senão cada um vai fazer o que tem em mente e vai acabar errando defensivamente”^{T20}

“Antecipação ao problema. Eles precisam estar em prontidão de todos entenderem que eles precisam atacar o ímpar em situações de necessidade defensiva e sempre ter a intencionalidade de bola. Na verdade, coletivamente eu vejo que é a junção de todos esses elementos. E uma resposta mais rápida e mais eficaz possível dentro dessas ações”^{T22}

“Comunicação, que isso é coletivo e tem que ter. A concentração, se for todos se concentrando vai ajudar muito também. Taticamente e coletivamente tem que tá antenado às questões táticas defensivas de trocas, de antecipações, quando antecipa o que eu tenho que fazer pra não desguarnecer a defesa... enfim, eles estarem entendendo taticamente o que a gente pode fazer pra jogar”^{T23}

Nos elementos defensivos coletivos, ao contrário dos individuais, os treinadores não fazem alusão aos fundamentos técnico-táticos individuais e dividem opinião sobre os meios táticos de grupo e aspectos cognitivos e tomada de decisão. Os treinadores entendem que como já aprenderam esses aspectos técnicos individuais, agora é a hora de usá-los em

grupo e pensar sobre como utilizá-los. A comunicação volta a aparecer repetidamente nos discursos, assim como na categoria sub-16 feminina e o comportamento tático e a intencionalidade tática surgem como importantes fatores.

A literatura traz a utilização desses elementos como “princípios táticos específicos”, na fase defensiva, para o futebol, Costa et al. (2009) afirmam que os princípios táticos específicos auxiliam todos os jogadores (os que estão mais próximos à ação com bola e os que estão mais distante) de modo que possam coordenar suas movimentações de acordo com o modelo de jogo da equipe, levando aos principais objetivos defensivos que é impedir que o atacante faça o gol e recuperar a posse de bola. Quando os jogadores utilizam destes princípios, que foram trazidos pelos discursos dos treinadores, eles conseguem se orientar melhor no espaço de jogo e ter a consciência tática. Apesar dos elementos serem abordados pelo futebol, por se tratar de um jogo coletivo de invasão, são aplicáveis ao handebol.

Tais princípios são: a) Princípio da contenção (ação do defensor sobre o atacante com bola visando diminuir o espaço e as possibilidades de ataque); b) Princípio da cobertura defensiva (ação de apoio de um jogador defensivo a outro de modo a fortalecer a defesa); c) Princípio do equilíbrio (o equilíbrio acontece quando os jogadores entendem implicitamente os aspectos funcionais e estruturais); d) Princípio da unidade defensiva (relacionado à compreensão do jogo pelo jogador e do modelo de jogo da equipe); e) Princípio da concentração (movimentações em direção ao gol para reduzir as chances de progressão do adversário e aumentar as chances de roubar a bola).

Em relação a como os treinadores realizam o treino priorizando esses elementos, no feminino da categoria sub-16, os exercícios priorizados para desenvolver as capacidades individuais defensivas são, em sua maioria, referentes ao tema 1:

“Desvantagem numérica.”^{T2}

“Bom, primeiro são treinadas repetindo, repetindo. Porque quanto mais você repete mais você guarda na memória, né. Você não faz, por exemplo, três treinos iguais, aliás dois treinos iguais já é difícil, você tem que mudar a forma, didática que você tá trabalhando pra que você motive seu atleta a não ficar repetindo uma coisa. A gente procura trabalhar com a realidade do jogo, passe em movimento, correndo, recebendo a bola já em movimento e não parado, não de frente um pro outro, com exceção do pivô, então você trabalha o que, parte dinâmica.”^{T7}

“Também com exercícios específicos, com situação de jogo/scout de jogo.”^{T8}

“Ensino a matar a trajetória da bola, sabendo induzir o jogador de ataque pro ponto mais fraco.”^{T9}

“Situações de ataque e defesa, desde a situação de igualdade até situações de superioridade. Se eu quero estimular a questão das pernas, trabalhar uma defesa aberta, 3:3, 5:1, individual, que elas não possam usar os braços e usem bastante o trabalho de perna. Se eu quero trabalhar a questão do contato, situações de pouco

espaço pra atacante não ter muito espaço pra ganhar do defensor e o defensor ter que fazer o contato pra desequilibrar, então são situações sempre de ataque e defesa que a gente estimule ou com pouco espaço ou muito espaço é um grande aliado pra trabalhar essa questão técnica da defesa.”^{T10}

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto... e depois trabalhando 1x1, 2x2”^{T12}

Sendo que somente um treinador utiliza exercícios referente ao tema 2:

“Fazendo trabalhos de deslocamento lateral, frente e costas, diagonal, variações de deslocamento. Isso individualmente ou às vezes já no 1x1, um atacando o outro defendendo, com um braço pra trás trabalhando deslocamento de perna, usando mais o tronco do que os braços. Com 1x1 eu finto ou chuto de fora, ou individualmente, colocando cones, fazendo deslocamento lateral, diagonal, frente e costas.”^{T1}

A preferência pelo TGfU não muda nesta categoria e está relacionado ao desenvolvimento dos aspectos priorizados pelos treinadores que são cognitivos e tomada de decisão. Assim como na sub-14, trazem exercícios de desvantagem numérica, indução do jogador atacante para provocar o erro e roubar a bola e muitos exercícios recortados trabalhando a relação numérica.

Coletivamente, os treinadores também têm uma preferência por exercícios relacionados ao tema 1:

“Muita desvantagem numérica.. fazer com que elas entrem na cabeça de quem está atacando. Elas venham a ter a linha de raciocínio de quem está atacando”^{T2}

“Mesma forma, só que trabalhar a defesa é muito diferente do que trabalhar o ataque, porque você não precisa motivar. Tem um movimento que elas se motivem aquele momento ali fazer direitinho, por questão objetiva. Então você já tá treinando defesa, se tomar o gol a saída rápida, se não tomar o gol contra ataque. No outro time você tá trabalhando o ataque. Você tá trabalhando 4 objetivos num exercício só.”^{T7}

“Da mesma forma que individual. Com exercícios específicos, com situação de jogo/scout de jogo”^{T8}

“Situações de ataque e defesa, desde a situação de igualdade até situações de superioridade. Se eu quero estimular a questão das pernas, trabalhar uma defesa aberta, 3:3, 5:1, individual, que elas não possam usar os braços e usem bastante o trabalho de perna. Se eu quero trabalhar a questão do contato, situações de pouco espaço pra atacante não ter muito espaço pra ganhar do defensor e o defensor ter que fazer o contato pra desequilibrar, então são situações sempre de ataque e defesa que a gente estimule ou com pouco espaço ou muito espaço é um grande aliado pra trabalhar essa questão técnica da defesa.”^{T10}

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto... e depois trabalhando 1x1, 2x2”^{T12}

“Exercício recortado, jogo de meia quadra, parte específica do jogo. Se você aprender a parte tática do jogo tanto defensiva, tanto ofensiva, a hora que a gente fizer um coletivo, quando for pro jogo normal, você vai saber fazer a jogada porque é aquilo que você tava treinando”^{T14}

Do que relacionados ao tema 2:

“Fazendo situação de jogo... de algumas ações que podem ser usadas pra gente ter tomada de decisão na hora do jogo, então situação de defesa aberta e defesa fechada, dependendo da trajetória da bola.”^{T9}

“Além de falar, mas tem exercícios de colocar a defesa, defesa 6:0, um grupo no fundo da quadra, outro grupo do outro lado no fundo da quadra e elas vão transitando na frente da defesa e a defesa vai deslocando, entregando uma pra outra, entendeu? Isso pode ser um exercício de com quem eu tô, com quem eu vou pegar agora, quem tá passando agora na minha frente, por trás... Então esse também é um exercício que faz elas terem essa dinâmica.”^{T13}

Tanto individualmente quanto coletivamente o método mais utilizado é o TGfU, aparecendo poucas vezes o método tradicional de ensino. A ideia da inferioridade numérica defensiva reaparece como maneira de uma maior percepção das defensoras e maiores agilidades. Como na categoria sub-14 e métodos ofensivos da sub-16 a maioria dos treinadores trabalham o mesmo tipo de exercício para desenvolver elementos individuais e coletivos, recortando jogos, analisando jogos, situações, e enfatizando mais o jogo.

Na equipe masculina, assim como na feminina, para elementos individuais defensivos, os treinadores priorizam exercícios relacionados mais ao tema 1:

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto... E depois trabalhando 1x1, 2x2, e assim vai...”^{T12}

“Coloca dentro do treinamento situações em que ele marque em posições que ele jogue, se tem qualidade e facilidade pra marcar na base eu vou ensinar ele pra marcar na base. Só que também eu vou colocar alguma posição de origem que é próxima dele, vou colocar situações durante o treinamento que ele possa marcar de segundo também.”^{T18}

“Todo momento a gente provoca eles no treino com questões pra estimular com que eles pensem ao longo do jogo e não fique aquele jogador mecânico que só faz o que o treinador pede, limitado. Então através dos mesmos exercícios do ataque e através desses questionamentos.”^{T20}

“A gente dá exercícios específicos, recortados de 2x2 segundo e terceiro, primeiro e segundo, entre os dois terceiros... exercícios recortados na posição, onde você estimula que o atacante quando receba a bola, faça uma ou duas trajetórias e o pivô vá trocando o bloqueio dele pra forçar o erro de troca. E aí tem toda uma técnica também pra troca defensiva, a maneira como você segura o pivô e projeta seu corpo deixando o pivô pra trás da bola pra não deixar ele receber”^{T21}

“Inferioridade defensiva sempre. Pra depois eles conseguirem conectar com as situações de superioridade. Além disso quando a gente quer trabalhar entreaajuda, a gente precisa trabalhar momentos de superioridade defensiva também... então um 2x3, 3x4, porque eles precisam entender que se eles tão numa situação de superioridade defensiva, eles não podem perder uma ação pro atacante pra extremidade da quadra, porque se você perde pra extremidade da quadra, em algum momento você vai ter uma situação de 1 contra o goleiro que é do ponta... então eles precisam entender que a ajuda maior vai ser no centro da quadra do que nos extremos”^{T22}

Do que ao tema 2:

“Passagens pelos pontos específicos. Obrigar eles a trabalhar com mais de um atleta. Isso pra mim é importante. Com características diferentes de atletas que vão atacar esse jogador. Além das questões físicas, fazer deslocamento, fazer encaixe, trabalhar perna”^{T23}

Novamente surge a ideia de desvantagem numérica progredindo para possíveis situações de superioridade defensiva, trabalhando muito pequenas partes do jogo e ações que estimulem a pensar no jogo. O ponto principal é que são priorizadas ações de fundamentos técnico-táticos individuais, porém nos exercícios é exigido que os atletas consigam entender o jogo, defender o centro da quadra, realizar trocas, entre outros elementos, dessa forma torna-se incoerente a prioridade dos treinadores com o método que utilizam.

Coletivamente, sobre os aspectos defensivos, não há alusão à exercícios relacionados ao tema 2, sendo que todos os treinadores priorizam elementos do tema 1:

“Primeiro a gente faz a parte de perna, de deslocamento, na parte física. Muita perna num espaço curto...E depois trabalhando 1x1, 2x2, e assim vai...”^{T12}

“No início do ano não deve colocar situações de jogo fechado, ensinar marcar 6:0, porque você vai limitar sua equipe a já entender que num jogo de 6:0, como tem muita cobertura, que às vezes o jogador não faz a função individual dele. Acho muito interessante colocar situações de jogo de defesa aberta, marcar 3:3, marcar individual... e aí aos pouquinhos você vai descendo a defesa, marcar um 5:1, marcar um 3:2:1... e aí se você ver que a estatura da sua equipe é uma estatura mais pesada, você vai ensinando a defesa 6:0 pra eles”^{T18}

“Através dos exercícios, a gente cobra muito deles que eles façam, que eles tenham uma comunicação entre eles, que ele falem e através dos questionamentos. Estimular a todo momento com que eles pensem o jogo, pra que eles consigam resolver os problemas do jogo.”^{T20}

“Exercícios recortados 2x2, 3x3. Primeiro você recorta e depois você vai pro todo.”^{T21}

“Inferioridade defensiva sempre. Pra depois eles conseguirem conectar com as situações de superioridade. Além disso quando a gente quer trabalhar entreajuda, a gente precisa trabalhar momentos de superioridade defensiva também... então um 2x3, 3x4, porque eles precisam entender que se eles tão numa situação de superioridade defensiva, eles não podem perder uma ação pro atacante pra extremidade da quadra, porque se você perde pra extremidade da quadra, em algum momento você vai ter uma situação de 1 contra o goleiro que é do ponta... então eles precisam entender que a ajuda maior vai ser no centro da quadra do que nos extremos”^{T22}

“Tem que dividir, se vai trabalhar com dois terceiros, o que o terceiro tem que fazer numa situação que tem pivô, o que o outro faz nessa situação junto com pivô, entre outras ações.”^{T23}

Em equipes masculinas da categoria sub-16, assim como nas outras citadas acima os treinadores preferem utilizar o TGfU para desenvolvimento individual e coletivo dos atletas. Inicia uma ênfase em aspectos físicos e de treinamento de força, há variabilidade de

postos específicos e ainda são utilizadas as relações numéricas de inferioridade e/ou igualdade. Muitos exercícios são os mesmos para trabalhar elementos individuais e coletivos, nos quais os defensores devem tomar decisões frente às ações dos atacantes ou provocar uma ação para que obtenha sucesso e consiga impedir a progressão e/ou recuperar a posse de bola.

De acordo com isso, o ensino das variáveis defensivas e dos sistemas defensivos deve ser proposto pelo treinador com exercícios de grande variabilidade técnico-tática e de situações de jogo que possam proporcionar tanto para praticantes mais experientes quanto menos experientes vivências positivas e melhor a compreensão do jogo, solucionando as situações-problemas provocadas nestes exercícios.

As atividades propostas pelos treinadores vão ao encontro do que Menezes (2010) pondera que deve ocorrer nesta categoria. Exercícios em espaço reduzido, de superioridade defensiva ou igualdade realizando tarefas simples, e tarefas complexas com inferioridade defensiva, para que os jogadores busquem e obtenham sucesso em uma das várias opções de resolução.

Na faixa etária dos 16 anos (anos de investimento) treinadores sugerem que deve ocorrer a especialização dos goleiros, sendo que a especialização em postos específicos deve ocorrer nos 18 anos ou após esta idade (SANTOS; MENEZES, 2019). Defensivamente, assim como traz a ideia dos treinadores entrevistados, nesta categoria é importante que haja uma pluralidade das situações de jogo, igualdades numéricas ou superioridades numéricas defensivas em tarefas simples e inferioridade numérica defensiva em tarefas complexas, sendo que o comportamento tático individual e os meios táticos de grupo devem ser respeitados (MENEZES, 2010), além dos aspectos de tomada de decisão e resolução frente aos problemas apresentados pelos atacantes.

Em relação aos métodos de ensino, os métodos tradicionais estão relacionados à prática deliberada quando vem à tona a ideia de que prática deliberada é uma prática estruturada com o objetivo específico de melhorar o desempenho no domínio da especialização, sendo direcionada exclusivamente para o desenvolvimento de habilidades motoras, correção dos erros e não sendo muito agradável (BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008), tal método foi pouco referenciado ao longo do texto, não sendo o preferido dos treinadores.

Por outro lado, o TGfU auxilia os treinadores a avançar os seus conhecimentos acerca do jogo, aderindo ao estilo de ensino de descoberta guiada (TEOLDO et al., 2010). A proposta de expansão do modelo por Holt, Streat e Bengoechea (2002) traz os princípios

pedagógicos do TGfU. Na fase do jogo os princípios de “amostragem” e “modificação por representação” ajudam a introduzir os jogadores numa complexidade menor do jogo e ir aumentando as estruturas no decorrer das atividades. Na fase de apreciação do jogo a “modificação por exagero” auxilia o jogador a entender melhor as regras e as interações do jogo, mexendo nas regras oficiais e exagerando em alguns aspectos do jogo. Na fase da consciência tática a “modificação por exagero” e “modificação por representação” proporcionam aos jogadores uma maior noção tática e a resolução das situações-problemas. Na fase de tomada de decisão os princípios “modificação por representação” e “modificação por exagero” são importantes na regulação da complexidade tática e escolha dos problemas táticos modificados para serem resolvidos. Na fase de execução motora a “modificação por representação” está ligada à execução das habilidades em jogos mais elaborados, próximos ao jogo formal. E, na fase de desempenho o feedback do treinador é importante para dar suporte a toda aprendizagem acumulada durante o processo (TEOLDO et al., 2010).

Após a discussão de todas as categorias, podemos inferir que através do esporte é possível promover uma série de itens que são importantes no desenvolvimento dos jovens (desempenho, participação e desenvolvimento pessoal, o que os autores trazem como 3 P's) e que dentro de um programa esportivo não devem ser vistos de formas separadas (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). O DMSP e seus postulados integram tais resultados, que devem ser concentrados nos processos de jogo deliberado, prática deliberada, especialização precoce e diversificação e no ambiente em que os processos ocorrem (papel de treinadores, colegas e pais) (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). É necessário ponderar que a prática e o investimento de atividades estruturadas é importante no desenvolvimento das experiências esportivas, porém o tempo gasto nessas atividades não é o único fator que distingue o sucesso no esporte. As horas gastas em jogos deliberados também contribuem (BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008).

Durante o processo de desenvolvimento esportivo, alguns autores (EHRET ET AL., 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; GRECO; SILVA; GRECO, 2012) trazem estágios/etapas caracterizadas pela faixa etária: até os 12 anos pode ser tratada como “Formação Básica”, “Anos de Amostragem” ou “Universalidade”, até os 14 anos “Treinamento Básico”, “Anos de Especialização” e “Orientação” e até os 16 anos “Treinamento de Formação”, “Anos de investimento” e “Direção”, respectivamente.

Considerando as interações existentes, tanto nos anos de especialização (sub-14) quanto nos anos de investimento (sub-17) os treinamentos devem conter elementos mais

específicos da modalidade quando comparados aos anos de amostragem (sub-12) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Em ambas categorias em relação aos métodos de ensino, o ensino dos jogos por meio da compreensão, trazido no texto como princípios do TGfU, é o priorizado e utilizado durante os treinos, com exceção do desenvolvimento de atividades relacionadas a elementos defensivos individuais na categoria sub-14 masculina que essa ideia fica dividida com os métodos tradicionais. No restante dos aspectos coletivos individuais, ofensivos e defensivos os métodos tradicionais apesar de aparecerem não são priorizados, sendo que na categoria sub-16 masculina levando em consideração as variáveis defensivas coletivas o método tradicional não é citado.

Ao priorizarem elementos relacionados ao tema 3 “aspectos cognitivos e tomada de decisão” os treinadores corroboram com a literatura que diz que nesta faixa etária é importante que os jogadores consigam desenvolver as capacidades cognitivas (GRECO; SILVA; GRECO, 2012). Além disso, treinadores em diferentes falas trazem a variabilidade dos postos específicos durante os treinamentos, ideia totalmente plausível levando em consideração a literatura existente, visto que nesta categoria os jogadores devem aprender e ter um repertório motor variado, sem que haja especialização em postos específicos (EHRET et al., 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

O contexto complexo e imprevisível do jogo e as relações entre os jogadores requerem ações específicas frente às situações-problema encontradas. A resolução dos problemas está diretamente ligada a um estado inicial e um estado final esperado (objetivo), em que o jogador procura possíveis caminhos para progredir até alcançá-lo. A compreensão está relacionada com as articulações funcionais que terão um significado, para que depois exista a ação, que é a execução das tomadas de decisões (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995). A tomada de decisão e os aspectos cognitivos estão diretamente ligados às ações que os jogadores devem ter durante os treinos e os jogos para que se adequem ao ambiente, pode ser um dos motivos que em todos os discursos surge a temática 3, pois não é possível dissociar este processo do comportamento dos jogadores.

Estudos em diferentes modalidades (ANDRADE et al., 2005; GIACOMINI; GRECO, 2008; GALLEG0 et al., 2010; MENEZES; REIS, 2010; ARIAS et al., 2011; PORATH et al., 2012; SAAD; NASCIMENTO; MILISTETD, 2013; CLAVER et al., 2015; GONÇALVES et al., 2016) trazem que quanto maior o tempo de prática na modalidade maior é o nível de desenvolvimento dos aspectos cognitivos, desempenho

técnico-tático, tomada de decisão e eficácia. Em contrapartida, Macedo (2015) traz que o tempo de prática não é um fator isolado para o desempenho do conhecimento tático declarativo, pois os métodos de ensino utilizados pelos treinadores são influentes para o desenvolvimento do atleta.

É importante salientar que diversos são os fatores (intrínsecos e extrínsecos) que influenciam o sucesso e a carreira do atleta no esporte. Por isso é importante que o treinador, como um mediador do processo de ensino-aprendizagem possibilite meios para que seja prazeroso para o atleta. Em um estudo realizado por Lima (2018) sobre carreira esportiva de atletas de alto nível foi possível identificar que ao longo da carreira dessas atletas elementos como as características pessoais, influência contextual e os relacionamentos interpessoais influenciaram o processo de desenvolvimento no esporte. Essa relação do treinador com o atleta, citada anteriormente, está inserida nos relacionamentos interpessoais e pode influenciar em situações positivas e negativas.

Por isso é valioso que o ensino do handebol não deve ser restrito à automatização dos gestos técnicos, mas deve objetivar que o jogador consiga, através do desenvolvimento da inteligência, realizar boas tomadas de decisão para resolver os problemas ocorrentes durante o jogo. Para realizar as tarefas é importante que o jogador conheça as habilidades necessárias para se adaptar às novas configurações que o jogo oferece (táticas) (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 1995; MENEZES; REIS; MORATO, 2016).

Os treinadores devem saber a importância do desenvolvimento do jogador não visando a especialização em postos específicos e em determinados sistemas (MENEZES, REIS, TOURINHO, 2015). Nas categorias abordadas nesta pesquisa é importante que sejam trabalhadas as variáveis e os elementos importantes no desenvolvimento do atleta no jogo, para que somente nas próximas categorias se inicie e conclua o processo de especialização, quando necessário.

CONCLUSÃO

Partindo inicialmente da revisão sistemática é possível identificar uma lacuna frente a trabalhos pedagógicos realizados com categorias de base agregando os conteúdos de jogo e os métodos de ensino, sendo o objetivo central desta pesquisa.

Tendo como objetivo identificar o processo de ensino-aprendizagem durante a formação dos jogadores nas categorias sub-14 e sub-16 e comparar os conteúdos e métodos de ensino priorizados pelos treinadores, os resultados apontam que para os elementos ofensivos individuais o tema 3 “aspectos cognitivos e tomada de decisão” foi o preferido entre todas as categorias, tendo somente na categoria sub-14 feminina o tema 1 “fundamentos técnico-táticos individuais”. Para os aspectos coletivos ofensivos a preferência ficou dividida entre os temas 2 “meios táticos de grupo” e o tema 3, somente na categoria sub-16 masculina que todos os temas foram elencados como importantes.

Para os elementos defensivos, individualmente o tema 3 é priorizado pelos treinadores, surgindo o tema 1 somente na categoria sub-16 masculina e o tema 2 na sub-16 feminina. Já para os elementos defensivos coletivos, há preferência por elementos do tema 2, com aparições do tema 3 nas categorias femininas.

Sendo assim, no geral em ambas as fases (ofensivas e defensivas), considerando os aspectos coletivos e individuais, há uma preferência pelo desenvolvimento de aspectos relacionados à cognição e tomada de decisão. Apesar da preferência pelos aspectos cognitivos e tomada de decisão, os meios táticos de grupo também são ponderados como importantes, sendo que os fundamentos técnico-táticos são elencados esporadicamente.

Não é possível afirmar que este seja um padrão a ser seguido, visto que as ideias em algumas categorias não seguem uma linearidade. Fato este que talvez possa ser justificado, através dos dados, pelo tempo de experiência dos treinadores, que varia bastante e isto pode estar diretamente relacionado à preferência dos métodos de ensino e aos elementos priorizados em cada categoria. Sendo que algumas respostas não foram possíveis de serem analisadas e classificadas de acordo com os temas específicos.

Corroborando com a ideia de Menezes et al. (2018) que trazem que na categoria sub-16 as habilidades do jogo são importantes durante o treinamento e que estão relacionadas à compreensão dos aspectos táticos e à tomada de decisão. A partir da opinião dos treinadores entrevistados neste trabalho é possível que afirmar que a preocupação com aspectos cognitivos também está presente na categoria sub-14.

A pouca preferência dos métodos tradicionais de ensino faz sentido pelo “o que” os treinadores buscam desenvolver e que seus jogadores saibam fazer em ambas as fases. Por não trazerem elementos contextualizados ao jogo e não desenvolverem a inteligência necessária que seja aplicada às situações ocorrentes, os métodos tradicionais têm pouco a contribuir nas características almejadas para os jogadores. A busca pelo desenvolvimento de capacidades do jogo como inteligência, leitura de jogo, e outros elementos cognitivos

que proporcionem uma boa tomada de decisão por parte do atleta é justificada pela preferência da utilização do TGfU, como pôde ser observada nos resultados.

Cada vez mais fica evidente que o TGfU, assim como outros métodos ativos/alternativos podem contribuir mais no processo de formação dos jogadores quando há conhecimento por parte do treinador, que é a figura que guia o processo de aprendizagem e propicia exercícios que coloquem o aluno no centro do processo. Porém, torna importante ponderar sobre o conhecimento que os treinadores têm frente aos métodos de ensino e se os exercícios são aplicáveis para o que desejam desenvolver nos atletas. Podemos observar muitas vezes ideias contraditórias frente ao “o que é importante para os jogadores” e “como desenvolver isso”, tornando um ponto curioso e muitas vezes difícil de mensurar esse real conhecimento tanto das definições e compreensão dos elementos citados quanto da aplicação do método de ensino.

A formação dos treinadores e a busca pelo conhecimento vão interferir diretamente nos exercícios realizados em treinos. A CBHb apesar de almejar e intencionar uma “Escola Nacional para treinadores”, cursos de especialização, interações sociais com professores universitários, livro e revista científica (UEZU, 2014) não conseguiu realizar tais ações. É sabido que há pouca ou nenhuma contribuição na formação contínua dos treinadores por parte da FPHb e CBHb (MUSA et al., 2017) colaborando pouco para o desenvolvimento do treinador e, conseqüentemente, para os atletas. Até 2014 foi identificado que as políticas para o esporte financiaram somente o topo da pirâmide esportiva, privilegiando o esporte de alto rendimento principalmente em competições e treinamentos, não fomentando e ampliando para as categorias de base da modalidade (CAMARGO, 2016). Uma das ações realizadas pela CBHb para buscar novos talentos e proporcionar que os treinadores participem dos treinos são os Acampamentos Nacionais e melhoria técnica, porém, são realizados com grupos seletos tanto atletas quanto treinadores e os treinamentos são realizados a partir de um modelo proposto por um treinador considerado mais experiente (da categoria adulta nacional) (AMORIM, 2017), ou seja, na maioria das vezes aplicam o modelo de jogo do adulto nas categorias de base e assim “selecionar os talentos”. Sendo assim, o panorama da formação continuada e do suporte fornecido pelas entidades responsáveis pelo handebol não é favorável, sendo que os treinadores precisam fazer valer outros meios para adquirir o conhecimento necessário para sua prática e, por isso, pode ser que muitas vezes a definição e a aplicabilidade dos exercícios acabam sendo distorcidas ao longo do processo.

Dessarte, esta pesquisa contribui para identificar o panorama nacional de teses e dissertações sobre o handebol, além de identificar dentro da área pedagógica os assuntos investigados e as possíveis lacunas, buscando auxiliar em futuras pesquisas. Além disso, o conhecimento sobre as categorias de base, os elementos do jogo e os métodos de ensino trabalhados são de importante subsídio para o handebol, servindo como apoio para o desenvolvimento em longo prazo na modalidade e surgindo novos argumentos para discussões na mesma. Além de ponderar que a utilização do TGfU (e outros métodos ativos) fornecem melhores acessos para o desenvolvimento dos atletas.

LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS

Apesar de abranger um grande número de treinadores da competição, não foi possível o contato e a entrevista com todos.

Como estudos futuros sugerimos continuar os processos com as categorias acima (sub-18 e adulta) e buscar o panorama de outras regiões do país, além de um estudo longitudinal com os treinadores, acompanhando os treinos para comparar a teoria e a prática.

Um estudo sobre o conhecimento dos treinadores sobre os termos utilizados, os conteúdos aplicados e os métodos utilizados justificaria e subsidiaria o processo de entendimento mais abrangente das categorias.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Ó. G. Análisis de la producción científica en balonmano en las revistas de la Web of Science. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v.10, n.2, p.77-88, 2014.
- AMORIM, A. M. **Desenvolvimento tático-técnico no handebol masculino: estratégias utilizadas nos acampamentos nacionais promovidos pela confederação brasileira de handebol**. 27/11/2017 undefined f. Doutorado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ANDRADE, A. et al. Relação entre tempo de reação e o tempo de prática no tênis de campo. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v.10, n.86, 2005.
- ARIAS, A. G. et al. El conocimiento declarativo y procedimental en voleibol: ¿Es determinante la categoría de juego para su desarrollo?. **European Journal of Human Movement**, v.27, p.117-130, 2011.
- ARIOSI, L. M.; MENEZES, R. P. O processo de ensino-aprendizagem-treinamento defensivo na opinião de treinadores de basquetebol da categoria sub-13. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n.4, 2016.
- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, v.1, p.285-314, 2005.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BERRY, J. ABERNETHY, B.; CÔTÉ, J. The contribution of structured activity and deliberate play to the development of expert perceptual and decision-making skill. **Journal of sport and exercise psychology**, v.30, n.6, p.685-708, 2008.
- BETTI, M. et al. In search of the autonomous and critical individual: a philosophical and pedagogical analysis of the physical education curriculum of São Paulo (Brazil). **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.20, n.4, p.427-441, 2015.
- BOWES, I.; JONES, R.L. Working at the edge of chaos: Understanding coaching as a complex, interpersonal system. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, p. 235-245, 2006.
- BRASIL, I.B.G. **O saber para praticar do jogo de handebol na educação física escolar: recursos avaliativos para o ensino médio**. 04/02/2016 236 f. Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Bauru, 2016.
- BRASIL, V. Z. et al. As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. **Movimento**, v.22, n.2, p.403-416, 2016.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **A prática de esporte no Brasil**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>>. Acesso em: 13 dez. 2018.
- BRASIL. Ministério dos Esportes. Decreto-lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. **Lei Pelé**. Diário Oficial Federal. Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v.3, n.2, p.77-101, 2006.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? **International journal of qualitative studies on health and well-being**, v.9, 2014.
- BUNKER, D.; THORPE, R. The curriculum model. **Rethinking games teaching**, p.7-10, 1986.

- CAGLIARI, M. S. **Pedagogia do esporte e tic:** contribuições para o ensino do handebol na educação física escolar. 30/04/2018 106 f. Mestrado em desenvolvimento humano e tecnologias. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2018.
- CALEGARI, D.R. **Capacitação de treinadores no Handebol brasileiro:** a complexidade como alternativa de superação do modelo técnico-linear. 01/07/2002 87 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
- CAMARGO, P.R. **O desenvolvimento do handebol brasileiro a partir das políticas públicas do governo federal: da iniciação ao alto rendimento.** 26/02/2016 124 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- CAPES. **Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011-2020.** Relatório Final 2016. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/231117-Relatorio-PNPG-Final-2016-CS.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.
- CAPES. **Dados Cadastrais do Programa.** Brasília, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.
- CAPES. Plataforma Sucupira. **Cursos Avaliados e Reconhecidos.** Brasília, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoRegiao.xhtml>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.
- CAPES. Plataforma Sucupira. **Cursos Avaliados e Reconhecidos.** Brasília, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.xhtml?areaAvaliacao=21>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.
- CASTRO, D. **A concepção estratégico-tática no handebol:** implicações para a formação de jogadores inteligentes. 21/10/2013 undefined f. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- CLAVER, F. et al. El conocimiento procedimental en jugadores de voleibol de categoría infantil. **SPORT TK-Revista EuroAmericana de Ciencias del Deporte**, v.4, n.1, p.41-48, 2015.
- CORRÊA, M.R.D.; CORRÊA, L.Q.; RIGO, L.C. A pós- graduação na educação física brasileira: condições e possibilidades das subáreas sociocultural e pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2018.
- COSTA, I. T. et al. Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.657-668, 2009.
- COSTA, I.T. et al. O Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, v.10, p.69-77, 2010.
- COSTA, L.C.A.; NASCIMENTO, J.V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Journal of Physical Education**, v.15, n.2, p.49-56, 2008.
- CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology**, v.3, p.184-202, 2007.
- CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. Play and practice during childhood. **Conditions of children's talent development in sport**, p.9-20, 2013.
- CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. Em P. Crocker (Ed.), **Sport psychology: A Canadian perspective**, p. 270–298, 2007.
- CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v.29, p.S63-S69, 2014.

- CUNHA, A. F. V. P. et al. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Movimento**, v.20, n.3, p.917-940, 2014.
- CUNHA, A.F.V.P.; ESTRIGA, M.L.D.; BATISTA, P.M.F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Movimento**, v.20, n.3, p.917-940, 2014.
- DALLEGRAVE, E.J. **Estrutura das tarefas de treinamento técnico-tático nas categorias de formação do handebol feminino**. 14/07/2017 undefined f. Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- DALLEGRAVE, E.J.; MENDES, J.C.; NASCIMENTO, J.V. Estrutura organizativa do processo de treinamento técnico-tático nas categorias de formação no handebol feminino. **E-Balonmano**, v.14, n. 2, 2018.
- DE ALMEIDA, F.Q. et al. Revista Brasileira de Ciências do Esporte: encerrando um ciclo editorial. **Motrivivência**, v.30, n.54, p.74-89, 2018.
- EHRET, A. et al. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- ELLIOT, D.L.; CAMPBELL, T. 'Really on the ball': exploring the implications of teachers' PE-CPD experience. **Sport, Education and Society**, v.20, n.3, p.381-397, 2015.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE HANDEBOL. **História do handebol no Brasil**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://fphand.com.br/home/historia-do-handebol-no-brasil/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.
- FERRARI, W. et al. Comparative Analysis of the Performance of the Winning Teams of the Handball World Championship: Senior and Junior Levels. **International Journal of Sports Science**, v.8, n.2, p. 43-49, 2018.
- FEU MOLINA, S. et al. El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. **Revista de Psicología del Deporte**, v.21, n.1, 2012.
- FEU MOLINA, S. **Organización didáctica del processo de enseñanza-aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano**. 2006.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.
- GALLEGO, D. I. et al. Expertise development in sport: contributions under cognitive psychology perspective. **Journal of Human Sport and Exercise**, v.5, n.3, p.462-475, 2010.
- GALVÃO, T.F.; PANSANI, T.S.A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.24, p.335-342, 2015.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2ed. Porto: Universidade do Porto; Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, p.11-26, 1995.
- GIACOMINI, D. S.; GRECO, P. J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, Porto, v. 8, n. 1, p. 126-136, 2008.
- GIRARDI, V.L. **Lazer, inclusão e autonomia de pessoas com deficiência intelectual na cidade de Curitiba, PR: entre a cidade de todos e a cidade para todos**. 22/02/2017 220 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- GOMES, F.; VOLOSSOVITCH, A.; FERREIRA, A.P. Efeitos do pedido de timeout de equipa na performance colectiva no andebol em função do contexto do jogo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 2, p. 413-421, 2018.
- GONÇALVES, L. G. C. et al. Caracterização do perfil de jovens jogadores de futebol: uma análise das habilidades técnicas e variáveis antropométricas. **Motricidade**, v. 12, n.2, 2016.

- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.2, n.5, p.67-79, 2002.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.7, n.3, p.401-421, 2007.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In: TAVARES, F. (Org.). **Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar**. Portugal: FADEUP, 2015, 2ª ed., p. 9-54.
- GRECO, P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K. (org.) **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde Ltda, 2001, cap.3, p.48-72.
- GRECO, P.J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**, 1995. 238f. Tese (Doutorado em Educação na Área de Concentração Psicologia Educacional) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- GRECO, P.J.; SILVA, S.A.; GRECO, F.L. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB). In: GRECO, P.J.; ROMERO, J.F. (org.) **Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte editora, 2012, 1.ed, p.235-250.
- GRÉHAIGNE, J.F.; GODBOUT, P. Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. **Quest**, v.47, n.4, p.490-505, 1995.
- HIGGINS, J.; GREEN, S. - editors. Cochrane handbook for systematic reviews of interventions. **West Sussex: John Wiley & Sons Ltd**, 2008.
- HOLT, N. L.; STREAN, W.B.; BENGOCHEA, E. G. Expanding the teaching games for understanding model: New avenues for future research and practice. **Journal of teaching in Physical Education**, v. 21, n. 2, p. 162-176, 2002.
- HOPPER, T.; KRUISSELBRINK, D. Teaching games for understanding: What does it look like and how does it influence student skill learning and game performance. **Avante**, 2002.
- KRAHENBÜHL, T. et al. Produção científica sobre o ensino do handebol na educação física escolar. **Revista Corpoconsciência**, v.22, n.3, p.74-85, 2018.
- LEAO, I.C.S. **Validação e aplicação de um protocolo do nível de conhecimento tático declarativo no handebol**. 08/05/2015 undefined f. Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- LEONARDO, L. **Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de são paulo: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações**. 18/05/2018 undefined f. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A.J. Oito anos de adaptações competitivas na federação paulista de handebol: um estudo documental da categoria sub-14. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 75-92, 2018.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A.J.; REVERDITO, R.S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v.15, n.2, p.236-246, 2009.
- LIMA, L.A. **Carreira esportiva: um estudo com atletas de excelência**. 02/07/2018 undefined f. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- LOPEZ, L.A.; DA SILVEIRA, R.; STIGGER, M.P. O campo da Educação Física visto a partir da produção acadêmica sobre voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.38, n.3, p.235-242, 2016.
- MACEDO, T. L. Comparação do conhecimento tático declarativo de jogadores de futsal das categorias de base. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.7, n.24, p.141-147, 2015.

- MANOEL, E.J.; CARVALHO, Y.M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v.37, n.2, p.389-406, 2011.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARQUES, M.A. **O ensino dos conteúdos ofensivos e defensivos do futsal**: opiniões dos treinadores das categorias sub-12, sub-14 e sub-16 do estado de São Paulo. 2018. Mestrado em Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.
- MARQUES, R.F.R. **Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica**. 01/12/2007 243 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- MARQUES, R.F.R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias [The concept of sport as a global phenomenon: Plurality and controversies]. **Revista Observatorio del Deporte**, v.1, p.147-185, 2015.
- MARQUES, R.F.R.; GUTIERREZ, G.L.; DE ALMEIDA, M.A.B. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**, v.6, n.2, 2008.
- MATIAS, C.J.; GRECO, P.J. Cognição & ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, v.15, n.1, p.252-271, 2010.
- MAZZARDO, T. **O desempenho tático-técnico no handebol e a percepção de competência de escolares após um programa de ensino por meio da compreensão**. 21/03/2018 111 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.
- MENDES, J.C. **O processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol no estado do Paraná: um estudo da categoria infantil**. 01/03/2006 102 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- MENEZES, R.P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13.1, 2010.
- MENEZES, R.P. Das situações ao jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, v.17, n.1, p.39-47, 2011.
- MENEZES, R.P. **Modelo de Análise Técnico-Tática do Jogo de Handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 01/04/2011 227 f. Doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- MENEZES, R.P. Possibilidades de ensino-aprendizagem no handebol: análise do sistema defensivo 3: 3. **Cadernos de Formação RBCE**, v.4, n.1, p.70-82, 2013.
- MENEZES, R.P. Ensino do handebol em longo prazo: estudo a partir da opinião de treinadores. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 2, p. e048-e048, 2018.
- MENEZES, R.P. et al. Teaching handball to U-16 and U-18 women's teams: coaches' perspective on the long-term. **Motriz**: Revista de Educação Física, v.24.4, 2018.
- MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, v.20, n.1, p.351-373, 2014.
- MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.; NUNOMURA, M.. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. **Movimento**, v.21, n.2, p.463, 2015.
- MENEZES, R.P.; MORATO, M.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol na perspectiva de técnicos experientes: categorias de análise ofensivas. **Revista da Educação Física/UEM**, v.26, n.1, p.11-20, 2015.
- MENEZES, R.P.; MORATO, M.P.; REIS, H.H.B. O handebol, seu cenário imprevisível e os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento. **E-balonmano.com**: Revista de Ciencias del Deporte, v. 12, n. 2, p. 165-176, 2016.

- MENEZES R.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, v.16, n.2, p.458-467, 2010.
- MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Os discursos dos treinadores de handebol sobre as variáveis individuais e coletivas determinantes para o jogo ofensivo e as possíveis relações com o contexto pedagógico. **Journal of Physical Education**, v.28, n.1, p.2818, 2017.
- MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B.; TOURINHO FILHO, H. Ensino-aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. **Movimento**, v.21, n.1, p.261-273, 2015.
- MENEZES, R.P.; SOUSA, M.S.S.; BRAGA, J.W.C. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim em instituições não-formais de ensino: concepções e metodologias. **Conexões**, v.9, n.2, p.49-69, 2011.
- MESQUITA, I. et al. Handball coaches' perceptions about the value of working competences according to their coaching background. **Journal of Sports Science & Medicine**, v.10, n.1, p.193, 2011.
- MODOLO, F. **A Formação esportiva do goleiro de handebol**: características apontadas pelos treinadores da categoria sub-16. 12/01/2018 127 f. Mestrado em Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.
- MODOLO, F. et al. Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v.23, n.4, p.1203-1216, 2017.
- MODOLO, F.; BELTRAMINI, L.; MENEZES, R.P. Revisão sistemática sobre o processo de ensino e de análise do goleiro de handebol. **Cuadernos de psicología del deporte**, v.18, n.3, p.235-252, 2018.
- MORALES, J.C.P.; GRECO, P.J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.21, n.4, p.291-299, 2007.
- MUSA, V., et al. Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, p. 298-306, 2017.
- NAVARRO, A.C. Produção científica Brasileira da Pedagogia do Esporte sobre o handebol. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.3, n.10, 2011.
- PINHO, S.T. **Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares**. 01/03/2009 100 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
- PINTO, V.M. **O Jogo como uma Proposta Metodológica para o Ensino e Aprendizagem de Habilidades Motoras Específicas do Handebol**. 01/11/2005 79 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- PORATH, M. et al. Nível de desempenho técnico-tático e experiência esportiva dos atletas de voleibol das categorias de formação. **Revista da educação física/UEM**, Maringá, v.23, n.4, 2012.
- PRIETO, J.; GÓMEZ, M.; SAMPAIO, J. From a static to a dynamic perspective in handball match analysis: a systematic review. **The Open Sports Sciences Journal**, v.8, n.1, 2015.
- PRUDENTE, J.; GARGANTA, J.; ANGUERA, M.T. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.3, p.49-65, 2004.
- RAMOS, A.M.; NEVES, R.L.R. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade—notas introdutórias. **Pensar a prática**, v.11, n.1, p.1-8, 2008.
- RIBEIRO, P.H. **A participação nas competições intercolégiais de Handebol e o desenvolvimento no esporte**. 01/01/2006 96 f. Mestrado em Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2006.

- RODENBUSCH, C.B. **Ações pedagógicas voltadas para a estimulação da inteligência corporal cinestésica e as habilidades motoras de adultos médios e tardios.** 01/12/2009 109 f. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SAAD, M. A.; NASCIMENTO, J. V.; MILISTETD, M. Nível de desenvolvimento técnico-tático de jovens jogadores de futsal, considerando a experiência esportiva. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.24, n.4, p.535-544, 2013.
- SAAR, J.F. **Comunicação estratégica de ies através do handebol de alto rendimento.** 26/04/2016 410 f. Doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.
- SAMPAIO, R. F; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. Fisioterapia**, v.11, n.1, p.83-89, 2007.
- SANTOS, H.P. **O Ensino do Handebol na 1a. Série do Ensino Médio em Escolas Públicas de Catalão-Goiás.** 01/12/2002 77 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SANTOS, W. R.; MENEZES, R. P. A especialização esportiva de jogadores de linha e goleiros de handebol na visão de treinadores experientes. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, n.2, p. 47-61, 2019.
- SÃO PAULO. Federação Paulista de Handebol. **Regulamentos.** Disponível em <<http://fpband.com.br/home/promocoes/>>. Acesso em: 01 de agosto de 2018.
- SARMENTO, H. et al. Patterns of Play in the Counterattack of Elite Football Teams-A Mixed Method Approach. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, n.2, p. 411-427, 2014.
- SILVA, T.F.R. **Conhecimento declarativo técnico-tático no handebol entre estudantes.** 06/02/2017 133 f. Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Bauru, 2017.
- SIMÕES, A.C. **Estudo do comportamento dos técnicos de handebol.** 01/07/1987 80 f. Mestrado em Educação Física. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- SISTO, F.; GRECO, P.J. Comportamento tático nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.9, n.1, p.63-68, 1995.
- SOUZA, C.R.B.C. et al. Quais comportamentos táticos de jogadores de futebol da categoria sub-14 podem melhorar após 20 sessões de treino?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 1, 2013.
- TEOLDO, I.C. et al. O Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista palestra**, v. 10, p. 69-77, 2010.
- TERRA, D.V. **O ensino crítico-participativo no contexto das disciplinas técnico-desportivas nos cursos de licenciatura em educação física: análise do impacto de um projeto de ensino no handebol.** 01/08/1996 128 f. Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996.
- THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2012.
- UEZU, R. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional.** 29/08/2014 114 f. Doutorado em Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- WERNER, P.; THORPE, R.; BUNKER, D. Teaching games for understanding: Evolution of a model. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v.67, n.1, p.28-33, 1996.

ANEXOS

Anexo A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: O DISCURSO DE TREINADORES DE HANDEBOL DO ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO EM DIFERENTES CATEGORIAS

Pesquisador: Rafael Pombo Menezes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 39796814.8.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.410.003

Apresentação do Projeto:

O presente projeto versa sobre o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) nas etapas de formação esportiva de handebol e os indicativos sobre a distribuição dos conteúdos ao longo desse processo. É um estudo exploratório, de abordagem qualitativa utilizando o Discurso do Sujeito Coletivo como referencial metodológico. Os participantes serão treinadores de handebol que falarão, por meio de entrevistas semiestruturadas. Será verificado o conteúdo do discurso dos treinadores de handebol de nível Regional, diante das suas expectativas em relação ao ensino dos conteúdos (defensivos e ofensivos) e os procedimentos pedagógicos adotados para melhorar a capacidade de seus jogadores de intervirem de forma inteligente em diferente cada etapa do processo de EAT.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a distribuição dos conteúdos (ofensivos e defensivos) ao longo do processo de EAT e os procedimentos pedagógicos adotados pelos treinadores de nível Regional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Esta pesquisa apresenta como risco acessar sentimentos do sujeito durante a entrevista, podendo

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
Bairro: VILA MONTE ALEGRE **CEP:** 14.040-907
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-0494 **E-mail:** cep90@usp.br

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

Continuação do Parecer: 1.410.003

causar algum tipo de emoção negativa. Caso haja alguma intercorrência o pesquisador providenciará todo o suporte necessário. Já o benefício relacionado à participação dos treinadores será de possibilitar a ampliação dos horizontes de conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte, em específico para o handebol nacional”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está apresentado com fundamentação teórica e metodológica adequadas, sustentado por revisão da literatura atual. O tema é relevante e pertinente à área da educação física e do comportamento humano. Os aspectos éticos fundamentais para pesquisas com seres humanos estão claros no projeto:

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios são adequados e foram devidamente apresentados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as solicitações foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS n.º 466/2012, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais (parciais e final, em função da duração da pesquisa);
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;
- 4) Caso haja instituição(ões) coparticipante(s) no projeto, atender a solicitação da carta n.º 0212/CONEP/CNS, de 21 de outubro de 2010.

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
 Bairro: VILA MONTE ALEGRE CEP: 14.040-907
 UF: SP Município: RIBEIRÃO PRETO
 Telefone: (16)3315-0494 E-mail: cep90@usp.br

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

Continuação do Parecer: 1.410.003

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_650777 E1.pdf	07/01/2016 10:10:00		Aceito
Outros	Emenda.docx	07/01/2016 10:09:14	Rafael Pombo Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - corrigido.docx	07/01/2015 14:49:18		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	11/12/2014 11:03:58		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MENEZES, RP (2015) Projeto de Pesquisa - CEP2.docx	11/12/2014 11:03:52		Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto.pdf	11/12/2014 08:56:14		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRÃO PRETO, 15 de Fevereiro de 2016

Assinado por:

Carlos Roberto Bueno Júnior
(Coordenador)

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-907

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-0494

E-mail: cep90@usp.br

Anexo B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

O(A) Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada “Ensino-aprendizagem-treinamento do handebol na categoria sub-14: discursos de treinadores do âmbito escolar”**, que tem como **objetivos** identificar os conteúdos ministrados pelos treinadores e os procedimentos pedagógicos utilizados durante os treinamentos. Este estudo tem como método de produção de dados a aplicação de entrevistas com os treinadores esportivos que atuam em âmbito escolar. Esta pesquisa será desenvolvida na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, sob responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Os **dados coletados**, após leitura e aprovação de sua parte, serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os jogadores e com o clube e/ou equipe comandada.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder a entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e investigação sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo esperado para a entrevista é de 80 a 100 minutos e será aplicado pelos pesquisadores responsáveis em local e data escolhidos pelo(a) Sr(a).

O(A) Sr(a). não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. Esta pesquisa **apresenta como risco** acessar sentimentos do sujeito durante a entrevista, podendo causar algum tipo de emoção negativa. Caso haja alguma intercorrência o pesquisador providenciará todo o suporte necessário. Diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantida indenização conforme as Leis vigentes no país. O **benefício** relacionado à sua participação será de ampliar os horizontes de conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte, em específico para o handebol nacional.

O(A) Sr(a). receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisador responsável

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes. E-mail: rafaelpombo@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), Universidade de São Paulo (USP).
Avenida Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre. Ribeirão Preto/SP. Contato: (16) 3315-0349.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer prejuízo ou constrangimento e que receberei uma via do termo de consentimento livre esclarecido, sendo que essa ficará em minha posse. Para notificação de qualquer situação relacionada com a ética que não puder ser resolvida pelos pesquisadores deverei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Av. dos Bandeirantes, 3900 - Bloco 3 - Sala 16 - 14040-907 – Ribeirão Preto/SP, fone (16) 3315-0494, e-mail: cep90@usp.br.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura)

Anexo C - Instrumento de Entrevista

<u>DADOS PESSOAIS</u>
1) Qual a sua idade? 2) Possui curso de Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde? 3) Possui curso de Pós-Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde? 4) Há quanto tempo você atua como treinador? Quanto tempo em cada categoria? 5) Atua ou atuou como treinador em equipes no ambiente escolar? Em quais categorias? Por quanto tempo? Existe diferença em relação aos objetivos e procedimentos pedagógicos?
<u>FORMAÇÃO</u>
6) Você acha que a sua formação acadêmica (graduação e/ou pós-graduação) foi suficiente para dominar os conteúdos específicos que utiliza como treinador? Por que? 7) Quais foram as disciplinas que cursou na graduação/pós-graduação que considera mais importantes para a atuação como treinador? Por que? 8) Como você busca conhecimento e se prepara para sua profissão de treinador de handebol atualmente? 9) O que orienta a sua busca por essas fontes? Quais são os temas de interesse? - Você reflete sobre seu treino? Se sim, quais são os aspectos que leva em consideração? Como utiliza essas informações para momentos futuros da equipe? - Você reflete sobre os jogos da sua equipe? Se sim, quais são os aspectos considerados? Como utiliza essas informações para momentos futuros da equipe? 10) Como você vê a relação entre a formação de treinadores e a FPH/CBHb? Essas instituições contribuem para a sua formação? E as Ligas de Handebol?
<u>JOGO OFENSIVO</u>
Conteúdos, modelo e sistemas de jogo ofensivo: 11) O que você entende por modelo de jogo? 12) Fale sobre as relações entre modelo de jogo, modelo de formação do jogador e modelo de treino. 13) Qual é o seu modelo de jogo ofensivo? - Sub-questões: i. você induz ao contra-ataque? ii. de onde prefere finalizar? iii. quais são as diretrizes para os jogadores da armação? E para os pontas? E para o pivô? iv. no jogo posicionado, como deve ser selecionado o momento para o arremesso? v. quais são as diretrizes que você tem para selecionar esses sistemas de jogo? O que você estipula com seus atletas? 14) Fale um pouco sobre o que é técnica e o que é tática para você. 15) Sobre a técnica e tática individual, você acha que são comuns a todos os jogadores de quadra ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva. 16) O que você acha que seus jogadores devem saber fazer individualmente para que o ataque seja eficaz nessa categoria? Como você ensina esses conteúdos? - Como é feito em cada categoria. 17) O que você acha que seus jogadores devem saber fazer coletivamente para que o ataque seja eficaz nessa categoria? Como você ensina esses conteúdos? - Como é feito em cada categoria. 18) Qual(is) é(são) o(s) sistema(s) ofensivo(s) que você considera mais importante(s) nesta categoria? Por que? Como você ensina? -OBS: tem algum aspecto apresentado pelo adversário que o faz pensar em mudar o sistema ao longo do jogo? Quais? Como faz isso? 19) Sobre as questões motoras e de preparação física, você acha que são comuns a todos os jogadores de quadra ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva. 20) Sobre as questões antropométricas, você acha que são comuns a todos os jogadores de quadra ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva. 21) Sobre os requisitos por linha de jogo (como você pensa que deveria jogar os jogadores de cada linha ofensiva), você acha que são comuns a todos os jogadores de quadra ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva. 22) Diante de sistemas defensivos fechados, o que você espera que seus atacantes façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas que você treina? Como treina isso? 23) Diante de sistemas defensivos abertos, o que você espera que seus atacantes façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas que você treina? Como treina isso? 24) Diante de sistemas defensivos mistos, o que você espera que seus atacantes façam? Quais são as

diretrizes individuais e coletivas que você treina? Como treina isso?

- 25) Durante o processo de seleção e orientação esportiva, você acha que deve haver diferenciações por posto específico? Fale sobre sua perspectiva nas categorias de formação (sub-14 e sub-16).
- Quais são os aspectos mais relevantes para cada posto específico?
- 26) Qual é a sua opinião sobre a regra do 7º jogador? E na sua categoria, o que acha da mudança da regra?
- Como acha que influencia as diretrizes do seu jogo ofensivo? E do jogo defensivo?
- 27) Você treina a sua equipe com o 7º jogador? Como?
- 28) Você treina a sua equipe contra o 7º jogador? Como?
- 29) Quando sua equipe está em superioridade numérica no ataque, quais comportamentos são treinados?
- 30) Quando sua equipe está em inferioridade numérica no ataque, quais comportamentos são treinados?

Transição ofensiva:

- 31) Fale sobre os aspectos técnicos e táticos que você considera mais relevantes para o jogo de transição defesa-ataque.
- 32) Fale um pouco sobre o contra-ataque nessa categoria. Como você ensina isso?
- 33) Você estrutura sua transição? Se sim, quem sai em cada momento? Como isso está agregado ao seu sistema defensivo? Como ensina isso?
- Quando sua equipe recupera a bola, o que os armadores fazem? E os pontas? E os goleiros? Como você ensina isso?
- 34) Há combinações na transição? Quais? Cite exemplos de exercícios.
- 35) Como é o contragol? Sua equipe joga com essa estratégia? Como você treina isso?

JOGO DEFENSIVO

Conteúdos, modelo e sistemas de jogo defensivo:

- 36) Qual é o seu modelo de jogo defensivo?
- 37) Qual é o modelo de sistema defensivo mais interessante para o desenvolvimento das competências técnico-táticas na iniciação ao handebol (categoria sub-14 e sub-16)?
- 38) Em relação às condutas dos defensores, quando deve ajudar e quando deve pressionar? Como você ensina isso?
- 39) Sobre a técnica e tática individual, você acha que são comuns a todos os defensores ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva.
- 40) O que você acha que seus jogadores devem fazer individualmente para que a defesa seja eficaz nessa categoria? Como você ensina esses conteúdos?
- Como é feito em cada categoria.
- 41) O que você acha que seus jogadores devem fazer coletivamente para que a defesa seja eficaz nessa categoria? Como você ensina esses conteúdos?
- Como é feito em cada categoria.
- 42) Qual(is) é(são) o(s) sistema(s) e defensivo(s) que você considera(m) mais importante(s) nesta categoria? Por que? Cite um exemplo de como você ensinaria.
- 43) Sobre as questões motoras e de preparação física, você acha que são comuns a todos os defensores ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva.
- 44) Sobre as questões antropométricas, você acha que são comuns a todos os defensores ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva.
- 45) Sobre os requisitos por linha de jogo, você acha que são comuns a todos os jogadores ou específicos a cada posto? Fale sobre sua perspectiva.
 - i. O que você estabelece como diretrizes para a sua equipe diante de sistemas com 1 pivô (sistema clássico 3:3 ofensivo)? E com 2 pivôs (diferente do clássico)?
 - ii. Quais são as diretrizes gerais para a defesa? E específicas para cada posto (Externos - 1 / Laterais - 2 / Centrais - 3)
 - iii. E se houver variação do jogo ofensivo, como seus atletas devem proceder? Ex: 2 pivôs / circulação do ponta / desdobramento de algum armador
- 46) Durante o processo de seleção e orientação esportiva, você acha que deve haver diferenciações por posto específico? Fale sobre sua perspectiva.
- 47) Durante o processo de especialização esportiva, o trabalho deve ser orientado por posto específico ou feito de maneira geral? Fale sobre sua perspectiva.
- 48) Sobre as regras de cooperação, quando em uma situação de defesa 3:3, o jogador pressiona ou não a linha de passe?
 - i. Quando em uma situação de defesa 3:3, o jogador pressiona ou não a linha de passe? Como é feita a marcação do pivô? Como marca os pontas? Quando um armador finta seu marcador, o que estabelece?

<p>ii. Na defesa 5:1, o avançado evita o passe, pressiona o armador central ou segue o curso da bola? Por que?</p> <p>Transição defensiva:</p> <p>49) Fale sobre os aspectos técnicos e táticos que você considera mais relevantes para o jogo de transição ataque-defesa. Como é o retorno defensivo da sua equipe? Como você ensina isso?</p> <p>50) Você estrutura sua transição? Se sim, quem retorna em cada momento? Como isso está agregado ao seu sistema ofensivo? Cite exemplos de exercícios.</p> <p>- Quando perde a bola na ponta, como é a recuperação? E se a perda for no centro da quadra, como se dá? Cite exemplos de exercícios.</p>
<u>ASPECTOS GERAIS</u>
<p>51) O que você considera importante para ser ensinado nessa categoria? O que você ensina? Por que? Como?</p> <p>52) O que você não faria nessa categoria quando comparada com a adulta?</p>
<u>INDICADORES GERAIS</u>
<p>53) O que é inteligência pra você? Você acha que há relações entre inteligência e esporte?</p> <p>54) O que é um jogador inteligente para você? Quais são os atributos desse? Você acha possível formar jogadores inteligentes? Como?</p> <p>55) O que é especialização esportiva pra você?</p> <p>56) Com qual idade você considera ideal para o jogador jogar apenas handebol (especializar)? Por que?</p> <p>57) Com qual idade você considera ideal para especializar o jogador de handebol em um posto específico? Por que? Quais são os procedimentos metodológicos que utiliza para isso?</p> <p>58) Durante o processo de especialização esportiva, o trabalho deve ser orientado por posto específico ou feito de maneira geral? Fale sobre sua perspectiva.</p> <p>59) Se for treinador do masculino e do feminino: quais são as diferenças entre meninos e meninas nas categorias que trabalha? Como isso influencia seu treino?</p>